

DM

O Samba de Reis do Povoado de São Tomé e seus Processos Pedagógicos

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Delcir Alves Freitas

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - INOVAÇÃO PEDAGÓGICA



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

fevereiro 2023



UNIVERSIDADE da MADEIRA

Centro de Ciências Sociais

Departamento de Ciências da Educação

Mestrado em Ciências da Educação - Inovação Pedagógica

Delcir Alves Freitas

O Samba de Reis do Povoado de São Tomé e seus Processos Pedagógicos

Dissertação de Mestrado

FUNCHAL – 2023



UNIVERSIDADE da MADEIRA

Centro de Ciências Sociais

Departamento de Ciências da Educação

Mestrado em Ciências da Educação - Inovação Pedagógica

Delcir Alves Freitas

O Samba de Reis do Povoado de São Tomé e seus Processos Pedagógicos

Dissertação apresentada ao Conselho Científico do Centro de Competência de Ciências Sociais da Universidade da Madeira, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação.

Orientadores:

Doutora: Liliana Maria Gonçalves Rodrigues de Góis

Doutor: Paulo Cesar Marques de Andrade Santos

FUNCHAL – 2023

Dedico a construção dessa pesquisa com muito orgulho e emoção ao meu pai, Antônio Pereira Freitas (Tonho do Flor), homem forte, respeitado por todos e que me ensinou a não desistir e recuar da luta. Um dia meu pai disse a mim e a meus irmãos que não estudou por falta de oportunidades, mas que lutaria para que seus filhos não fossem “soldado raso”. Homem do campo, garimpeiro forte e que um dia mesmo sem leitura recebeu o diploma de Dr^o em Motores, cresceu em um rico espaço, porém sofrido, e se tornou produto e produtor do conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Os que semeiam em lágrimas segarão com alegria. Aquele que leva a preciosa semente, andando e chorando voltará, sem dúvida, com alegria trazendo consigo os seus molhos. (Salmos 126: 5 e 6). Foi assim a minha caminhada, as lutas foram incessantes, mas o Senhor me deu vitória. Ao Senhor meu Deus que foi socorro presente me permitindo fazer a colheita da sementeira que fiz.

À Universidade da Madeira que oportunizou o curso de mestrado em Inovação Pedagógica através do coordenador Carlos Nogueira Fino, Prof.^a Dr^a Liliana Maria Gonçalves Rodrigues de Góis por sua atenção e compartilhamento do conhecimento acadêmico, ao DCE por ser a entidade representativa dos estudantes e da qual faço parte. Aos meus primeiros professores e os atuais aos quais os represento através da professora Jesus Maria Angélica Fernandes Sousa.

A minha mãe Railda Alves Freitas e as suas companheiras do círculo de oração que sempre oraram por mim me encorajando me levando a persistir nessa jornada. As minhas irmãs Mirian, Dilma, Dilce, Silene, Eliana e meu irmão Jeziel que são meus amigos e pérolas da minha vida. Aos meus sobrinhos pessoas especiais em minha vida, que os represento através do Bonierque Kasteberg, Rafael dos Santos e Marcondes dos Santos.

A amiga Solange, Sol que brilhou e vai continuar brilhando em minha vida.

A igreja a qual faço parte Igreja Evangélica Assembleia de Deus, lugar onde iniciei meus primeiros passos e sigo até hoje enchendo minha alma de regozijo e prazer. Ao meu atual Pr. Isaac Pereira Borges, homem sábio que com sua paciência e forma de ouvir tem me ensinando grandes lições, Pr. Jairo Vieira dos Santos que me ensinou a ser perseverante e a acreditar que na repetição de seu discurso: “não é que vai dá... Já deu tudo certo.” Obrigada homens de Deus! Aos meus colegas de trabalho que citarei dois nomes representando todo grupo, professora Florineide Andrade de Oliveira e professora Silvia Regina Carneiro de Carvalho, professores, alunos, funcionários, gestão escolar do Colégio Municipal Davino Carneiro, comunidade em geral e o grupo de reis, obrigada pela disposição de todos, pela contribuição valorosa, e por me possibilitaram a observar a riqueza que existe naquela comunidade quilombola. A amiga e irmã Marilândia Alecrim Deus abençoe por tudo.

A todos, muito obrigada! Valeu a pena!

RESUMO

O presente estudo propõe-se a investigar as práticas pedagógicas desenvolvidas no Samba de Reis do povoado quilombola, visando a identificar inovação pedagógica neste contexto escolar, com o objetivo de compreender como se constitui o samba, buscando elementos que possibilite o desenvolvimento de ações de práticas inovadoras dentro desta educação não formal. A comunidade é oriunda de território quilombola que venera e respeita sua história e os conhecimentos culturais. Pretendeu-se, assim, investigar se as práticas desenvolvidas que contribuem para a construção de aprendizagem de forma inovadora. Com o olhar participativo do Samba de Reis, a pesquisa desenvolveu-se utilizando uma abordagem qualitativa de cunho etnográfico, busquei dentro e fora de possíveis respostas que pudessem preencher alguns questionamentos, e para tal foram utilizados registros fotográficos, observações, diário de campo, e entrevistas semiestruturadas e não estruturadas. Desta forma, ao longo da dissertação foi descrita a cultura, e a forma como os professores, os alunos e a comunidade, enquanto pares colaboradores, interagem para a solução de problemas que se apresentam no dia-a-dia e para o desenvolvimento cognitivo e sociocultural dos mesmos. Foi possível constatar que há de fato uma gama de aprendizado em todo processo, mas que como em todo movimento cultural, esta aprendizagem se faz pela repetição e observação, uma metodologia que não é diferente do tradicionalismo. O Samba de Reis mesmo garante a perpetuação da identidade, mas para, além disso, é uma forma de ecoar sua existência como gente, como povo e como cidadão.

Palavra – chave: Folia de Reis, Identidade Cultural, Inovação Pedagógica.

ABSTRACT

The present study proposes to investigate the pedagogical practices developed in the Samba de Reis of the town of quilombola, aiming to identify pedagogical innovation in this school context, with the objective of understanding how samba is constituted, seeking elements that enable the development of actions innovative practices within this non-formal education. The community comes from a quilombola territory that venerates and respects its history and cultural knowledge. It was intended, therefore, to investigate whether the developed practices that contribute to the construction of learning in an innovative way. With the participative look of Samba de Reis, the research was developed using a qualitative approach of ethnographic nature, I searched inside and outside of possible answers that could fill some questions, and for this, photographic records, observations, field diary, and semi-structured and unstructured interviews. In this way, throughout the dissertation, the culture was described, and the way in which teachers, students and the community, as collaborating peers, interact to solve problems that arise in daily life and for cognitive and sociocultural of the same. It was possible to verify that there is in fact a range of learning in the entire process, but that, as in any cultural movement, this learning is done through repetition and observation, a methodology that is no different from traditionalism. Samba de Reis itself guarantees the perpetuation of identity, but beyond that, it is a way of echoing their existence as people, as people and as citizens.

Keyword: Folia de Reis, Cultural Identity, Pedagogical Innovation.

RESUMEN

El presente estudio propone investigar las prácticas pedagógicas desarrolladas en la Samba de Reis de la localidad quilombola, con el objetivo de identificar la innovación pedagógica en este contexto escolar, con el objetivo de comprender cómo se constituye la samba, buscando elementos que permitan el desarrollo de acciones. prácticas innovadoras dentro de esta educación no formal. La comunidad proviene de un territorio quilombola que venera y respeta su historia y conocimiento cultural. Se pretendía, por tanto, investigar si las prácticas desarrolladas contribuyen a la construcción de aprendizajes de forma innovadora. Con la mirada participativa de Samba de Reis, la investigación se desarrolló utilizando un enfoque cualitativo de carácter etnográfico, busqué dentro y fuera de posibles respuestas que pudieran llenar algunas preguntas, y para ello, registros fotográficos, observaciones, diario de campo y semi-entrevistas estructuradas y no estructuradas. De esta manera, a lo largo de la disertación, se describió la cultura, y la forma en que docentes, estudiantes y la comunidad, como pares colaboradores, interactúan para resolver problemas que surgen en la vida cotidiana y para los cognitivos y socioculturales de la misma. Se pudo constatar que efectivamente existe un abanico de aprendizajes en todo el proceso, pero que, como en cualquier movimiento cultural, este aprendizaje se realiza a través de la repetición y la observación, metodología que no se diferencia del tradicionalismo. La propia Samba de Reis garantiza la perpetuación de la identidad, pero más allá de eso, es una forma de hacerse eco de su existencia como personas, como personas y como ciudadanos.

Palabra clave: Folia de Reis, Identidad Cultural, Innovación Pedagógica.

RÉSUMÉ

La présente étude propose d'étudier les pratiques pédagogiques développées dans la Samba de Reis de la ville quilombola, visant à identifier l'innovation pédagogique dans ce contexte scolaire, dans le but de comprendre comment la samba est constituée, en recherchant des éléments qui permettent le développement d'actions pratiques innovantes au sein de cette éducation non formelle. La communauté est issue du territoire quilombola qui vénère et respecte son histoire et ses connaissances culturelles. Il s'agissait donc de rechercher si les pratiques développées contribuent à la construction des apprentissages de manière innovante. Avec le regard participatif de Samba de Reis, la recherche s'est développée selon une approche qualitative de nature ethnographique, j'ai cherché à l'intérieur et à l'extérieur des réponses possibles qui pourraient répondre à certaines questions, et pour cela, relevés photographiques, observations, carnet de terrain, et semi-entretiens structurés et non structurés. De cette façon, tout au long de la thèse, la culture a été décrite et la manière dont les enseignants, les étudiants et la communauté, en tant que pairs collaborateurs, interagissent pour résoudre les problèmes qui se posent dans la vie quotidienne et pour les aspects cognitifs et socioculturels de la même. Il a été possible de vérifier qu'il y a bien une gamme d'apprentissages dans l'ensemble du processus, mais que, comme dans tout mouvement culturel, cet apprentissage se fait par la répétition et l'observation, une méthodologie qui n'est pas différente du traditionalisme. La Samba de Reis garantit elle-même la perpétuation de l'identité, mais au-delà, c'est une manière de faire écho à leur existence en tant que peuple, en tant que peuple et en tant que citoyens.

Mot-clé : Folia de Reis, Identité Culturelle, Innovation Pédagogique.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa do Município de Campo Formoso por região.....	39
Figura 2 - Mapa do Povoado quilombola Município de Campo Formoso – Bahia.....	40
Figura 3 - Imagem aérea do povoado quilombola.....	41
Figura 4 – Quadra Poliesportiva.....	42
Figura 5 – CMDC.....	51
Figura 6 – Casa do Srº J. R. (local do reisado).....	52
Figura 7 – Srº J. R. (Casa de d. Nem).....	101
Figura 8 – Encontro dos irmãos J. R. e Neu.....	102
Figura 9 – Casa de J. R.....	103
Figura 10 – Praça João Gonzaga.....	107
Figura 11 – Sr.Peixe.....	110

LISTA DE SIGLAS

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

CMDC – Colégio Municipal Davino Carneiro

ENSPS – Escola Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

CMR – Creche Maria Rodrigues

CA – Câncer

EJA – Educação de Jovens e Adultos

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	v
RESUMO.....	vi
ABSTRACT	vii
RESUMEN	viii
RÉSUMÉ	ix
LISTA DE FIGURAS.....	x
LISTA DE SIGLAS.....	xi
PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais.....	xi
INTRODUÇÃO	1
1. Problemática.....	3
2. Estrutura do estudo.....	4
CAPÍTULO 1 – A NACIONALIDADE DA FOLIA DE REIS E A FUNCIONALIDADE DO REISADO DO POVOADO QUILOMBOLA NA ATUALIDADE	8
1.1 A folia de reis e o Reisado do povoado quilombola	8
1.2 – A folia de reis	9
1.3 O Reisado do povoado quilombola	12
CAPÍTULO 2 - CONCEITUANDO IDENTIDADE E DIFERENÇA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR.....	17
2.1 A Identidade e diferença como princípios norteadores da diversidade	17
2.2 O currículo e sua importância na construção da educação escolar	18
2.3 Conhecimento e diversidade: identidade e educação frente ao mundo contemporâneo	22
CAPÍTULO 3 - INOVAÇÃO PEDAGÓGICA: UM ESTUDO QUE PROCEDE DO CARÁTER DE COMPREENDER E EXPOR A APRENDIZAGEM.....	27
3.1 A inovação pedagógica.....	29
3.2 Ambientes de aprendizagem e aprendizagem significativa	33
CAPÍTULO 4 - METODOLOGIA	36
4.1 O paradigma da pesquisa	36
4.2 <i>O Locus</i> da Investigação	38
4.3 Técnicas e instrumentos para a coleta de Dados	42
4.3.1Sujeitos da Pesquisa	43
4.3.2 Observação participante.....	43
4.3.3 Entrevista Aberta	45
4.3.4. Diário etnográfico.....	46
4.3.5 Imagem.....	46
4.3.6 Análise de documentos como etnotextos	47

4.4 Ética na investigação.....	47
CAPÍTULO 5 - MÉTODOS DE ANÁLISE DE DADOS	49
5. Categorização.....	49
5.1 Ambiente Formal	50
5.3 Observações sobre as práticas pedagógicas	52
5.3.1 Síntese das observações.....	53
5.4. Entrevistas realizadas com moradores da comunidade quilombola	54
5.4.1 Síntese do diálogo com os moradores	58
5.5 Dialogando com Professores que atuam no povoado quilombola.....	59
5.5.1 Síntese do diálogo com os professores	63
5.6 dialogando com os alunos	64
5.6.1 Síntese do diálogo com os alunos	68
5.7. Dialogando com os atores sociais do reisado.....	69
5.7.1 Síntese do diálogo com os atores sociais do reisado	77
5.8. Dialogando com a Diretora.....	78
5.8.1 Síntese do diálogo com a diretora	83
CAPITULO 6 – ANÁLISE DO CONTEÚDO ENCONTRADO NO <i>LOCUS</i> DE PESQUISA	83
6.1. Compreender como ocorre a realização do Samba de Reis dentro da comunidade	86
6.2 Investigar se o reisado da comunidade quilombola contribui para a construção de contextos que promovam o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras.	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
REFERÊNCIAS	95
APÊNDICE - DIÁRIO ETNOGRÁFICO.....	99

INTRODUÇÃO

“A identidade é, antes de mais, uma questão do foro pessoal, que só ganha significado no confronto que o sujeito tem consigo próprio e com o “outro”. (FINO; SOUSA, 2003, p. 01).

O estudo consiste em conhecer a cultura popular, especificamente o Reisado de São Tomé, presente em um povoado quilombola do Município de Campo Formoso-BA. Nessa jornada, o conhecer e compreender a origem dos primeiros povos que contribuíram na formação histórica, através de ricas fontes contidas nas manifestações populares passa a ser a tônica do trabalho.

A importância da pesquisa está em conhecer a cultura popular, e reconhecer que a mesma propõe o encontro e a reafirmação das raízes culturais a partir de elementos históricos encontrados nas manifestações populares e atuar como importante fonte de pesquisa, tomando uma ferramenta educacional essencial para a compreensão histórica do seu povo.

Em janeiro, as estrelas brilham mais fortes, a lua nasce mais cedo no céu da comunidade quilombola, as luzes aos poucos começam a acender, os moradores desse pequeno povoado, vão colocando seus assentos, outros vão se acomodando nos passeios para prestigiarem a festa de Reis que iniciará por volta das 19h00min e que irá pelas ruas. A meninada já não dorme tão cedo e, as senhoras se põem ensaiar os cantos, assim como novos versos que serão recitados na cantoria, outras preparam arroz doce, mungunzá, cocada etc., para recepcionarem melhor em suas casas. Os rapazes conversam entusiasmados sobre o evento da noite e olham atentamente e sabem que um dia serão também tocadores de viola, pandeiro, triângulo e a certeza que precisam aprender o ofício para que haja continuidade na tradição. E assim, todos aguardam ansiosos e sabem que haverá uma dualidade de serventia que fará de todos protagonistas da roda.

É chegada a noite e começa a folia, todos estão à espera do grupo de reisado, uma comitiva de voluntários e farristas segue o cortejo até a casa escolhida. Começa a festa e o grupo é encabeçado pelos velhos do samba nas visitas do reisado, mas é de costume um batuque em cada casa visitada caso o anfitrião permita. Em silêncio eles chegam à primeira casa e logo começam a cantar: ou de casa/ ou de fora / Maria vai ver quem é / somos cantador de rei / quem mandou foi São José / quem mandou foi São José / São José santa Maria dizem

que foi pra Belém... Em frente à porta todos cantam acompanhados de viola, pandeiro e o triângulo e caso os moradores daquela casa esteja dormindo, com a cantoria eles acordarão, ou talvez estejam acordados à espera dos reis e do samba que os seguem, e que abrem a porta da casa, em receptividade à comitiva, com guloseimas e bebidas a serem distribuídas para os visitantes. Quando acontece de alguém demorar abrir a porta, eles cantam o seguinte: me abre esta porta por nossa senhora / que as ciganinhas já estão indo embora.

As músicas retratam as lutas, as dores e os lamentos dos cativeiros, mas as festas, as alegrias dos encontros dos batuques do samba traz muita descontração, pois logo com a permissão do dono da casa, se forma a roda de samba e o que era sagrado passa a ser profano; há dias em que samba a noite toda, afinal enquanto há fôlego há visitas, de porta em porta, de terreiro em terreiro, às vezes a festa de reis dura quase todo mês de janeiro, cantando todas as noites até a última casa do povoado a ser visitada.

O reisado do povoado quilombola chama-me atenção, em seus amplos processos pedagógicos, processos não só da maneira como se aprende o samba em si, mas como ele se faz presente nas várias dimensões da aprendizagem e do convívio social da comunidade, e ainda a sua influência no comportamento do homem dentro e fora do povoado. Em conversas com alguns da comunidade, pude perceber que o conhecimento do samba de reis é algo natural, porém de impacto significativo no cotidiano. Em dias de samba, a rotina muda, há uma expectativa muito grande em torno do acontecimento, dia de samba é dia de festa, o samba por si só é um acontecimento que traz alegria a comunidade, um povo que por muito tempo foi esquecido, e que de uns tempos para cá o samba vem dando visibilidade à comunidade.

O povoado quilombola, município de Campo Formoso na Bahia aproximadamente 84 km da sede, é hoje um dos povoados do município com maior atração turística, além das belezas naturais em suas paisagens, traz em sua história o samba de reis, a penitência, a festa junina e a festa do vaqueiro, isto é a representação social que melhor explica as características desse povo, sua história e cultura miscigenada, um povo descendente de índio, dos negros ex – escravos.

1. Problemática

O reisado dos quilombolas ao realizar as rodas de samba dentro ou fora do povoado requer um determinado tipo de organização que dali emana conhecimentos estruturais e valorativos conhecimentos estes que não são sistematicamente ensinados, mas que são compreendidos por todos os participantes, assim como assimilados pelo restante da comunidade. O conhecimento do samba vem no contexto da sua própria vivência, tanto nos termos técnicos, quanto no seu contexto histórico de valor social. Quando observamos o samba, vimos que o mesmo não é ensinado sistematicamente, partindo daí nasce a interrogação: existe alguma coisa de inovador dentro dos processos pedagógicos do samba de reis? Será se com a ausência do professor, esse ato de dançar, fazer ritmo, tirar os batuques, a construção de rimas e versos dentro de um enredo é capaz de portar alguma inovação pedagógica? Segundo Byington (2004, p.09) uma melhor aprendizagem ocorre através do sentir: “o que realmente se fixa na memória é o que se vive, e o que se vive precisa de emoção”. O paradigma da simplificação, o cientificismo, marcado pelo reducionismo e pela objetividade, afastou o homem dos sentimentos, das emoções, da subjetividade. Para Byngton (2004), quando a subjetividade foi eliminada do contexto educacional, levou consigo “a vivência de totalidade, a emoção, a afetividade, a introversão, a intuição e isso carregou junto à ética e o amor” (BYNGTON, 2004, p.9).

Esta educação informal segundo Carrano (2003), é um conjunto de processos com efeitos educativos sem que necessariamente tenha sido planejado para este fim. Caracterizaria por uma intervenção pedagógica não intencional, onde:

“O processo formativo ocorre através de inúmeras práticas que se dão entre a continuidade e a descontinuidade, a previsibilidade e a aleatoriedade, a homogeneidade e a heterogeneidade; ou seja, no próprio movimento da vida e da práxis social. Em conjunto com mecanismos e ritos formalizados e concebidos para gerar aprendizagens, vivemos quotidianamente situações que não foram intencionadas para serem educativas, mas que, efetivamente, geram efeitos educativos” (CARRANO, 2003, p. 16).

Ao transpor a lógica clássica, que se funda em procedimentos científicos simplificadores e lineares a vivencia arte-educativa nos parece um caminho capaz de fazer (re) ligações do sujeito consigo mesmo, com a ecologia, com o cosmos, com o outro; compreender o mundo e novas formas de pensar, novos valores, novas responsabilidades. A experiência com a festa de reis integra o conhecedor ao conhecimento. Quem vive a cultura vive a arte e tem sua história inscrita na própria evolução do conhecimento. Há, portanto, uma

necessidade clara de se discutir a inserção de atividades inovadoras, e quando se fala em educação, pensa-se em escola, uma vez que representa o ensino sistematizado e oficial. Contudo, a educação não acontece em um prédio, mas em todo e qualquer lugar, pois as pessoas aprendem na interação, na integração, conforme Vygotsky (1984), por meio de mediações com alguém mais experiente como um adulto e também na relação com os objetos.

O processo educativo faz parte da vida de todos os seres, pois “a educação aparece sempre que surgem formas sociais de condução e controle da aventura de ensinar-e-aprender” (BRANDÃO, 1995, p. 26). Dessa forma, questiona-se o grupo reisado do povoado quilombola desenvolve práticas pedagógicas inovadoras? Sendo assim, essa pesquisa tem como objetivo investigar se o reisado do povoado quilombola contribui para a construção de contextos que promovam o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras.

2. Estrutura do estudo

O presente trabalho investigativo apresenta-se em seis capítulos divididos em duas partes: Parte I – Sistematização dos temas que correspondem à introdução e aos capítulos I, II, III; Parte II - Sistematização dos temas que correspondem aos capítulos IV, V, VI além das considerações finais, referências bibliográficas, referências online e anexos.

Sendo assim, no primeiro capítulo buscou compreender: “A Nacionalidade da Folia de Reis e a Funcionalidade do Reisado no povoado quilombola na Atualidade”, discorrendo sobre como funciona o Samba frente à diversidade, como a educação propicia sentido para a informação em seus múltiplos vieses, demonstrando, assim, a relevância da dimensão social do sujeito aprendente e as construções das práticas pedagógicas frente aos diversos vínculos culturais que constituem o campo de significados nos espaços sócio escolares.

O segundo capítulo, “Conceituando Identidade e Diferença no Contexto da Educação Escolar”, procurou inserir os temas identidade e diferença, a importância do currículo, conhecimento e diversidade. A inserção desses temas na educação evidencia o reconhecimento, que tais citações devem ser conquistadas e respeitadas, garantindo a igualdade como princípio de reconhecimento. A diversidade e diferença passam a compor o vocabulário podendo ou não obter ambientes de inovação pedagógica que pretenda construir ricos contextos de aprendizagem para atender uma demanda de sujeitos que anseiam um conhecimento inovador.

Assim, a identidade passa de uma condição universal fixa para a construção obtida mediante processos de conquistas, instigando, as normas que regulam a sociedade, pois “a desintegração de uma cultura sob o efeito destruidor da dominação técnico-civilizacional é uma perda para toda humanidade, cuja diversidade cultural constitui um dos mais preciosos tesouros” (MORIN, 2000, p. 57). Nos anos 80 estudos sobre a comunidade brasileira reconheceram que a atuação de alguns movimentos sociais combinou a exigência do acesso a direitos iguais com a reivindicação de reconhecimento de grupos então definidos como minorias. Segundo Toffler (1980, p. 416) “poderemos muito bem precisar dar poderes a minorias para regular mais seus próprios negócios e encorajá-las a formular alvos de longo alcance”. É preciso que haja uma mudança de atitude do pleitear para apoiar; da dominação para a parceria e o respeito ao outro.

No terceiro capítulo, ainda em continuação da revisão da literatura, segue uma discussão sobre “Inovação Pedagógica: Um Estudo Que Procede Do Caráter De Compreender e Expor a Aprendizagem.” Para tanto, neste capítulo, tratou de estudar as mudanças, paradigmas e a inovação pedagógica, tendo como de partida para a análise da existência de inovação pedagógica, breve relato histórico, desde o modelo fabril aos princípios que norteiam as revoluções culturais, tratando das quebras de paradigmas como modelos das dinâmicas descontínuas até a inovação pedagógica propriamente dita, meditando sobre a autonomia da pessoa. Para tanto, destaca-se os aspectos do que é inovação pedagógica, a conceituação do termo inovação, sobretudo, por oportunizar várias características de fugir de despadronização: séries e idade diversa numa mesma sala de aula, horários flexíveis para atender as singularidades do lugar, transformação de rotina escolar sentido micro, num espaço capaz de concretizar o respeito à heterogeneidade e de dialogar com os saberes da comunidade.

O quarto capítulo faz referência a “Metodologia”, no qual segue um paradigma de investigação qualitativa, mais concretamente o método etnográfico de investigação, os sujeitos implicados nesta investigação, com a descrição da comunidade de estudo, entrevista não estruturada, dando ênfase a observação participante, recolha de artefatos e outras implicações registradas no diário de campo durante a estada em campo. A metodologia e as técnicas adotadas no estudo discutem os métodos os consubstanciados na metodologia de cunho etnográfico, considerando a mesma como instrumento capaz de compreender a convivência no cotidiano, a compreensão dos sujeitos e o que pode ser revelado e desvelado com o trabalho de campo a partir de uma observação participante.

O quinto capítulo “Olhar Sobre o Lócus da Pesquisa” procura descrever a rotina do campo de pesquisa observada no cotidiano e retratada na fala dos sujeitos, as tendências, respeitando os conflitos, verificando as trocas simbólicas, os limites e as potencialidades. Da forma que procurando entender descrever e interpretar a gestualidade, as relações interpessoais, a representatividade e até mesmo os silêncios, buscando na análise de conteúdo categorizar para demonstrar.

No sexto capítulo é abordado sobre “Respostas as Questões da Pesquisa” propõe a imersão no universo da pesquisa contemplando comportamentos, práticas pedagógicas, relacionamentos e, conseqüentemente, uma aprendizagem mediada pelo samba, demonstrada na temática com as categorias, as subcategorias, as unidades de contexto, as unidades de registro ou significação pela fala dos sujeitos. Analisei os dados, bem como os resultados da pesquisa, a saber: mostra um diferencial pedagógico presente nas práticas artísticas desenvolvidas pelos educandos, observações, diário de campo – registro da minha participação durante o desenvolvimento dos trabalhos por meio das fotografias e entrevistas transcritas. As questões propostas responder foram: Compreender como ocorre a realização do samba de reis dentro da comunidade e investigar se o reisado do povoado quilombola contribui para a construção de contextos que promovam o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras.

Nas considerações finais são apresentadas as conclusões da investigação sobre todo o estudo construído, as minhas reflexões sobre os dados recolhidos durante uma longa estada em campo e o que espero com os resultados desta pesquisa.

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO 1 – A NACIONALIDADE DA FOLIA DE REIS E A FUNCIONALIDADE DO REISADO DO POVOADO QUILOMBOLA NA ATUALIDADE

“A educação cidadã deve ser entendida como forma de produção cultural, ou seja, a formação dos cidadãos deve ser vista como um processo ideológico por meio do qual experimente a nós mesmos, ao mesmo tempo em que experimentamos nossas relações com os demais e com o mundo, dentro de um sistema complexo e com frequência contraditória de representação e imagem” (GIROUX, 1993, p.36).

1.1 A folia de reis e o Reisado do povoado quilombola

“A religião, sem interioridade, sem uma sensação “banhada em sentimento” de que a crença importa, e importa tremendamente, de que a fé sustenta, cura, consola, corrige as injustiças, melhora a sorte, garante recompensas, explica, impõe obrigações, abençoa, esclarece, reconcilia, regenera, redime ou salva, mal chega a ser digna desse nome” (GEERTZ, 2001, p. 159).

O termo cultura é definido como sendo costumes, as crenças, moral, a arte, conhecimentos, lei, as habilidades e hábitos adquiridos pelo homem no ambiente em que vive. São os padrões de comportamento do homem, e tudo aquilo que uma sociedade permite que seus indivíduos conheçam ou acreditem para agir conforme as suas leis. Segundo Laraia (2003, p. 25);

“O termo cultura vem do verbo latino colere (cultivar, criar, cuidar) que originalmente era utilizado para o cultivo ou cuidado com a planta. No final do século XVIII, o termo germânico kultur era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, já na França, civilization refere-se principalmente às realizações materiais de um povo” (LARAIA, 2003, p. 25);

De maneira geral os antropólogos definem cultura como conceito básico central de sua ciência, atribuindo a essa palavra o desenvolvimento de cada ser humano por meio da educação, da instrução, sem, no entanto, atribuir juízo de valor entre as culturas, pois, não pode ser considerado superior a outra, mas apenas diferentes; atribuindo à cultura um amplo significado que engloba os modos comuns e aprendidos na vida, transmitidos através das gerações. Entre dessas manifestações encontramos na cultura regional brasileira a festa de folia de reis de origem europeia e o Reisado do povoado quilombola de origem regional. Embora retratem dois cenários distintos, muitos repute, de forma equivocada a um mesmo

episódio: a visita dos reis magos a Jesus recém-nascido. Vejamos a distinção cultural entre elas.

1.2 – A folia de reis

A Folia de Reis é um festejo de origem portuguesa ligada às comemorações do culto católico do Natal. Veio para o Brasil nos primórdios da formação da identidade cultural brasileira, ainda se mantém vivo nas manifestações folclóricas de muitas regiões do país. A viagem Epifânica realizada pelos magos do Oriente é o eixo central da Folia de Reis. Segundo Cascudo (1980, p. 336) “Era no Portugal velho uma dança rápida, ao som do pandeiro ou adufe, acompanhada de cantos”. Desde o surgimento na Península Ibérica, em seu ritual é possível perceber muitas adaptações e mudanças ocorreram no ritual até o presente.

Como um grande número desses festejos, muitos não conhecem tal história, as tradições que a envolvem e sequer imaginam que ela faz parte do folclore da nossa cultura. Essa tradição é muito forte, pois os mais velhos acreditam serem os Santos Reis que protegem, trazem prosperidade e muita fartura. Existi assim, todo um aprendizado pelos mais jovens, que são estimulados a aprender de cada instrumento o básico. Assim, Oliveira (1995), comenta que:

“[...] aquilo que uma criança é capaz de fazer com a ajuda de alguém hoje, ela conseguirá fazer sozinha amanhã. É como se o processo de desenvolvimento progredisse mais lentamente que o processo de aprendizado; o aprendizado desperta processo de desenvolvimento que, aos poucos vão tornar-se parte das funções psicológicas consolidadas do indivíduo” (OLIVEIRA, 1995, p. 60).

Segundo Vygotsky (1998), a formação de conceitos ocorrerá mediante as relações entre pensamento e linguagem; a ação da cultura no processo da construção de significados pelos sujeitos; o procedimento de internalização e ao desempenho das instituições escolares na difusão do conhecimento, que diferencia da natureza do que é aprendido, diariamente, na vida. Ele ainda defende que, os níveis de desenvolvimento se fazem conceber pelo real (o que o indivíduo já tem a capacidade de fazer por si mesmo) e pela potencialidade de aprender com outros sujeitos, numa interação mútua entre partes. Oliveira (1995) ainda afirma que:

“A zona de desenvolvimento proximal refere-se, assim, ao caminho que o indivíduo vai percorrer para desenvolver funções que estão em processo de amadurecimento e que se tornarão funções consolidadas, estabelecidas no seu nível de desenvolvimento real. A zona de desenvolvimento proximal é,

pois, um domínio psicológico em constante transformação [...]” (OLIVEIRA, 1995, p. 60).

Nesse sentido, o sujeito além de ser ativo também é interativo, por desenvolver conhecimentos e por constituir-se a partir das relações inter e interpessoais, ou melhor, a construção individual se dá na participação ativa com o outro e com elementos culturais fornecidos pelo ambiente social. Assim sendo, preservam-se muitas manifestações religiosas, mas a Folia de Reis é vivenciada de forma festiva, em à arte, a vida social e a religião se unem de forma a oferecer aos participantes ou expectadores uma maior estética visual de grande experiência. Segundo Lúcia Pergo (2011, p.1) “as festas populares são tradições que constituem a resistência dos povos em defesa de sua cultura e de seus costumes”. (PERGO, 2011, p.1).

Mas Brandão (1984, p. b 47), diz o seguinte: Tradicionalmente, o saber popular que faz o folclore flui através de relações interpessoais. Pais ensinam aos filhos e avós aos netos. “As crianças e os adolescentes aprendem convivendo com a situação em que se faz aquilo que acabam sabendo”. (BRANDÃO, 1984, p. 47). Para Levi-Strauss (1989), não é aconselhável que se faça distinção entre arte e cultura popular, independentemente se determinada arte se ligar ou não a alguma religião. De acordo com o autor “temos a tendência a creditar que a arte popular se elabora no consciente coletivo profundo, e que as formas sob as quais se manifesta remontam a um passado longínquo. É verdade em muitos casos, mas nem sempre”. (LÉVI-STRAUSS, 1989, apud CHARBONNIER, 1989, p. 85). Com essa afirmação, Strauss afirma que no coletivo, há na Folia de Reis, uma manifestação, uma arte individual, e que claramente podemos ver uma habilidade artística, tanto que os integrantes devem saber de tudo um pouco dentro da folia. O samba com o passar do tempo tornou-se um elemento de suma importância na cultura da comunidade, visto que, é notório que sem ele não haveria sentido determinados encontros e festas, ele é motivador para que ainda persistam os costumes de uma época em que o samba era a única diversão das noites enluarada. A identidade é um processo de articulação, não são unificadas, podendo haver contradições, portanto, é um campo fértil de reflexões, experimentações e discussões acerca da própria identidade e de seus descobrimentos sociais, entendemos a identidade, como inserção e transformação dos sujeitos que dela se apropriam um fantástico instrumento de crítica e produção de saberes teóricos e práticos, artísticos e políticos. Um campo que favorece a todos que procuram, através dos vestígios humanos, marcas que significam aspectos encobertos do presente e permitem

leituras das práticas e valores culturais dos mais distintos grupos sociais. Como diz T. T. da Silva, (2014, p. 74) “a identidade assim concebida parece ser uma positividade (“aquilo que sou”), uma característica independente, um “fato” autônomo. Nessa perspectiva, a identidade, só tem como referência a si próprio: ela é autocontida e autossuficiente.

A escola que almejamos é uma escola que tenha significado para o aluno, que preencha suas expectativas e interrogações, que partindo dela ele seja capaz de atuar no mundo contemporâneo tomando decisões, tendo atitudes que caibam no aspecto exigido, sem se desfazer de suas crenças e sem abandonar sua humanidade. É necessário que as instituições escolares se abram a uma nova mentalidade, reformulando, acrescentando inovações, pois dessa forma a mesma será benéfica à sociedade. Constantemente, a palavra Educação está diretamente vinculada ao espaço escolar ou a outros espaços dos quais a imagem do educador é quase indissociável. No entanto, a prática educativa ultrapassa os limites citados por esta concepção, de maneira que, em todas as áreas humanas, a educação aparece como fenômeno universal e social, indispensável e essencial ao funcionamento de todas as sociedades.

“A educação do homem existe por toda parte e, muito mais que a escola, é o resultado da ação de todo o meio sociocultural sobre os seus participantes. É o exercício de viver e conviver o que educa. E a escola de qualquer tipo é apenas um lugar e um momento provisório onde isto pode acontecer” (BRANDÃO, 1995, p. 47).

Em uma definição de educação articulado ao conceito de cultura, se compreende a educação como forma de ensinar e aprender que se adquire ao longo da vida. Portanto, é necessário ilustrar de forma rápida algumas dimensões educacionais, tidas como educação informal, não formal e formal, que permeiam o nosso dia-a-dia. A educação formal, desenvolvida nas escolas, é apenas uma modalidade de educação, que tem sido discutida, polemizada e redimensionada em seu processo de inserção na sociedade (SAVIANI, 1986). A educação informal é aquela que ocorre espontaneamente entre sujeitos ou a que ocorre por intermédio dos meios de comunicação de massa (rádio, TV, cartazes). Já a não formal ocorre da intencionalidade de criar ou buscar determinadas qualidades ou objetivos (GOHN, 2001). Assim sendo, a educação não é e não pode ser um fenômeno isolado da sociedade e da política, muito menos a escola convencional pode ser conceituada como única instituição de cunho pedagógico, o conceito primário de educação sofre mudanças e deixa de ser restrito ao

processo ensino-aprendizagem em espaços escolares formais, transpondo os muros da escola, para diferentes e diversos ambientes. Libâneo (2005, p. 27) afirma:

“De fato, vem se acentuando o poder pedagógico de vários agentes educativos formais e não formais. Ocorrem ações pedagógicas não apenas na família, na escola, mas também nos meios de comunicação, nos movimentos sociais e outros grupos humanos organizados, em instituições não escolares” (LIBÂNEO, 2005, p. 27).

Finalmente, os instrumentos citados são necessários, e se tornam indispensáveis a uma educação de qualidade, ajudando os alunos a transformarem informações complexas em conhecimento diário nos espaços de aprendizagem, “facilitar a aprendizagem melhorando a conectividade no ambiente de aprendizagem, por meio de opções por culturas e não por indivíduos” (PAPERT, 2008, p. 106). Portanto, a mudança traz inquietação nas bases ou estruturas existentes, e muitas vezes causam confrontos constantes nas ideias e nas práticas dos professores e dos alunos, é partindo daí que se traduz um importante e inovadora mudança nas bases estruturais das escolas. E assim, a importância cultural está no interior dos processos pedagógicos, “está no chão da escola” e dão forças aos processos de aprendizagem mais significativos e produtivos, na medida em que reconhece, valoriza e eleva a cada um dos sujeitos neles implicados, combate todas as formas de silenciar, invisibilizar determinados sujeitos sócio culturais, beneficiando o crescimento de identidades culturais abertas e de sujeitos de direito, assim como a elevação do outro, do diferente, e o diálogo intercultural.

1.3 O Reisado do povoado quilombola

Como nos contam os mais idosos, o povoado quilombola ganhou sua nomeação por causa de dois escravos fujões, que no meio do matagal decidiram se esconder para darem início a uma nova sobrevivência e ali começaram uma nova vida.

O fundador do esconderijo era T. e junto com sua esposa que era conhecida como S. abrigavam pessoas que fugiam das fazendas. As casas eram feitas de barro batido, a caça e a pesca eram seus meios de sobrevivência, as roupas eram de saco e os móveis fabricados de troncos de árvores.

A comunidade quilombola não é diferente das muitas comunidades espalhadas pelo Brasil a fora, também sofreu influências, herdando assim a cultura da folia de reis, que não nasceu no povoado, foi introduzido aos costumes da comunidade. A cultura tradicional não conhece a arte voltada apenas para o prazer estético, nela, a ação artística tem sempre uma finalidade concreta. A música, por exemplo, quase sempre em conjunto com a dança, serve para invocar e louvar divindades, exaltar os efeitos de um herói ou de um povo, suavizar um trabalho árduo, ou manifestar um sentimento etc. Presente em todos os momentos da vida, do nascimento à morte, foi assim que chegou, nos cânticos religiosos e de trabalho, nos acalentos, na animação da dança ou encorajando nas revoltas. E assim, o samba de reis é uma arte e tem o objetivo de expressar e comunicar ideias por meio da linguagem. Além disso, terá também a oportunidade de levar a apreciação e valorização de um bem artístico por meio do qual expressamos ideias, sentimentos e desejos.

De acordo com os PCNs de Arte (BRASIL, 1997, p. 45) “arte é um modo privilegiado entre indivíduos de culturas distintas, pois favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças expressas nos produtos artísticos e concepções estéticas, num plano que vai além do discurso verbal (...)”. E assim, o estilo musical é herdeiro da música caipira e da roda de viola, que se caracteriza pela melodia simples melancólica; muitas vezes é chamada de música do interior. Em Vygotsky (1995), temos uma concepção materialista – dialética da estrutura do pensamento e da linguagem. Isso significa que na cultura, na sociedade e também no sujeito as relações estão em constante movimento. O pensamento e a linguagem do sujeito são dinâmicos, transformam-se em razão das relações com o meio-pessoal, social, cultural etc. Assim, a linguagem expressa à dinâmica dos desejos, necessidades, interesses e emoções, dependendo do tipo de interação entre o sujeito e o outro. Essa mesma concepção está também nas ideias de Bakhtin, para quem o processo de interlocução ocorre na interação dialógica do discurso nas relações humanas. Marques (1990) traz os conceitos de palavras transparentes (motivadas) e palavras opacas (não motivadas):

“Convencionalidade intrínseca do signo é reafirmada: porque o signo é arbitrário, modificam – se, ao longo do tempo, os nomes que se associam a determinados sentidos, e os sentidos de muitos nomes sofrem alterações; variam, de língua para língua, os nomes que se associam a um mesmo sentido; e, numa mesma língua; ocorrem fenômenos de sinonímia, ambiguidade e os chamados usos figurados” (MARQUES, 1990, p. 60).

Assim, as palavras transparentes são caracterizadas por possibilitarem o estabelecimento de vínculos associativos ou motivados – no nível sonoro, morfológico ou

semântico – entre os signos e as coisas referidas por eles, ou seja, entre o significante (imagem acústica) e o significado (conceito, imagem mental).

Este evento acontece tradicionalmente há muitos anos, saindo às ruas e casas através da música, das histórias de vida e sofrimento serpenteados pelos interpretes do grupo de reis. A folia de reis de samba foi trazida ao povoado quilombola pela família do senhor C. A. A. dos S., vindo da cidade de Pindobaçu-Ba, o Sr. A. M. (desconhecida à origem) e também o Sr. M. B. vindo do povoado de Barra, município de Campo Formoso. A festa era realizada de primeiro a trinta de janeiro de forma muito animada, saindo de casa em casa onde os cantores munidos de violas, pandeiros, zabumba e muita alegria, iam cantando seus amores e suas dores, pedindo e fazendo seus pedidos a Deus, acompanhados pela comunidade.

Atualmente, o grupo dos foliões é composto apenas por três filhos do senhor C. A. A. dos S., que são: O. A. dos S., conhecido como “Peixe”, J. A. dos S., conhecido como “J. R.” e M. A. dos S., conhecido como “N. de C.”. A festa acontece apenas nos seis primeiros dias mês de janeiro. O reisado para comunidade é uma tradição cultural católica e familiar. Esta cultura se apresenta em três fases:

- ✓ O Reis de entrada;
- ✓ O Reis de dentro de casa;
- ✓ O Reis de despedida.

Com intuito de ampliar a cultura de reis a comunidade quilombola fez entrosamento com as comunidades de Olho d’ Água e Almeida trocaram conhecimento no tocante às variedades de Reis, sendo que estas manifestavam os reis das ciganas. A troca foi importante para as comunidades, pois a manifestação de reis ficou composta por estas três comunidades, sendo uma festa alegre devido os trajes utilizados pelos participantes, com muitas cores, espelhos e fitas coloridas. Essas vestimentas características fazem do encontro à verdadeira união da cultura brasileira, pois as cores devem ser vivas e devem ser folgadas e nunca apertadas demais. Marie Louise Nery (2003, p. 09), diz que “moda não é simples vestimenta, que ela é também o signo das formas de expressão que se mostram em outros domínios”. Afirma também que “a montagem de um espetáculo as roupas devem colaborar harmoniosamente com o todo” (ibidem, p. 11) e que “as pretensões culturais vão depender das

condições econômicas e técnicas e da capacidade de produzir um conjunto de fatores que determina a moda em qualquer época”. (ibidem, p. 272).

Ecleticamente, as junções entre o sagrado culto cristão, as vestes e os batuques complementam a folia de Reis no mês de janeiro, em comemoração à visita dos Reis Magos ao menino Jesus, é feita essa comemoração e é realizada a folia dos Reis, onde os moradores visitam as casas das famílias do povoado uma a uma, cantando os seus cânticos de devoção, e entrando nos lares caso seja permitido pela família visitada, caso a família não queira o grupo segue em comitiva para outra casa e pedir a permissão.

“O reisado mede os janeiros”, explica-me D. A. “É como eu tô lhe dizendo: se hoje a gente saísse, aí pula um dia e sai no outro, entendeu?”. E assim vai até que a última casa da Ilha seja visitada. E hoje em dia é tanta casa que a duração do reisado tem quase a duração de janeiro. Assim, todos os anos, durante quase todo o primeiro mês, o samba da Ilha acompanha o ‘reis’. “Acompanha”, diz D. A., “mas não é os reis”. Para ela é obvio: “samba é samba, reisado é reisado”, insiste (NOBREGA, 2010, p. 58).

Assim, pode-se afirmar que o samba não faz parte do reisado, apenas o acompanha expandindo a festividade, o samba é uma forma de deixar a Folia de Reis mais atraente e alegre, é o motivador para o evento, não há reisado sem samba, mesmo havendo a distinção entre eles, mas há o samba sem o reisado, na realidade não há tempo específico para sambar, basta apenas a vontade de reunir-se em grupo, o samba parte do desejo de confraternização de união e/ou irmandade, e este desejo parece estar presente em toda a comunidade, desde os anciões do samba quanto as crianças que hoje já não dormem tão cedo quanto antes, e o que impressiona é a forma com que o samba se introduz na vivência destes jovens, eles parecem já nascerem com o molejo do samba no corpo; não existem cursos nem oficinas de samba na comunidade e, mesmo assim, todos sabem sambar.

Gabriela Suzana Wilder (2009, p. 19) diz que as artes visuais se relacionam a *“uma realidade orientada por uma tradição cultural, suas crenças e imaginários familiares, aliados a experiências vividas pelo autor, seus estudos e preocupações”*. Na Folia de Reis, além da vivência familiar, se compartilha valores através da prática, usam sua criatividade com liberdade, pois dentro da arte apresentam um grande manejo e domínio, se responsabilizam pela atualização e manutenção da tradição, passando valores coletivos e auxiliando individualmente os mesmos.

Partindo daí, pode-se concluir que a Folia de Reis é iluminadora, no sentido de que nos desafia a enxergar o que há por trás de seus textos, exercendo uma poderosa função de comunicar e expressar aspectos do cotidiano humano seja de caráter subjetivo, ou de explícita realidade social. No sentido em que a Folia é fecunda, ou seja, enraíza-se por diversos campos de análise, desafiando saberes, resta-nos então absorver a virtude que dela verte e de alguma forma como leitores, perpetuar a grandeza do pensamento humano.

CAPÍTULO 2 - CONCEITUANDO IDENTIDADE E DIFERENÇA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR

“O currículo [...] também produz os sujeitos aos quais fala os indivíduos que interpela. O currículo estabelece diferenças, constrói hierarquias, produz identidades” (SILVA, 1997, p.3).

2.1 A Identidade e diferença como princípios norteadores da diversidade

A identificação é, pois, um método de pronúnciação, é um conceito importante nas discussões centrais, podendo fundamentar suas afirmações e atitudes na história. A identidade por sua vez possui símbolos e é marcada pela diferença e ajuda a identificar nas relações sociais, e assim, a construção da identidade é simbólica e social, e para firmar as diferenças existem causas e consequências. Portanto, conhecer de perto a realidade, assim como poder compartilhar experiências e saberes, exigir de cada um de nós que valorize todo o conhecimento que carregamos ao longo da nossa formação, para assim nos firmarmos como sujeito dentro do horizonte dos estudos culturais. O currículo escolar tem como tema as diversas formas que constituem as ideologias e a cultura do ambiente em que se faz essa construção curricular. É um conceito que tem se aprofundado e discutido ao longo dos dias, partindo desse ponto o termo cultura deve ser verificado e analisado sobre diferentes aspectos, no entanto, a sua utilização é genericamente condicionada pela abstração do comportamento. Dessa mesma maneira, os estabelecimentos sociais padronizam os modos de comportamento que provêm de atitudes dependentes das regras fundamentadas em valores definidos, tanto pelas ideias como pelas crenças.

A diferença e a identidade são questões que para tratarmos precisamos de orientações que nos levem a esclarecer conceitos que são elencados quando é proposta discussão a esse respeito, é necessário compreender como funciona a identidade, para que assim seja dividida em diferentes partes e só assim, conceituar. A questão identidade envolve muitas razões sobre os que pertencem e muitas vezes até quem não pertencem, esses grupos firmam sua identidade que passam a desconhecer qualquer mudança, construindo, portanto, sua história e tendo a mesma como verdade imutável. Como diz T. T. da Silva, (1997) “Sou o que o outro não é; não sou o que o outro é.” E a diferença “não é estabelecida de forma isolada e independente. Ela depende de processos de exclusão, de guarda de fronteiras, de estratégias de divisão. A diferença nunca é apenas e puramente diferença, mas também e fundamentalmente hierarquia, valoração e categorização”.

O vasto campo da diversidade pode ser entendido diante do ponto de vista cultural como construção histórica, cultural e social das diferenças, essa diferença vai além do que podemos ver, porque são construídas pelo sujeito em um processo contínuo. Portanto, para que haja um entendimento melhor e de forma simplificada é correto afirmar que diversidade pode ser conceituada como variedade, diferença e multiplicidade, são também entendidas como um fenômeno que cruza o tempo e o espaço. A diversidade faz parte do acontecimento humano. De acordo com Lima (2006),

“[...] a diversidade é norma da espécie humana: seres humanos são diversos em suas experiências culturais, são únicos em suas personalidades e são também diversos em suas formas de perceber o mundo. Seres humanos apresentam ainda diversidade biológica. Algumas dessas diversidades provocam impedimentos de natureza distinta no processo de desenvolvimento das pessoas as comumente chamadas de ‘portadoras de necessidades especiais’. Como toda forma de diversidade é hoje recebida na escola, há a demanda óbvia, por um currículo que atenda a essa universidade” (LIMA, 2006, p. 17).

Desta maneira, na construção do currículo escolar estar em vigor formas da vida social, com sua estrutura ideológica avistando por natureza e tornando normal considerar que essas ideologias preponderantes nos currículos escolares, que seja voltado para trás das mesmas formas dominantes na cultura de uma sociedade. Partindo daí sobreveio o relato de combate.

Por estarmos frente às novas tecnologias, diante desses termos, a educação necessita de ser redefinida em profunda urgência. Neste sentido, Sousa e Fino (2008), faz um aviso que as escolas permanecem equivocadas quando investem, quase apenas, no ato de ensinar, mesmo não sendo mais elas “(...) os únicos, nem sequer os mais importantes centros de distribuição de conhecimento, não podendo rivalizar com a quantidade de informação que reside no seu exterior e a que se pode aceder com crescente facilidade.” (SOUSA & FINO, 2008, p. 8). Nesse sentido, junto às novas concepções de aprendizagem, podemos afirmar que o momento é marcado de profundas mudanças e de grande essência nas bases educacionais, já que se vive um momento de transição generalizado nas conjunturas sociais.

2.2 O currículo e sua importância na construção da educação escolar

Currículo é um tema amplo e que exige bastante cuidado, senso crítico e ético. O estudo desse tema implica em tomada de atitude sobre quais aspectos, quais concepções e contextos sócios – históricos adotaremos para tal. Neste sentido, Bruno (2010)

“Penso que utilizar conceitos e termos produzidos em sociedade cuja estrutura social é inteiramente distinta da nossa, sem referi – los à realidade histórica que recobrem, só exacerba a ambiguidade das palavras, obscurecendo os termos da discussão em tela. A história é a ciência da mudança, não da permanência, assim, naturalizar conceitos é uma das formas de negá-los, impedindo – nos de especificar o presente, diferenciando – o do passado. O estudo de conceitos e termos produzidos em outras épocas e sociedades tem a sua importância e é um dos objetos da história; da história das ideias. Mas, se queremos fugir das armadilhas da palavra, temos que, no mesmo ato, fazer a história das instituições sociais, das práticas sociais” (BRUNO, 2010, p. 21).

Definir o que realmente seja currículo escolar e o seu propósito ainda tem sido um desafio aos estudiosos, refletir sobre a educação no momento em que estamos, ou seja, atual é pôr as entidades ensinantes, enquanto local de aprendizagem, que ajude as transformações de uma sociedade industrial em que o conhecimento técnico do trabalho, na qual os estudantes trabalhadores eram historicamente inexistentes ou no mínimo silenciados, cujos encargos fragmentados eram suficientes às ações administrativas – gerenciais, para uma sociedade das equipes de trabalho cooperativo, posto que isoladamente, nada conseguimos.

Teremos que aprender a conviver e a construir com o outro, em um mundo em que as informações estão sendo oferecidas e abertas a todos que possam acessar, uma vez que, a revolução tecnológica tornou a informação mais acessível. Entretanto, o acesso às informações não se dá da mesma maneira para todos os sujeitos, pois as questões sociais de classe, através das mídias fazem com que àqueles não sejam dispersos de maneira mais igualitária. Assim, informação não é sinônimo de conhecimento, daí a importância dos processos formativos para a efetiva construção do conhecimento.

O modelo fabril de escola não dá mais conta dos alunos que temos em nossas instituições, o conceito de cartesiano de ciência também não dá conta de explicar o mundo frenético que vivenciamos. O currículo surgiu, e tinha suas obrigações, pois o mesmo veio em caráter instrumental e tecnológico: destinava-se a processar (transformar o aluno com o máximo de eficácia e o mínimo de custos, como sublinham L.). Beyer e D. Liston, ao dizerem que “(...) o modelo fabril do desenvolvimento do Currículo que emerge nos primeiros anos do

campo realça a racionalidade técnica do processo-produto ligada a uma ênfase na eficácia e produtividade” (L. BEYER e D. LISTON, 1996, p. 22).

O espaço – tempo escolar deve ser repensado, redimensionado e as relações com o saber devem ser modificadas. O currículo disciplinarizado, que segue a tônica do taylorismo deve ser revisto, dando lugar a outro modelo de currículo, como por exemplo, o multirreferencial, como afirma Macedo (2009, p. 81) “A virada multirreferencial enquanto uma das perspectivas não formalísticas de compreensão da realidade, ao instituir referências como sua perspectiva reitora desloca de vez o centro lógico do conhecer fincando na disciplina”. Ou ainda, um currículo hipertextual, uma vez que, de acordo com Lima Jr. (1997, p. 89), “A realidade é um hipertexto. Portanto, a necessidade de se pensar criticamente ou de problematizar deve explicitar essa necessidade existencial contemporânea de se pensar de forma hipertextual, própria da progressiva tecnologização”, entre outras propostas. Segundo Brito, (2013, p. 2) “para que se atinja o ideal de qualidade, faz – se necessário reconhecer e gerir uma reformulação curricular, a qual com certeza deve estar em permanente gestação na cultura das organizações escolares, posto que o currículo tenha vida”.

A condição dos projetos inovadores no campo dos estabelecimentos escolares exige da sua equipe entender e compreender o seu contexto cultural para implantar novos rumos. Reconhecer os pontos fortes e os frágeis, comentar em grupos, fazendo discussões que facilitem a ação frente aos atores dessa cultura esse é o meio. Virá a resistência, pois, a mudança exige um repensar das práticas de cada um, e isso é formação, é aprendizagem em situação de trabalho. As instituições são campos que possuem uma grande potência ao aprender a fazer, ao aprender a fazer juntos. Não existe a escola idealizada, existe a escola real com seus condicionantes e determinantes, que requer sujeitos que aprendam e ensinem a implicação nos projetos de inovação desse espaço, que pode e deve ser reconfigurado através de parâmetros construídos localmente, considerando os aspectos legais que assegurem a subsistência institucional.

É nesse intuito que o eixo Currículo e Inovação se faz presente nesse acontecimento, criando meios para a socialização de pesquisas em andamento ou concluídas e do fazer dos sujeitos no dia – a – dia dos estabelecimentos educativos, com o intuito de fortalecer os ânimos de buscarmos gestar uma educação que dê conta dos novos desafios impostos pela sociedade contemporânea mediana pelas novas tecnologias da informação e da comunicação, em que devemos lançar mão dos insumos presentes nesse contexto para criarmos

possibilidades de uma Educação que atenda de fato os anseios dos que a buscam. Reforçando, Sousa (2001) diz:

“Esta medida da política educativa teve o condão de aproximar estatuariamente colegas, anteriormente distantes, para a construção de uma identidade profissional, assente pressupostamente nos mesmos padrões de qualidade, nas mesmas exigências de entrada nos cursos, e na melhoria de nível acadêmico proporcionado, uma vez que todos os formadores teriam de possuir uma habilitação superior” (SOUSA, 2001, p. 15).

Essa certeza convoca os educadores a repensar e refletir em torno de uma educação libertadora como diz Freire, e por ser libertadora, também será autêntica, respaldado na interação entre pares ou com ferramentas, na colaboração, no estímulo às atividades meta cognitivo, e na promoção da autoria enquanto ato de autoridade intelectual possível aos aprendentes. O que consistiria então em inovação, por que: “A inovação pedagógica compreende alterações qualitativas nas práticas pedagógicas, através de um processo crítico e este, por sua vez, leva a uma descontinuidade com o paradigma fabril e a uma ruptura com as pedagogias tradicionais” (FINO, 2007 p. 1). Partindo daí, supõe - se que Inovação Pedagógica esteja voltada para a qualidade das práticas e das interações que nos dão oportunidades a aprendizagem; arejadas pela descontinuidade intencional dos tradicionais contextos de ensinamento.

É por esta razão, que no jogo de relações uma questão principal é o poder e se torna fundamental para a identidade, pois dessa forma conscientiza o ser, tendo uma vivência assumida da diferença. Portanto, não se estabelece de forma simétrica as relações de diferença, o sujeito por sua vez arrisca o sentido da “sua” existência, num contexto de relação, o conflito passa a ser a via natural de acesso à autonomia. Nesse sentido, o currículo não se restringe apenas a ideias e abstrações, mas a experiências e práticas concretas, construídas por sujeitos concretos, imersos em relações de poder. Podemos dessa forma, também considerar um discurso que, ao corporificar narrativas particulares a respeito do sujeito e a sociedade, participa do processo de constituição de indivíduos (e indivíduos também muito particulares). Sendo assim,

“[...] as narrativas contidas no currículo, explícita ou implicitamente, corporificam nações particulares sobre conhecimento, sobre formas de organização da sociedade, sobre os diferentes grupos sociais. Elas dizem qual conhecimento é legítimo e qual é ilegítimo, quais formas de conhecer são válidas e quais não o são, o que é certo e o que é errado, o que é moral e o que imoral o que é bom e o que é mau, o que é belo e o que é feio, quais vozes são autorizadas e quais não o são” (SILVA, 1995, p. 195).

O resultado do conhecimento, o qual podemos também chamar de produção, assim como sua seleção e legitimação, está transpassada pela diversidade. Entretanto não se trata de inserir a diversidade como um tema nos currículos. O pensamento e as reflexões do autor nos levam a ter consciência, enquanto docentes, das marcas da diversidade presentes nos diferentes campos do conhecimento e no currículo como um todo: ver a diversidade nos processos de produção e de seleção do conhecimento escolar. Silva (1995) ainda alerta que:

“[...] as narrativas contidas no currículo trazem embutidas noções sobre quais grupos sociais podem representar a si e aos outros e quais grupos sociais podem apenas ser representados ou até mesmo serem totalmente excluídos de qualquer representação. Elas, além disso, representam os diferentes grupos sociais de forma diferente: enquanto as formas de vida e a cultura de alguns grupos são valorizadas e instituídas como cânone, as de outros são desvalorizadas e proscritas. Assim, as narrativas do currículo contam histórias que fixam noções particulares de gênero, raça, classe – noções que acabam também nos fixando em posições muito particulares ao longo desses eixos (de autoridade)” (SILVA, 1995, p. 195).

A perspectiva de currículo que foi acima citado irá nos auxiliares a questionar a nação hegemônica de conhecimento que impera na escola, conduzindo-nos a pensar sobre tensa e complexa relação entre esta noção e os outros saberes que fazem parte do processo cultural e histórico no qual estamos imersos.

A identidade é um processo de articulação, não são unificadas, podendo haver contradições, portanto, é um campo fértil de reflexões, experimentações e discussões acerca da própria identidade e de seus descobrimentos sociais, entendemos a identidade, como inserção e transformação dos sujeitos que dela se apropriam um fantástico instrumento de crítica e produção de saberes teóricos e práticos, artísticos e políticos. Um campo que favorece a todos que procuram, através dos vestígios humanos, marcas que significam aspectos encobertos do presente e permitem leituras das práticas e valores culturais dos mais distintos grupos sociais.

Portanto, para tal, como diz Silva (2014), A identidade assim concebida parece ser uma positividade (“aquilo que sou”), uma característica independente, um “fato” autônomo. Nessa perspectiva, a identidade, só tem como referência a si própria: ela é autocontida e autossuficiente. (SILVA, 2014, p. 74).

A escola que almejamos é uma escola que tenha significado para o aluno, que preencha suas expectativas e interrogações, que partindo dela, ele seja capaz de atuar no mundo contemporâneo tomando decisões, tendo atitudes que caibam no aspecto exigido, sem se desfazer de suas crenças e sem abandonar sua humanidade. É necessário que as instituições escolares se abram a uma nova mentalidade, reformulando, acrescentando inovações, pois dessa forma a mesma será benéfica a sociedade.

Finalmente, os instrumentos citados são necessários, e se tornam indispensáveis a uma educação de qualidade, ajudando os alunos a transformarem informações complexas em conhecimento do dia a dia. Portanto, a mudança traz inquietação nas bases ou estruturas existentes, e muitas vezes causam confrontos constantes nas ideias e nas práticas dos professores e dos alunos. E é partindo daí que se traduz um importante e inovadora mudança nas bases estruturais das escolas.

2.3 Conhecimento e diversidade: identidade e educação frente ao mundo contemporâneo

A abordagem cognitivista trata a aprendizagem enquanto aquisição da busca de conhecimento, onde o centro da relação didático-pedagógica é o aluno, sujeito da aprendizagem. A partir desse ponto de vista, Jean Piaget e Lev Vygotsky, construíram duas teorias para embasar as explicações quanto ao desenvolvimento da aprendizagem.

Jean Piaget (1896 – 1980), cujas pesquisas conceberam a aprendizagem como assimilação e acomodação de novos conhecimentos a conhecimentos anteriores adquiridos pelo indivíduo. Na abordagem cognitivista, o conhecimento é entendido como algo a ser construído e o aprendiz é visto como um ser ativo nesse processo. Essa teoria passou a ser chamado posteriormente de construtivismo, nome metafórico para sugerir que o conhecimento é “construído” pelo aprendiz.

Lev Vygotsky (1896 – 1934) deu início a estudos cuja teoria, mais tarde, veio a ser nomeado sócio interacionista. Segundo essa teoria, todo conhecimento é construído socialmente, no âmbito das relações humanas. Na visão desse autor, viver em sociedade seria fundamental para que o indivíduo passasse de ser biológico a ser humano.

De acordo com as teorias construtivistas, a criança é um ser ativo durante a sua aprendizagem. Nas palavras de Sanny S. da Rosa (1997, p. 40), *“isso equivale a dizer que ele*

atua de modo inteligente em busca da compreensão do mundo que o rodeia (...)". Nessa visão, a aprendizagem é entendida como um processo, sendo ele dinâmico, contínuo e complexo. Desse processo resulta um produto, que pode ser observado, analisado e avaliado. Nessa nova prática, o papel do professor é ajudar o aprendiz em suas conquistas, mediando a aprendizagem. Assim, o aluno é auxiliado para que consiga executar com a ajuda do professor (e de colegas mais experientes) determinadas tarefas. Dessa forma, ele será capaz de executá-las sozinho. É essa interação do professor com o aluno e com os demais que proporcionará uma aprendizagem efetiva.

Segundo Vygotsky (1984),

“O efeito do uso de instrumentos sobre os homens é fundamental não apenas porque os ajuda a se relacionarem mais eficazmente com o seu ambiente como também devido aos importantes efeitos que o uso de instrumento tem sobre as relações internas e funcionais no interior do cérebro humano” (VYGOTSKY, 1984, p. 150).

Continua,

“[...] o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados esses processos torna-se parte das aquisições do desenvolvimento independente das crianças” (VYGOTSKY, 1984, p. 101).

Nesta perspectiva, o professor assume o papel secundário no processo de aprendizagem, preocupado em desenvolver momentos ricos em nutrientes cognitivos. Nessa condição, é de suma importância permitir ao aluno a oportunidade de aprender de forma autônoma e motivada, experimentando diversas situações que o estimule a construir seu conhecimento a partir de suas próprias descobertas, sempre respeitando seus limites e peculiaridades, contrariando o modelo castrador de criatividade na educação em vigor.

O interacionismo, o contato e a relação do aprendiz com o meio, com a diversidade cultural presente na escola e sociedade como um todo, auxilia na formação da identidade de um povo. Essa identidade diversa é o que caracteriza e diferencia pessoas e grupos. Como diz Tomaz Tadeu da Silva (1997) ressalta que:

“Sou o que o outro não é; não sou o que o outro é. (...) E a diferença “não é estabelecida de forma isolada e independente”. Ela depende de processos de exclusão, de guarda de fronteiras, de estratégias de divisão. A diferença nunca é apenas e puramente diferença, mas também e fundamentalmente hierarquia, valoração e categorização” (SILVA, 1997, p. 26).

O vasto campo da diversidade pode ser entendido diante do ponto de vista cultural como construção histórica, cultural e social das diferenças, essas diferenças vão além do que podemos ver, porque são construídas pelo sujeito em um processo contínuo. Portanto, para que haja um entendimento melhor e de forma simplificada é correto afirmar que diversidade pode ser conceituada como variedade, diferença e multiplicidade, são também entendidas como um fenômeno que cruza o tempo e o espaço. Sendo assim, percebemos a necessidade de os currículos atentarem para a diversidade percebendo a riqueza que existe em cada região, pois “[...] a educação não pode deixar de ter os olhos no futuro” (SOUSA, 2004, p. 73). Saiba-se, que o processo de construção do conhecimento escolar sofre, e não pode negar, a existência de efeitos que se dão entre relações de poder, o currículo que a escola institui ele hierarquiza certos saberes e, assim define o que deve e o que não deve ser ensinado por ela. Como consequência.

“Legitimam-se saberes socialmente reconhecido e estigmatizam-se saberes popular. Silenciam-se as vozes de muitos indivíduos e grupos sociais e classificam-se seus saberes como indignos de entrarem na sala de aula e de serem ensinados e aprendidos. Reforçam-se as relações de poder favoráveis à manutenção das desigualdades e das diferenças que caracterizam nossa estrutura social” (MOREIRA; CANDAU, 2007, p. 25).

É nesse campo de tensões que, na Contemporaneidade, temas como a pluralidade cultural vem tendo presença constante nas discussões educacionais, povos indígenas e afro-brasileiros, vem chamando a atenção para valores civilizatórios e diferentes culturas que compõem a sociedade nesse imenso país e que não estão sendo vivenciados no currículo escolar. A folia de reis é uma expressão histórica, rica e diversa; e o currículo como uma ferramenta educacional une conhecimentos científicos com as práticas sociais formulando novo aprendizado, em uma compreensão do currículo a partir de uma perspectiva das teorias pós-críticas, estabelece o seguinte:

“Em suma, depois das teorias críticas, não podemos mais olhar para o currículo com a mesma inocência de antes. O currículo tem significados que vão muito além daqueles com os quais as teorias tradicionais nos confinaram. O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, *curriculum vitae*: no currículo se forja a nossa identidade. O

currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade” (SILVA, 1999, p. 150).

Portanto, currículo é tradução de valores, pensamentos e perspectivas. Neste sentido, Sousa e Fino (2008), faz um aviso que as escolas permanecem equivocadas quando investem, quase apenas, no ato de ensinar, mesmo não sendo mais elas “[...] os únicos, nem sequer os mais importantes centros de distribuição de conhecimento, não podendo rivalizar com a quantidade de informação que reside no seu exterior e a que se pode aceder com crescente facilidade” (SOUSA; FINO, 2008, p. 8). Assim sendo, junto às novas concepções de aprendizagem, podemos afirmar que o momento é marcado de profundas mudanças e de grande essência nas bases educacionais, já que se vive um momento de transição generalizado nas conjunturas sociais. E nessa perspectiva, Sousa (2004) coloca que:

“A escola não pode, [...], silenciar as vozes que lhe pareçam dissonantes do discurso culturalmente padronizado, uma vez que não opera no vazio. Não vale a pena pretender unificá-la de maneira abstracta e formal, quando ela se realiza num mundo profundamente diverso. É por isso que penso que os que ensinam terão de ter consciência de que os aprendem são, tal como eles próprios, seres sociais portadores de um mundo muito especial de crenças, significados, valores, atitudes comportamentos adquiridos lá fora e que importa contemplar” (SOUSA, 2004, p. 15).

A condição dos projetos inovadores no campo dos estabelecimentos escolares exige da sua equipe entender e compreender o seu contexto cultural para implantar novos rumos. Reconhecer os pontos fortes e os frágeis, comentar em grupos, fazendo discussões que facilitem a ação frente aos atores dessa cultura esse é o meio. Virá à resistência, pois, a mudança exige um repensar das práticas de cada um, e isso é formação, é aprendizagem em situação de trabalho. As instituições são campos que possuem uma grande potência ao aprender a fazer, ao aprender a fazer juntos. Não existe a escola idealizada, existe a escola real com seus condicionantes e determinantes, que requer sujeitos que aprendam e ensinem a implicação nos projetos de inovação desse espaço, que pode e deve ser reconfigurado através de parâmetros construídos localmente, considerando os aspectos legais que assegurem a subsistência institucional.

É nesse intuito que o eixo Currículo e Inovação se faz presente nesse acontecimento, criando meios para a socialização de pesquisas em andamento ou concluídas e do fazer dos sujeitos no dia-a-dia dos estabelecimentos educativos, com o intuito de fortalecer os ânimos de buscarmos gestar uma educação que dê conta dos novos desafios impostos pela sociedade contemporânea mediana pelas novas tecnologias da informação e da comunicação, em que

devemos lançar mão dos insumos presentes nesse contexto para criarmos possibilidades de uma Educação que atenda de fato os anseios dos que a buscam. Reforçando, Sousa (2001) diz:

“Esta medida da política educativa teve o condão de aproximar estatuariamente colegas, anteriormente distantes, para a construção de uma identidade profissional, assente pressupostamente nos mesmos padrões de qualidade, nas mesmas exigências de entrada nos cursos, e na melhoria de nível acadêmico proporcionado, uma vez que todos os formadores teriam de possuir uma habilitação superior” (SOUSA, 2001, p. 15).

Essa certeza convoca os educadores a repensar e refletir em torno de uma educação libertadora como diz Freire, e por ser libertadora, também será autêntica, respaldada na interação entre pares ou com ferramentas, na colaboração, no estímulo às atividades meta cognitivo, e na promoção da autoria enquanto ato de autoridade intelectual possível aos aprendentes. O que sugere é a ruptura com a rigidez institucional aproximando o currículo da vida, permitindo que a diferença conquiste um espaço na constituição do currículo, possibilitando espaços reflexivos, experimentando abrir-se para movimentos implementados no cotidiano sem temer arriscar, aventurando e partilhando com outras pessoas sensações, desejos, afetos, aprendizagens etc.

CAPÍTULO 3 - INOVAÇÃO PEDAGÓGICA: UM ESTUDO QUE PROCEDE DO CARÁTER DE COMPREENDER E EXPOR A APRENDIZAGEM

“Os nossos dias assistem ao desenrolar de um conjunto de fenômenos que nos habilitam a assistir, em tempo real, à mudança na nossa maneira de nos representarmos as nossas instituições mais importantes e arraigadas, incluindo a escola”. (SOUSA; FINO, 2008, p. 1)

Não é possível imaginar uma educação próspera sem Inovação Pedagógica, para isso, é necessário possibilitar o aprendizado de forma autônoma e com significado. Ao avistar, costumes e mundos diferentes (não ficando esquecida a deslocação da mão-de-obra escrava africana para as Américas, ou do aniquilamento de tribos e culturas locais, sem falar do próprio processo de colonização), por caminhos distintos foram surgindo à globalização, ao longo dos derradeiros séculos tomando novos rumos, conforme Sousa (2007)

No final da Segunda Guerra Mundial, surge a atual globalização, sendo confirmado em 1989 pela queda do muro de Berlim, em termos de homogeneidade nos aspectos estatais, o mundo foi sendo levado e, as estruturas institucionais com arranjos foram sendo modificadas. O resultado da transformação da estrutura do poder surgiu da nova ordem de segurança que escolheu a unificação imediata dentro dos arcabouços institucionais, num reforço da sequência euro-atlântico e a solidificação e o prosseguimento da política externa, agora global (ARRIGHI, 1996).

Aconteceram outras mudanças, dentre as quais a aceleração do conhecimento resultando nas tecnologias, que romperam fronteiras geográficas do passado refletindo nos sistemas econômico, social e político. A Guerra Fria chega ao fim, restringindo os obstáculos econômicos e políticos, e assim, inúmeras pessoas vieram para o mundo da comunicação global.

A sociedade do conhecimento, sociedades em redes ou sociedade globalizada, que na verdade são “designações que procuram sublinhar a transição de um sistema baseado no fabrico de bens materiais para a utilização de bens mais centrados na informação” (GIDDENS, 1998, p. 01), na mesma espécie, a democratização e universalização do conhecimento além do ingresso dos cidadãos às tecnologias digitais, pois a nova riqueza passa a ser o conhecimento” (CHIAVENATO, 2000, p. 652). Portanto, são necessárias políticas públicas que possam ajudar a tirar benefício das vantagens do progresso tecnológico, assegurando igualdade de acesso à info-alfabetização e às info-competências (ASSMANN,

2002, p. 08). Identificada, [...] com um mundo em que a informação é a nova mercadoria de abrangência global [...] a sociedade da informação traz mudanças na forma como interpretamos o mundo, impacta o nosso ‘ambiente interior’ e coloca novos desafios às nossas relações sociais (LAZARTE, 2000, p.43).

Dessa forma, segundo ainda Chiavenato (2000), essas mudanças têm a ver com a dessincronização do tempo e a compressão do espaço, ou melhor, com a desterritorialização dos acessos à informação, quer dizer em pequenos períodos e com a conexão de matizes diversas de práticas e pensamentos de todo mundo como define o autor: a infraestrutura permite uma organização integrada sem necessariamente estar concentrada num único local. “As pessoas podem trabalhar em suas casas ou em qualquer lugar” (CHIAVENATO, 2000, p.43). Passando assim a ser uma marca da contemporaneidade.

É conveniente, então expandir as experiências para conseguir ensinamentos sobre como seria a Universidade, a Escola e formação futura, associando estreitamente os alunos, os pais, os professores e as organizações com suas respectivas representações. Em relação a educação, estas indicações sinalizam para o desenvolvimento de experiências inovadoras, que são consideradas futuristas. Partindo dessa abordagem para educar é preciso levar em consideração, variáveis históricas, educacionais, comportamentais que necessitam de uma visão mais ampla e que contemple um novo aprendizado.

Portanto, ao se pronunciar em inovação dentro de uma ótica progressista da educação requer, essencialmente, num contexto de mudanças em que ambas, mudanças e educação, sejam inseridas na prática pedagógica. Sobre a inovação pedagógica, os autores Fino e Sousa (2007) conceituam que: [...] é antecipar no presente o futuro que se desconhece. Provocar localmente e ‘avant la lettre’, paradigmas novos. Como dizia Thomas Kuhn, onde a mudança paradigmática é provocada por agentes de mudança (FINO; SOUSA, 2007, p. 13).

Diversos autores pedem que propostas ousadas sejam estabelecidas, que apontem para mudanças nestes novos tempos onde existem pressupostos bem novos para se compreender. Diante deste horizonte vislumbra um aprendiz com perfil inovador que busca numa mudança de contexto, imprevisibilidade e incerteza, enquanto cidadão no seu espaço.

Só que neste caso, a polêmica da incorporação de um novo paradigma educacional, fundamentado em pressupostos que rompem com as crenças estruturantes e estruturadas, e com as rotinas da educação tradicional, com um olhar a um paradigma emergente, com

desenhos novos, composições novas, é um desafio muito grande, que ainda está em edificação.

Para tanto, é preciso que gradativamente, se construa uma nova maneira de compreender e vivenciar o mundo circundante, na medida em que as necessidades forem ficando mais imperativas e prementes. É imediatamente necessário, se mostrar potencialidades adequadas às exigências novas das realidades escolares atuais.

3.1 A inovação pedagógica

A inovação pedagógica se interpreta em novos conceitos e percepções para se compreender e atuar no campo de aprendizagem em ambientes escolares ou não. Portanto, a inovação envolve novas posturas frente às práticas pedagógicas tradicionais de forma direta se não, em reestruturações curriculares ou mudanças programáticas, dirigindo o aluno a ator principal da sua aprendizagem e pondo o professor como mediador do conhecimento.

Para se compreender e interpretar a inovação pedagógica é preciso ser estudada no local onde os fatos acontecem e se valendo de instrumentos etnográficos que busquem entender de dentro como eles acontecem. Fino (2008, p. 02), afirma a importância de reter o seguinte:

“[...] a educação institucionalizada preserva as práticas tradicionais, encontrando sempre pretextos para impor a ortodoxia [...] a inovação pedagógica não é o resultado da formação de professores, ainda que a (boa) formação seja determinante. [...] inovação pedagógica não é induzida de fora, mas um processo de dentro, que implica reflexão, criatividade e sentido crítico ou autocrítico. A [...] inovação pedagógica, ainda que inspirada ou estimulada por ideias ou movimentos, que extravasam do âmbito local, é sempre uma opção individual e local [...] a inovação pedagógica, dentro da escola envolve sempre o risco de esbarrar contra o currículo. [...] a inovação pedagógica, nestes dias de desenvolvimento exponencial da ciência e de tecnologia não é sinônimo de inovação tecnológica” (FINO, 2008, p. 02).

Essa dimensão da inovação proposta por Fino (2008) está diretamente relacionada ao princípio emancipatório descrito, a necessidade de um processo de ruptura que gera a crise com a ordem preestabelecida, a exemplo do ensino tradicional que não reconhece nem considera o exercício crítico – reflexivo e a relação dialógica em uma sala de aula, distanciando consideravelmente as proposições de inovação para o referido contexto e que certamente levaria a emancipação e edificação de sujeitos, sendo este um desafio para a

perspectiva inovadora também apresentada. Convém reconhecer que estamos diante de grandes desafios e enfrentamentos, no sentido de encaminhar possibilidades de um redirecionamento das intenções e proposições políticas para a formação docente, em especial a formação continuada ao verificarmos as transformações que passa a sociedade, portanto percebeu visivelmente a necessidade de combinação do homem no sentido de fazer parte desta onda de mudanças. “Dentro da nossa época, liberamos uma força social inteiramente nova - uma corrente de mudanças tão acelerada que influencia o nosso senso de tempo, revoluciona o andamento da vida cotidiana e afeta o modo mesmo com que “sentimentos” o mundo que nos rodeia”. (TOFFLER, 1973, p. 10)

Dessa maneira, são rapidamente perceptíveis às dificuldades enfrentadas pelos indivíduos no sentido de se encaixar a esta série de transformações. No entanto, quando paramos para averiguar algumas esferas da nossa sociedade o sentimento que temos é de como se o futuro que se espera estivesse retido em um “espaço – tempo”, aprisionado em uma espécie de abismo que não se deixa seguir em modernidade. Assim visualizamos a escola. Espaço de processamento de informações pouco refletidas. Essa certeza convida educadores a pensar em favor de uma educação libertadora como no dizer de Freire, e por ser libertadora, também será autêntica, respaldada na interação entre pares ou com ferramentas, na colaboração, no estímulo às atividades meta cognitivo, e na promoção da autoria enquanto ato de autoridade intelectual possível aos aprendizes. O que consistiria então em inovação, por que: “a inovação pedagógica compreende alterações qualitativas nas práticas pedagógicas, através de um processo crítico e este, por sua vez, leva a uma descontinuidade com o paradigma fabril e a uma ruptura com as pedagogias tradicionais” (FINO, 2007, p. 01).

Assim, se supõe que inovação pedagógica esteja voltada para a qualidade das práticas e que propiciem condições para a aprendizagem; arejadas pela descontinuidade intencional dos tradicionais contextos de ensino buscando dar significado real ao contexto vivenciado. Dessa forma, faz-se necessário uma nova visão sobre as obrigações educativas, procurando uma maneira diferente de aprender, a qual não consista mais em repasses de conteúdos e sim na formação da estrutura cognitiva do sujeito com competências e habilidades para enfrentar situações distintas e desafiadoras. Neste contexto Sacristán, (1995, p. 66), salienta que:

“O ensino é uma prática social, não porque se concretiza na interação entre os professores e alunos, mas também porque estes atores refletem a cultura e contextos sociais a que pertencem. A intervenção pedagógica do professor é influenciada pelo modo como pensa e como age nas diversas facetas da sua vida” (SACRISTÁN, 1995, p. 66).

Gadotti (2000 p. 41) questiona – se quando fala: “que tipo de educação necessita os homens e as mulheres dos próximos 20 anos, para viver esse mundo tão diverso?”. A escola precisa encontrar seu caminho para as diferenças encaixando a criança no mundo das diversidades, preparando como legítimo cidadão. Em sala de aula, há alunos com culturas diversificadas e que diante dessa realidade requer do professor um olhar diferenciado para seu planejamento para sua realidade do dia – a – dia. A educação deve progredir em ritmo acelerado, acompanhando o progresso e diminuindo a desigualdade que se originam decorrente do avanço, visto que existem pessoas desprovidas dessa informação, faz-se necessário a abertura de espaços para a nova tecnologia e rever a forma de ensinar buscando novas formas, que possam ir além das tradicionais. Para entendermos melhor, Fino (2008) aborda a ideia de inovação pedagógica, ampliando sua dimensão dentro do vasto campo da ruptura paradigmática e cultural, que:

“Inovação pedagógica como ruptura de natureza cultural, se tivermos como fundo as culturas tradicionais. E abertura para a emergência de culturas novas, provavelmente estranhas aos olhares conformados com a tradição. Para olhares assim, viciados pelas rotinas escolares tradicionais, é evidente que resulta complicado definir inovação pedagógica, e tornar a definição consensual. No entanto, o caminho da inovação raramente passa pelo consenso ou pelo censo comum, mas por saltos premeditados e absolutamente assumidos em direção ao, muitas vezes inesperados. Aliás, se a inovação não fosse heterodoxa, não era inovação” (FINO, 2008, p. 2).

Entretanto, promover uma formação continuada com vistas à inovação pedagógica no campo das práticas curriculares e didático – pedagógico requer dos professores um preparo para enfrentar os desafios, como o de encarar e gerenciar com capacidade as diferenças inerentes aos fenômenos de uma sala de aula. Estabelecer ligação entre tecnologia e escola é um processo que exige mudança em todas as áreas, sendo esta mudança uma atitude conjunta que só vai acontecer em função da vontade que se tenha em fazer. Quando se fala em mudança na educação, a função sofre restauração que são firmadas a partir de novas práticas e necessidades sociais. O professor nessa nova esfera deixa de ser o detentor do saber e passa a ser o mediador, orientador do processo de ensino e aprendizagem.

E assim, uma forma de encorajar o desejo do professor em refazer sua vivência com os estudantes está em discutir sua prática didática no que diz respeito ao papel assumido pelo aluno, pois o maior desafio destes novos tempos é entender e saber utilizar estes recursos tecnológicos com uma visão crítica e avaliativa, onde o professor consiga discernir a

diversidade de aparelhos que são de suma importância para atender suas perspectivas pedagógicas.

“Vivemos já numa sociedade em mudança, num planeta tornado subitamente muito pequeno pela acção das tecnologias digitais, da globalização, da pulverização das culturas locais. [...], entretanto, como se nada tivesse acontecido, a escola pública tem continuado a tentar cumprir a sua missão de formar para a sociedade industrial. [...] como é que é possível não reparar que a escola modelada na fábrica do século XIX, por muitos e relevantes serviços que tenha prestado à humanidade nesse século e no seguinte, precisa de uma reorientação paradigmática” (FINO, 2007, p. 4).

As escolas da contemporaneidade vivem com os mesmos problemas do passado e perdidas no paradigma fabril pautadas na reprodução. O conceito de inovação está definitivamente ligado à superação dessa realidade. A prática educacional e seus valores estão seriamente abalados, desgastados, mostrando claramente sua obsolescência diante dos novos anseios e novas aspirações da sociedade emergente. O conceito de inovação é atualmente uma forma abrangente, considerado como um dos elementos cruciais e categórico para o andamento do progresso nos mais diversos segmentos da sociedade atual.

Para haver inovação pedagógica é preciso que tenha mudanças qualitativas na estrutura das práticas pedagógicas, seja em ambientes físicos ou virtuais de aprendizagem. Essas mudanças envolvem uma postura crítica diante das noções da escola tradicional e busca a criação de contextos de aprendizagens inovadoras, diferentes das escolas tradicional, que insiste na forma de se criar contextos de ensino, continuando sempre o foco no professor e não no aprendiz. A inovação pedagógica vai muito além de modernizar, equipar salas com modernos equipamentos tecnológicos. Ao se falar em inovação, imediatamente nos leva a um ato de reflexão, que também nos conduza a novas práticas que venham trazer mudanças benéficas no campo educacional. Quando se permite oportunidades e condições, as crianças com certeza aprenderão com facilidade. Assim, podemos afirmar que em pares conseguimos superar os problemas, porque o fazer pedagógico está voltado a estratégias no ponto de vista de Vygotsky (1984).

Certamente que a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação como ferramentas sejam muito importantes à educação, contudo, se observa que tais instrumentos sozinhos não garantem o sucesso no aprendizado, sendo necessário interação entre os pares para aquisição do conhecimento. É interessante que os educadores estejam preparados para mediar seus alunos que são construtores de conhecimento, e que entendam a sua função em

inovar a prática, no sentido de favorecer situações de aprendizagem. Tendo a certeza que a consolidação de um modelo de escola pautado na inovação pedagógica não depende da utilização das tecnologias, mas da realização de práticas e situações de aprendizagem bem-sucedidas.

3.2 Ambientes de aprendizagem e aprendizagem significativa

Na atualidade, circula informações quase que conjuntamente ao se prolongar dos fatos, a definição de aprendizagem já se afasta da ideia de que entender é aceitar e reter informações. Sabe – se que é muito mais que isto, que o movimento, o ato de aprender desenvolve e também pressupõe as habilidades examinar, explicar e associar as informações recebidas, levando o educando a participar, opinar sobre ideias e fatos e a assumir posições críticas e avaliativas. Com o olhar voltado para essa perspectiva, a educação, tem como objetivo principal a formação do responsável, agente e consciente. Em conformidade com os PCNs, pode – se afirmar que:

“Concebe a educação escolar como uma prática que tem a possibilidade de criar condições para que todos os alunos desenvolvam suas capacidades e aprendam os conteúdos necessários para construir instrumentos de compreensão da realidade e de participação em relações sociais, políticas e culturais diversificadas e cada vez mais amplas, condições estas fundamentais para o exercício da cidadania na construção de uma sociedade democrática e não excludente” (BRASIL, 1997, p.33).

Assim, conteúdos temas, atividades propostas, pesquisas, a especial atenção dada aos trabalhos com a oralidade tais condições buscam viabilizar e dar a forma e o encaminhamento mais adequados a sua realidade. E assim, propiciar ao aluno a construção de seu conhecimento e o desenvolvimento de habilidades que o levem a expandir e ampliar sua capacidade de aprendizagem e exercer a cidadania.

Partindo dessa concepção de aprendizagem, assegura – se situações de aprendizagem desafiadoras, em que os desafios e os problemas levem o aprendiz ao interesse e o desejo de saber e torne o conhecimento significativo; na construção de conhecimentos novos a partir de relações com os conhecimentos adquiridos anteriormente, no estímulo à formulação de hipóteses relativas a novos conceitos; na capacidade de selecionar e avaliar, sintetizar com o intuito de apropriar – se criticamente dos novos e aplica-los na vida prática. É necessário que

se olhe para as ações humanas como instrumentos que auxiliam e caracterizam a transformação social dentro do processo educacional.

“Na medida em que as crianças rejeitam uma Escola que não está em sintonia com a vida contemporânea, elas tornam-se agentes ativos de pressão para mudança. Como qualquer outra estrutura social a Escola precisa ser aceita por seus participantes. Ela não sobreviverá muito além do tempo em que não se puder mais persuadir as crianças a conceder-lhe certo grau de legitimidade” (PAPERT, 2008, p. 21).

As experiências vividas pelo indivíduo que interage com outro isso constitui um resultado de aprendizagem, o papel de mediador passa a ser do professor, que baseado na realidade do aprendiz ele vai à busca de aprofundar e aperfeiçoar o seu conhecimento. Papert (2008, p. 19) afirma que “a melhor aprendizagem ocorre quando o aprendiz assume o comando e a escola seja o local onde aprender coexista com uma cultura de responsabilidade pessoal”, quando a criança tem a oportunidade de buscar e de pesquisar o conhecimento, as suas estruturas intelectuais, são construídas por se própria, dessa maneira ela a faz com contentamento e, lhe dando mais chances de amar o próximo, ser solidária e bondosa.

Quando o aprendiz está engajado em construir um produto de significado pessoal o aprendizado ocorre com muita especialidade, e que possa ter amostragem para outras pessoas e que parta de uma ação concreta. “O conhecimento resulta de interações que se produz a meio caminho entre os dois” (PIAGET, 1972, p. 14). Muito embora, na maioria das vezes isso seja deixado para trás, e, por muitos educadores usados em segundo plano.

“[...] é comum entre os construtivistas a ideia de que o conhecimento é construído activamente pelos aprendizes, e que educar consiste em proporcionar-lhes oportunidades de se ocuparem em actividades criativas, que alimentem aquele processo de construção de conhecimento” (FINO, 2004, p. 3).

Se for de a escola permanecer adotando a postura de mera transmissora do conhecimento, o papel dela é organizar situações que levem à aprendizagem, reconhecendo que já não é mais a detentora do saber, mas que conceba aos aprendizes indícios para obter e aprender informações que venham construir adquirir e construir o conhecimento e adquirir habilidades e competências que o espírito crítico evolua de maneira simultânea.

PARTE II – PERCURSO METODOLÓGICO

CAPÍTULO 4 - METODOLOGIA

“As pesquisas de campo de inspiração qualitativa realizam uma verdadeira ‘garimpagem’ de ações, realizações e sentidos e estão interessadas acima de tudo com o vivido impregnado da cultura daqueles que os instituem” (MACEDO, 2010, p. 87).

A Folia de Reis apresenta caráter interdisciplinar, e é observado em sua história e designação, se colocando tanto a altura da produção de teorias, como de metodologias. A metodologia pela qual escolhemos, nos permite uma compreensão dos fatos enquanto sujeito portador de subjetividade ao mesmo tempo imerso no centro da investigação, para uma compreensão em profundidade, atendendo a complexidade do tema abordado. Segundo (ESTEBAN, 2010, p. 130) “a pesquisa abrange basicamente aqueles estudos que desenvolvem os objetivos de compreensão dos fenômenos socioeducativos e a transformação da realidade”, e assim, o trabalho de abordagem qualitativa etnográfica, produz uma rotina no campo de pesquisa com os sujeitos pesquisados.

4.1 O paradigma da pesquisa

O estudo realizado no grupo dos integrantes do Reisado, os quais têm seus trabalhos direcionados à cultura popular, é um elemento integrante e integrado, simples e natural no cotidiano do povoado. As mulheres costumam em suas atividades diárias cantarolar as músicas de reis, os mais jovens costumam improvisar passos e versos e simularem como pandeiros objetos que costumam emitir sons. Com o olhar voltado para esse convívio diário percebemos que o samba de reis é a construção de vínculos sociais e educativos, partindo daí nos leva a considerar a pesquisa etnográfica como apropriada e necessária para a investigação de todo o processo.

A etnografia situará o objeto de pesquisa que é o Samba de Reis dentro de um argumento singular, situando o observador dentro dele e com uma visão participativa e envolvente. Assim, que a pesquisa caráter etnográfica nos remete a uma aproximação naturalista dos fatos, dando margem a interpretativa ao mundo em torno do objeto estudado; este fato induzirá o pesquisador a examinar os elementos *in locus*, tentando perceber de forma subjetiva os fenômenos revelados e seus significados, agregando-os à realidade experimentada e/ou observada por ele. Na pesquisa etnográfica define-se uma trajetória metodológica aliada à investigação para não se perder detalhes significativos ao que estar sendo observado e, também para não comprometer o seu resultado. Nessa direção, a pesquisa

etnográfica, de observação participante, determina certa vivência e intensas considerações socioculturais do grupo observado:

“[...]está metodologia habilita o investigador a um contacto muito estreito e prolongado com a realidade que se propõe estudar, e a circunstância de poder vir a ser “adaptado” pelo grupo social que estuda como uma espécie de novo membro abre-lhe portas para desse grupo onde, afinal, a cultura se gera e se partilha. Daí que se possa considerar a observação participante, incluindo o expediente da formulação de perguntas, obviamente nem todas previsíveis no início da investigação, como um instrumento poderoso e relativamente manejável para análise e interpretação dos fenômenos de natureza sociocultural que ocorrem nas escolas” (FINO, 2003, p. 115).

Para tanto, a pesquisa tem como principal objetivo focar o comportamento sócio pedagógico do grupo, contextualizando a vivência, o tempo e o espaço, focando nos dados qualitativos que a pesquisa proporciona. Neste caso é de suma importância que o pesquisador considere o contexto social junto com suas observações e interpretações, e, para que haja uma melhor análise dos fatos e não se restringir a indivíduos, ou situações específicas.

É necessário que o pesquisador lance mão de alguns métodos que lhe viabilize detalhes em quantidade máxima, para que lhe dê condições para assimilar dados da melhor forma possível. Usarei os seguintes instrumentos etnográficos: diário de campo, observação participante, fotos, entrevistas, análise e interpretação de dados, conversas informais, além de qualquer artifício que ajude a construir uma história orientada, que definida por Macedo (2006), como sendo “[...] uma história conferida do olhar crítico e reflexivo do investigador”. (MACEDO, 2006, p. 81). Nessa espécie de pesquisa, irei fundamentar, para explicar o objeto de estudo, que contempla as práticas pedagógicas da Folia de Reis do povoado quilombola. Esta pesquisa de abordagem qualitativa e de natureza etnográfica parte de uma ‘descrição densa’, como bem esclarece o autor Clifford Geertz (2008): “Não é simplesmente instituir relações, escolher informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário; o que determina a etnografia é o tipo de esforço intelectual que ela representa; um risco elaborado para uma ‘descrição densa’ ”(GEERTZ, 2008, p. 07).

Com a pesquisa se pretende adquirir toda espécie de atualidade sensível, não apenas mediante o real vivido como também sobre os sujeitos dessa realidade concreta, de forma criativa simbólica e descritiva. Ao utilizar técnicas e procedimentos etnográficos observa-se o modo como o grupo social ou as pessoas dirigem suas vidas. Assim, em vez de buscar descobrir o mundo social, coisas que seriam ignoradas por aqueles que vivem nesse mundo social, procura conhecer o que os próprios atores sociais conhecem (de dentro da vivência),

observar o que eles vêm a compreender, o que eles compreendem, para poder apropria-se do seu vocabulário, do seu modo de enxergar o mundo, da sua maneira de estabelecer relações, para assim saber o que, para eles, é ou não importante para, então, entender o processo (LAPASSADE, 2005).

Esses procedimentos metodológicos intencionam tornar relevante a pesquisa e perpetrar uma abordagem qualitativa no qual facilitará a apresentação dos resultados e dos objetivos a serem alcançados. E assim salienta, é o mergulhar na realidade que levará o pesquisador a extrair o máximo de informações possíveis, colocando-o em foco, a fim de ter acesso às experiências, às condutas, às interações e aos documentos de tal modo que haja uma compreensão dinâmica e relevante a si e ao grupo estudado. (MACEDO, 2012).

Dessa maneira, o relatório etnográfico deve buscar descrever os lugares, as pessoas, as situações vivenciadas e observadas, as atitudes das pessoas no cotidiano, suas falas coletadas através de entrevistas ou depoimentos e o confronto com os documentos devem estar presentes, priorizando sempre pela ética. A etnografia é relevante nas atuais pesquisas educacionais, pois valoriza o cotidiano escolar e enfatiza a educação enquanto processo social, cultural e histórico.

4.2 O Locus da Investigação

O *locus* dessa pesquisa foi em um povoado quilombola, município de Campo Formoso, Bahia. O referido povoado se distancia da sede 84 km, esse percurso é feito por estrada vicinal e que em determinadas épocas oferece perigo e risco de vida. Segundo o IBGE, o município possui uma população de 71.487 habitantes. Sendo que, 26.863 residem na zona urbana e 44.624 na zona rural. Campo Formoso é conhecido como terra das Esmeraldas, a 400 km de Salvador. É uma cidade com muitas grutas que atraem turistas até de outros países.

Figura 1- Mapa do Município de Campo Formoso por região



As manifestações culturais dessa localidade são as festas juninas e tem como padroeiro São João Batista, a vaquejada, o reisado e a penitência. As maiores partes destas manifestações estão presentes na memória do povo, principalmente dos mais idosos, constituindo elementos importantes para o estudo do comportamento da sociedade. A vida econômica da população baseia-se na agricultura e comércio, sendo que o sisal é a principal fonte de renda, e a comercialização se dá aos sábados, pois é o dia da “feira livre”, onde se concentra um número considerável de pessoas para compra e venda. Além do sisal se dá também a comercialização de alimentos, troca de animais, venda de roupas e outros objetos. Vale salientar que boa parte dos habitantes desse povoado consiste de aposentados e de algumas associações que foram fundadas gerando projetos e rendas para subsistência de famílias.

Figura 3- Imagem aérea do povoado quilombola



Fonte: Engenharia WA

A comunidade está afastada da sede do município por 84 km, o que afastava as comunidades circunvizinhas, considerando a distância e dificuldade ocasionadas pelas estradas precárias. No povoado dois itens aparecem como importantes para a sua melhoria, que é o Balneário e uma Quadra Poliesportiva. Contudo, com a implantação do “Balneário Elibahia,” a comunidade quilombola passou a ter um número maior de visitas em finais de semana e em dias de feriados, sendo considerado o Balneário uma área de lazer importante para o município, o que contribui para melhorar as estradas de acesso. Esse espaço levou as regiões circunvizinhas a visitarem o povoado e conseqüentemente melhorando a economia do lugar, gerando assim, mais empregos e desenvolvimento.

Em outubro de 2012 foi inaugurada uma quadra, espaço poliesportivo professora R. A. D. dos S., que fica ao fundo do CMDC, esse é o único espaço recreativo que a comunidade possui, portanto, todas as escolas, igrejas e a comunidade todos utilizam o espaço para reuniões, eventos, culminâncias, torneios, gincanas e etc. sendo que recreativo usado também para lazer e é sendo também cultural. Esse espaço aparece para o funcionamento e

desenvolvimento da instituição como um todo, principalmente para o corpo discente. Nessa perspectiva, pensar, planejar e organizar de maneira correta a infraestrutura de uma escola proporciona um aprendizado diferenciado, esse foi um presente muito sonhado e desejado pelos jovens da localidade e era para muitos um sonho quase impossível.

Figura 4 – Quadra Poliesportiva



Fonte: Arquivos da Escola

4.3 Técnicas e instrumentos para a coleta de Dados

Nesta pesquisa utilizei algumas técnicas de coletas de dados como: entrevista aberta, observação participante, recolhimento documental e diário de bordo. Foi através dessas técnicas que possibilitou um levantamento de dados de suma importância para a pesquisa etnográfica. Para que assim, possa ter material e dados suficientes para a próxima pesquisa que é análise desses dados.

Neste sentido, as mencionadas técnicas de coleta de dados, que foram utilizadas para analisar a realidade pesquisada. É nesse período de coleta de dados que o pesquisador se inclui no grupo social investigado com a finalidade de presenciar e vivenciar sua organização e como os comportamentos, os valores, as crenças, as relações dessa cultura complexa, são estabelecidas.

4.3.1 Sujeitos da Pesquisa

Escolhi no povoado 04 profissionais da educação do corpo docente da escola CMDC, 04 adolescentes que fazem parte do corpo discente da mesma escola, 04 pessoas da comunidade e os 03 responsáveis pelo reisado, senhor J. R. que toca a viola, senhor Ag. com o triângulo e dona E. B. que canta. A escolha pelo grupo participante da pesquisa é de grande valia, os sujeitos dessa pesquisa, são os “atores sociais” que estão envolvidos diretamente nos movimentos culturais, e são moradores da comunidade, mais precisamente uma quantidade representativa da mesma, que deram subsídios suficientes para o desenvolvimento da pesquisa.

Nesse sentido Macedo (2010) afirma que:

“No processo de construção do conhecimento, a etnopesquisa crítica não considera os sujeitos do estudo um produto descartável de valor meramente utilitarista. Entende como incontornável a necessidade de construir juntos; traz pelas vias de uma intensa interpretação dialógica e dialética a voz do autor social pra o *corpus* empírico analisado e pra a própria composição conclusiva do estudo, até porque a linguagem assume um papel co-constutivo central” (MACEDO, 2010, p.10).

Esses sujeitos se reconhecem como afrodescendentes e caracterizam-se por serem pessoas simples, humildes que sobrevivem em geral da agricultura de subsistência, muitas vezes prejudicados pela seca, e assim, os atores sociais do povoado quilombola, tornam-se sujeitos de suma importância no desenvolvimento dessa pesquisa, uma vez que forma eles, com suas manifestações culturais o foco desse estudo.

4.3.2 Observação participante

Para efetivação dessa pesquisa o tipo de observação que foi realizada se deu através da observação participante. Fino (2006), argumenta que, para o incremento de uma pesquisa etnográfica, o investigador pode se prevalecer dos mais variados métodos e fontes de estudo, enfatizando que:

“Observação participante, propriamente dita, é o que o observador apreende, vivendo com as pessoas e partilhando suas atividades. Mas, também, através das entrevistas etnográficas, que são as conversações ocasionais no terreno, portanto não estruturadas, e mediante o estudo, quer de documentos oficiais,

quer, sobretudo, de documentos pessoais, nos quais os nativos revelam os seus pontos de vista pessoais sobre a vida ou sobre eles próprios, e que podem assumir a forma de diários, cartas, autobiografias” (FINO, 2006, pp. 4-5).

A escolha dessa técnica foi por me permitir um nível maior de interação e envolvimento com os atores sociais, permitindo que o pesquisador participe de movimentos que ocorre no interior do grupo estudado. Para Lapassade (2005) a observação participante permite estudar “os valores, as normas, as categorias, que caracterizam essas pessoas e de descobri-las ‘desde dentro’” (LAPASSADE, 2005, p.81).

Convém ressaltar, que no ato do registro dos dados coletados pelo pesquisador, as anotações, podem inclusive conter a presença de elementos extras como grifos em palavras, uso de palavras chaves, ente outros para chamar a atenção do observador, sobre acontecimentos especiais durante a pesquisa, serão fundamentais para a interpretação e significações, atribuídos aos fenômenos sociais.

Tabela 01: Datas, horários e locais de realização das observações

Data	Hora	Local	Evento
10/11/2015	14:00 às 16:00h	Casa de J. R.	Apresentação do projeto de pesquisa para os enfrentantes do terno de Reis
05/01/2016	10:00 às 12:00h 13:30 às 18:00h 19:30 às 21:30h	Rua do Alecrim Rua do Alecrim Rua do Alecrim	Observação participante Observação participante Observação participante
06/01/2016	08:00 às 10:00h 14:30 às 18:00h 18:30 às 24:00h	Ruas do povoado Rua do Alecrim Ruas do povoado/ Casa de J. R.	Observação participante Observação participante Observação participante no Samba de reis
05/01/2017	08:00 às 11:30h 13:00 às 17:00h 19:00 às 22:00h	Casa D. E. Casa enf. de reis Casa de J. R.	Observação participante Observação participante Observação participante
06/01/2017	08:00 às 11:30h 14:00 às 17:00h 19:00 às 23:40h	Rua do Alecrim Rua do Alecrim Ruas do povoado/ Casa de J. R.	Observação participante Observação participante Observação participante no Samba de reis
05/01/2018	07:00 às 11:30h 13:00 às 17:00h 19:30 às 21:00h	Ruas Diversos . Ruas Diversos Casa de J. R.	Observação participante Observação participante Observação participante
06/01/2018	08:30 às 11:30h 13:30 às 17:00h 19:00 às 23:00h	Rua do Alecrim Rua do Alecrim Ruas do povoado/ Casa de J. R.	Observação participante Observação participante Observação participante no Samba de reis
10/03/2018	08:00 às 11:30h	Rua do Alecrim	Entrevista aberta/atores
10/03/2018	13:30 às 17:00	Colégio	Entrevista aberta
11/03/2018	08:00 às 11:30h	Diversos	Entrevista aberta/comunidade

4.3.3 Entrevista Aberta

A entrevista na perspectiva etnográfica foi uma das técnicas utilizadas nessa pesquisa por se tratar de um método, que vai além da simples coleta de informações, uma vez que, possibilita ao pesquisador interpretar e compreender por meio do contato direto com os sujeitos pesquisados, o significado e o sentido que esses atores percebem de suas vivências, das instituições a que pertencem e mundo que os cerca. Para Macedo (2006), “a entrevista é um rico e pertinente recurso metodológico para a apreensão de sentidos e significados e para a compreensão das realidades humanas, na medida em que toma como premissa irremediável que o real é sempre resultante de uma conceituação” (MACEDO, 2006, p. 104).

Em se tratando da entrevista, a linguagem representa um poderoso instrumento de percepção, uma vez que permite a compreensão do real por meio de um conjunto de códigos gestuais e verbais, onde até mesmo a expressão e o silêncio são dotados de significados e possuem relevância para a efetivação de um estudo. Para Macedo (2012), a “linguagem revela, vincula e cria representações nas quais, formas e significações estão inseridas no contexto social de sua produção e de seu uso” (MACEDO, 2010, p 103-104).

A entrevista foi de suma importância e superinteressante no contexto da etnografia, a entrevistas e constitui com esses dados, porque não possui uma estrutura fechada e rígida, ou seja, não é completamente programada, é semiestruturada e flexível ao mesmo tempo, pois o pesquisador pode ter o controle de alguns aspectos relacionados à entrevista e controlar para que a mesma não perca o foco sem contudo, perder a chance de explorar o inesperado e transforma-lo em uma oportunidade dialógica de enriquecimento ou até mesmo de direcionamento da entrevista.

Foram entrevistados conforme tabela 01 (Observação participante), 03 atores do Samba de Reis que têm formação no fundamental I. 03 pessoas da comunidade, sendo 02 do sexo feminino e uma do sexo masculino que têm o ensino médio completo. 04 alunos do fundamental II, Gestora e 04 professores com Pós-graduação do Colégio Municipal Davino Carneiro povoado quilombola - Campo Formoso/Ba. Excluindo os professores que não residem na comunidade local, todos os demais onde nasceram e se criaram na comunidade são atuantes e conhecem a cultura local.

4.3.4. Diário etnográfico

Os elementos coletados, ordenadamente, nas relações constituídas entre os sujeitos-atores da investigação e durante a observação participante foram anotados num diário etnográfico. Este deu origem a um apontamento que registra os fatos no período observado que corresponde a 3 três dias na primeira quinzena de janeiro dos anos de 2016, 2017 e 2018, conforme tabela apresentada acima, após registro foi feita uma apreciação criteriosa com base nos acontecimentos ressaltados no estudo.

O diário etnográfico é um elemento eficaz, por consentir um certo distanciamento numa investigação. Macedo (2004, p. 172) fala também sobre a importância do diário de campo, quando o considera:

“[...] um documento valioso da pesquisa. Ele descreve a implicância do pesquisador, contém detalhes da maneira como concebeu a pesquisa ao longo do processo de investigação, sobre a negociação de acesso ao campo, sobre a evolução do pesquisador ao longo dos seus estudos, sobre o fracasso e erros. Esse gênero de documento é útil para avaliar os resultados na medida em que a pesquisa é, num certo sentido, uma pesquisa-ação nos níveis da transformação teórica, epistemológica, metodológica e profissional do próprio pesquisador”. (MACEDO, 2004, p. 172)

Sendo assim, vale lembrar que, no transcorrer da pesquisa, todas as anotações e registros escritos, bem como recolha de imagens e de documentos, foram indispensáveis para este estudo qualitativo de caráter etnográfico, promovendo o desenvolvimento da investigação de forma adequada ao que se propõe.

4.3.5 Imagem

As imagens previamente autorizadas em documento, para utilização nesse estudo foi mais uma técnica utilizada nessa etnopesquisa, por ser um dispositivo de coleta de dados que nos leva a compreensão da realidade e se configura num certo momento do contexto sociocultural um material que nos concede significados e percepção adquiridos pela leitura da mesma. A imagem reúne um conjunto de aspectos físicos (tamanho, cor, forma etc.) configura-se como métodos não verbais e dinâmicos que proporcionam a recepção de uma linguagem que vai além dos limites verbais.

4.3.6 Análise de documentos como etnotextos

As bases metodológicas da pesquisa qualitativa partem do pressuposto de observar, descrever e interpretar, foi realizada uma análise participativa de fontes escritas e de forma criteriosa, para desmistificar os diversos e múltiplos aspectos num contexto holístico de uma situação, buscando e extraindo de documentos a realidade representada da pesquisa. Desta maneira, todo e qualquer forma de documento que manifeste a percepção e a linguagem e do sujeito possui relevância para esta etnopesquisa, os textos informais presentes na vida diária dos atores foram gerados no cotidiano das observações participantes, mesmo aquelas produções que muitos julgam obsoletas podem guardar dados preciosos e de extrema importância para o sucesso do objeto de estudo.

O etnotexto, ou seja, textos construídos a partir da observação participante, traz benefícios que é a sua relativa estabilidade, que oferece segurança e confiança ao pesquisador quanto à confiabilidade dos dados obtidos, uma vez que esses podem resultar de pesquisas realizadas anteriormente e, além disso, estão à disposição do estudioso caso seja necessárias repetidas análises de acordo com as demandas do estudo. Macedo (2010) comunga dessa ideia ao afirmar que os documentos como etnotextos “constitui-se num recurso precioso para esse tipo de investigação, seja revelando novos aspectos de uma questão, seja aprofundando-a” (MACEDO, 2010, p.107).

Dessa forma, com os dados obtidos na pesquisa por meio dos métodos acima apontados, realizou a triangulação dos mesmos com fins a significação e interpretação dos fenômenos e dos fatos observados.

4.4 Ética na investigação

Pressupõe – se que a ética na pesquisa qualitativa é um conhecimento prévio, das inferências a que venha ocorrer na investigação, o pesquisador precisa transparecer e esclarecer de forma minuciosa os objetivos da investigação, dessa maneira, assegura a confiança e o respeito dos sujeitos pesquisados. Lembrando que uma pesquisa em que seres humanos estão envolvidos é necessário assegurar que os princípios do campo pesquisado não sofrerão interferência.

A ética neste sentido é de grande importância para o pesquisador, pois o sujeito da investigação precisa ter a identidade e a confiabilidade protegida, e assim, como a autorização para expor o trabalho em público. Uma postura de sensibilidade, respeito e humildade são traços imprescindíveis do investigador. Não distorcer os fatos mantendo fidelidade ao cotidiano observado e registrado no diário etnográfico a fim, de não distorcer a realidade, é uma característica da pesquisa qualitativa, que deve ser validada no estudo.

CAPÍTULO 5 - MÉTODOS DE ANÁLISE DE DADOS

Para análise dos dados recolhidos no povoado quilombola, localizado dentro do município de Campo Formoso. Buscou analisar organizar os dados recolhidos nas entrevistas, tendo como técnicas de leituras, de análise, de interpretação, com o intuito de cruzar as informações obtidas durante o processo de investigação na comunidades quilombola, que foi reconhecida pela Fundação de Palmares, sendo uma das que se destaca no referido município. A mesma, é de grupos étnicos predominantemente constituídos por população negra rural que se auto definem como tal, a partir das relações com a terra, o parentesco, o território a ancestralidade, tradições e práticas culturais próprias.

A cultura nesta localidade é diversificada, além do samba de Reis existe a penitência que é feita no período da semana santa e, nos últimos 20 anos foi incorporada a festa do vaqueiro, festa que tem crescido na comunidade e tem um número grande de jovens que admiram e participam desse evento. Enquanto isso o reisado e a penitência perdem força, pois os jovens não interessam em aprender e os líderes não estão preparados para liderar, pois faltam compromisso e vontade nos jovens de aprender.

Aos mais jovens, meninos e meninas aprendem desde muito cedo o trabalho doméstico e a vida no campo, sendo que muitos desses jovens trabalham durante o dia e estudam à noite. Enquanto isso os adultos além da vida no campo se dedicam a um vasto conhecimento de farmacopeia popular, utilizando-se de raízes, cascas, folhas e sementes como matérias-primas para suas curas. Esta prática continua sendo utilizada até os dias atuais.

Considerando o que particulariza a comunidade quilombola e o processo através do qual toma posse da área que hoje habita como elemento fundamental para se entender a formação do grupo, sobretudo as suas estratégias de preservação no espaço territorial. E enquanto ocupante de um território que o grupo se reproduz, política e simbolicamente como organização distinta no meio rural.

5. Categorização

Na investigação é fundamental conservar uma coerência e a categorização, pois permite na opinião Bardin (2004) uma classificação, de modo a isolar informações para assim organizá-las e emplacá-las, sendo possível agregar o que é comum num conjunto de

elementos, da mesma forma se procede com as subcategorias. Sendo assim, a categorização permite facilitar a organização dos dados recolhidos no *locus* de pesquisa.

5.1 Ambiente Formal

O colégio Municipal Davino Carneiro foi inaugurado em junho de 1992, iniciou suas atividades oferecendo apenas 6º ano do Ensino Fundamental II nos turnos vespertino e matutino, a cada ano aumentava uma série, logo a referida escola alcançou um número significativo de alunos. A partir de 1997 foram recebidas na escola às séries iniciais que permaneceram até 2010. Em 2009, no turno noturno iniciaram-se as turmas de Ensino Médio, que permaneceram na escola por um período de 04 anos até que fosse construída sua sede própria.

A unidade escolar é composta por 06 salas de aulas, que inclusive estão instaladas 1 biblioteca, 1 cozinha, 1 almoxarifado, 1 sala para os professores com banheiro, 1 secretaria, 1 sala para a direção, 2 banheiros (masculino/feminino). O CMDC encontra-se relativamente equipado e conta com uma quadra poliesportiva, que é o espaço mais visitado pelos alunos nos intervalos e horário vago é um espaço aberto, ou seja, não tem muro, permitindo que as demais escolas e a comunidade integrem ao espaço.

Atualmente o número de alunos caiu muito, possui apenas 160 alunos, contando apenas com 18 funcionários o número de alunos citados estão distribuídos nos turnos diurnos e noturnos, com 2 turmas pela manhã, 3 turmas a tarde e 2 turmas a noite que são as turmas de EJA. Os alunos da EJA são alunos que tiveram a vida escolar interrompida e encontram-se defasados e com distorção em idade e série, alguns desses alunos são da comunidade ou das comunidades circunvizinhas, sendo que alguns são de pais de famílias que precisam trabalhar durante o dia.

Figura 5 –CMDC



5.2 Ambiente Informal

Procurarei mapear as características contempladas no povoado de São Tomé no momento da construção de minha pesquisa. Conforme observei a comunidade é um espaço pródigo em valores, criatividade, possibilidades, comportamentos, relacionamentos, gestualidades, silêncios, limitações, e, conseqüentemente, aprendizagem.

Os homens são cheios de preconceitos, costumam confiar pouco, diante disso as fofocas circulam com muita força na comunidade. São cismados como costumam dizer, muitos deles trabalha no campo, do qual obtêm o sustento da família, muitas mulheres também trabalham no campo, outras em grande maioria são aposentadas, um pequeno número de pessoas são servidores públicos. Comunidade festeira, brincante, religiosa, com um grande número de católicos praticantes e de evangélicos. Durante o dia todos se ocupam, apenas ao entardecer começam a sentar-se a porta e começam os longos bate-papos, infelizmente existem muitos viciados em bebidas alcoólicas, muitos deles bebem todos os dias e fumam de maneira descontrolada, diante disso, a comunidade conta com a transição e uso de droga.

Os jovens apresentam um desinteresse grande em relação à continuidade das manifestações culturais, não se interessam em aprender e muitos não gostam nem de assistir. Embora muitos deles, façam de algum modo o uso da música, de algum verso, possui um baixo nível de domínio da língua e acreditam em exclusão social, se acomodaram e muitos deles não apresentam sonhos e diante disso não buscam melhoria de vida.

Na comunidade não existe um lugar determinado para o ensaio do reisado, ou seja, um local próprio. O senhor J. R. costuma ao entardecer tocar sua viola na porta de sua casa, a partir daí costuma se juntar a vizinhança. Já dona E. B. costuma esperar suas colegas chamarem para ensaiarem, não existe local determinado dia ou hora, quem determina o horário e o local dos ensaios é o tocar da viola.

Figura 6 – Casa do Srº J. R. (local do reisado)



5.3 Observações sobre as práticas pedagógicas

No campo da educação é comum se deparar com colegas de profissão que se queixam das dificuldades que apresentam em dominar as modernas práticas pedagógicas. Para que o profissional encontre caminhos que facilite transferir o discurso pedagógico da teoria para a prática são necessárias diversas atitudes a serem observadas, bem como inseri-las na prática educacional. A prática pedagógica na pedagogia tradicional utiliza-se como método as aulas ministradas, permitindo que o ensino e a aprendizagem sigam um modelo de exposição, escuta, memorização e reprodução.

Considerando a real importância em aplicar com clareza o conhecimento que possui, bem como propiciar o sucesso profissional e o desempenho significativo dos alunos e, orienta-se estar atento a determinadas questões.

O professor tem um papel importante na vida dos alunos. Sua função é conscientizar e formar um aluno para a vida em sociedade, construindo de forma mediada o conhecimento, visando unicamente o crescimento intelectual do sujeito, trazendo e respeitando as diferenças sociais e linguísticas para construirmos dessa maneira uma sociedade melhor. Conclui-se que o ensino deve estar voltado para a realidade dos alunos. Deve-se ter um professor que busque mudar suas aulas, tornando assim, as aulas diferentes e inovadoras, para que o aluno tenha consciência que precisa melhorar muito ainda.

A Educação passa por transformações que vai das mais simples propostas às mais complexas, essas transformações estão aí para que haja uma visível mudança nesse campo. No âmbito da atividade a ser construída, nota-se o quão ainda é preciso acentuar a importância de o professor estar em constante busca por conhecimento, trazendo seus aprendizados para serem trabalhados em sala de aula, refletindo assim a relevância do aprender. Portanto, estudar o déficit do aprendizado servirá como base para vislumbrar os casos ocorrentes e como também debater e propor novos métodos de ação no planejamento pedagógico.

5.3.1 Síntese das observações

As investigações deram início no lócus em janeiro de 2016 de forma contínua. É pertinente informar que a pesquisadora já estava no lócus de pesquisa para averiguar a existência ou não de indícios de inovação pedagógica desde 2014. A observação participante do reisado na comunidade quilombola permitiu a compreensão de como o processo de aprendizagem são desenvolvidas na comunidade. Durante as atividades descritas acima, na observação do desenvolvimento de como acontece o processo de aprendizagem, percebi que o senhor J. R. e dona E. B. se colocam na posição de reproduzidor da cultura do reisado.

Diante disso, trazendo para o olhar do conceito de inovação pedagógica, que parte do princípio que inovação o educador precisa se colocar em uma posição de mediador entre o conhecimento e os aprendizes, busca fazer com que o aluno tenha autonomia sobre seu próprio conhecimento e trabalhar com pares.

Nesta parte do trabalho busco explorar os atributos das informações e explorar a natureza de tudo que foi obtido. Para tanto, é necessário atentarmos em possibilidades e

estratégias que, são as mais utilizadas pelo pesquisador etnográfico quando procura analisar atentamente os materiais que foram coletados em campo. Moraes (1999), revela que:

“Na sua evolução, a análise de conteúdos tem oscilado entre o rigor da suposta objetividade dos números e a fecundidade sempre questionada da subjetividade. Entretanto, ao longo do tempo, têm sido cada vez mais valorizadas as abordagens qualitativas, utilizando especialmente a indução e a intuição como estratégias para atingir níveis de compreensão mais aprofundados dos fenômenos que se propõe a investigar” (MORAES, 1999, p. 2).

Dentro da cultura do reisado na comunidade quilombola, pude contemplar que não existe a mediação do conhecimento, a comunidade aguarda por este dia como a comemoração do aniversário do senhor J. R., e assim sendo, pude observar nas atividades exercidas, os variados recursos, mecanismos e regularidades indispensáveis à construção de um conjunto e articulação que constituem a riqueza dessa cultura, mas que fica escondida entre eles.

Para Vygotsky, mediação é o conceito central para a concepção. Essa tarefa pode e deve ser exercida não apenas pelo professor, podendo ser também por um adulto que tenha mais experiência ou conhecimento na área que “puxem” os jovens ou a comunidade e que façam os mesmos avançarem. Olhando a comunidade pelo lado da leitura que muitos têm dificuldades, podemos substituir o material escrito pelo incentivo, encorajamento induzindo cada um a realizar escolhas entre o canto e a dança e o manuseio do instrumento, e assim, conseguir avanços dentro da folia.

Apesar de não ser uma sala quem segue o modelo tradicional (fabril), contudo apenas esse detalhe não é indicio suficiente para que se possa afirmar que existe inovação pedagógica, pois na opinião de Fino (2008) a inovação pedagógica requer que o educador tenha um olhar sobre a sua pratica pedagógica que tenha uma reflexão, através da qual permita visão “crítica ou autocrítica”.

5.4. Entrevistas realizadas com moradores da comunidade quilombola

Entrevistou 03 pessoas da comunidade, sendo 02 do sexo feminino e uma do sexo masculino. As entrevistadas todas concluíram o Ensino Médio, todos os entrevistados residem na comunidade local onde nasceram e se criaram. Pessoas atuantes na comunidade conhecem a comunidade e a cultura local. Iniciei a conversa pedindo que contassem a respeito do conhecimento do que seja a cultura do reisado no povoado quilombola. E disseram o seguinte:

“A cultura do reisado em S. T. é uma tradição que vem de muitos anos e acontece no mês de janeiro”. (HC)

“Eu não tenho conhecimento sobre o reisado aqui no povoado”. (AV)

“Aqui tem dois reisados feminino e masculino. É sempre começa dia primeiro de janeiro né. As mulheres sempre bonitas, elas se vestem com roupas né, com trajes que eles mesmos fazem. É coroa muito bonita, eu tinha curiosidade de saber o significado assim do reisado, porque eles cantavam de primeiro de janeiro né, então elas sempre falam que dia primeiro de janeiro é o dia que comemora o dia dos reis magos, aqueles que visitaram né, que eles eram cuidadores de ovelhas, pastores de ovelha. Pastores né, eles seguiram aquela estrela e encontraram o menino Jesus. É essa estrela, pode ser essa estrela né, sempre que o reisado, ele sempre canta com o menino Jesus né, é sobre nossa Senhora, então o reisado tem o sentido daquela visita, é o rei mago, aquela visita à Maria né, quando ela ganhou o menino Jesus, é uma festa muito bonita. Tem o mesmo significado, com a diferença, o reisado dos homens ele segue o mesmo significado, mas ele traz um samba raiz diferente das mulheres, ele faz uma cultura é que dá pra você perceber que aqui com certeza e no povoado quilombola, pela dança. Que no reisado deles, eles misturam reisado com a cultura dos quilombolas, eles têm o samba raiz, os sambas da época das que eles aprenderam ou talvez eles herdaram ou ouviram alguém fala dos bisavôs tataravós”. (EO)

Em se tratando sobre o conhecimento de como ocorre à convocação da comunidade escolar para participar da manifestação que ocorre na comunidade, os mesmos responderam que se dá de boca em boca. Como vimos abaixo:

“As escolas sempre que tem trabalhos sobre a cultura do lugar chamam para que as pessoas venham dançar o reisado”. (HC)

“O único conhecimento que já vi foi convocação de boca em boca”. (AV)

“A manipulação cultural sobre a festa do reisado como é que se dá a convocação da escola para a participação? Para a participação dos convites né. Sempre os professores convidam. Convoca né”. (EO)

Em relação à participação dos alunos nas manifestações da cultura do reisado nas escolas disseram que os mesmos acompanham e outra entrevistada disse que os mesmos não demonstram interesse, conforme depoimentos abaixo:

“Os alunos assistem e acompanham as apresentações da dança”. (HC)

“Não vejo interesse dos mesmos no assunto”. (AV)

“A comunidade sempre convoca a escola pra que essa tradição ela pra incentivar os jovens né pra eles não desista do reisado porque é uma tradição

de muitos anos aqui e as escolas tem aquele, aquele objetivo que esse reisado ele sempre dê continuidade não termine, porque é muito bonito”. (EO)

Em relação à adequação do material usado para a divulgação das manifestações da cultura do reisado nas escolas públicas, os entrevistados se divergem. Como pode ser visto a seguir:

“Sim, pois as pessoas têm a oportunidade de conhecer mais essa cultura”. (HC)

“Não vejo divulgação”. (AV)

“Delcir, os professores aqui professores e a direção costuma convidar pra que eles venham até a escola né. E eles têm aquele prazer de vim e mostrar o seu trabalho né, que é o trabalho bonito como eu falei ele sempre traz padeiro, traz aula, lê, incentiva, mostra um ponto religioso pros meninos mostra que ali é uma dança religiosa ele passa isso ele passa dentro da cultura ele passa pra os alunos né o objetivo daquela festa que ela é religiosa também”. (EO)

Pensando nas atividades, as manifestações mais relevantes da cultura do reisado nas escolas públicas voltadas para a aprendizagem. Onde os mesmos expuseram suas ideias ressaltando a importância da interação com a comunidade.

“Faz com que as pessoas conheçam de que forma eram feitas as letras das músicas”. (HC)

“É preciso que as escolas tragam para dentro das salas de aula, a cultura vivenciada pela comunidade mais velha para que os jovens consigam assimilar o que? É o reisado”. (AV)

“É como eu já falei né dando continuidade eu acho a importância aos meninos é em dois fatores primeiro eu acho que é muito importante a gente introduzir com os meninos um pouco de, da religião que eu falei né, porque eles estão muito carentes e eu também acho muito importante que essa cultura ela é do reisado aqui na nossa comunidade né que num venha como eu falei né vou repetir novamente que ela num venha acabar então eu acho que é muito importante pra que eles aprendam um pouco ou entendam um pouco o significado do reisado”. (EO)

Sobre a contribuição do reisado e a importância das atividades desenvolvidas na comunidade, eles se divergem, onde uma afirma que nunca viu. Está descrição está logo abaixo:

“Sim. Pois ajuda no processo de uma aprendizagem”. (HC)

“Não. Já ouvi dizer que tem essas atividades como, por exemplo... Dança de roda e visitas as casas, mas em particular nunca vi”. (AV)

“Vejo contribuição”. (EO)

Ao relatarem sobre a inserção da cultura do reisado no desenvolvimento integral do jovem na comunidade, os mesmos não são unânimes nas respostas. Pois uma das entrevistadas afirma que não vê participação dos jovens. Conforme citado abaixo:

“Ajuda os jovens desenvolverem um lado mais contagiante de ver a música e a dança”. (HC)

“Não vejo participação dos jovens”. (AV)

“É eu fico um pouco confusa nessa pergunta D. Porque pra auxiliar né isso. Na cultura do reisado né. Como é que ele é auxiliado. Deixa vê se eu consigo te responder essa pergunta viu porque como eu tô falando né o reisado ele auxilia com certeza né mais será que eu posso falar que eu sinto um pouco de, duma falta de desinteresse nos meninos, sobre eu sinto uma falta bem grande dos jovens deles mais já do reisado não eles tem eles querem auxiliar eles bastante mais os meninos de hoje em dia os jovens de hoje em dia eles já não tem aquela vontade né: De participar, e agora que é bom né ter esse incentivo pra ver se eles né, se eles conseguem gostar e aprender”. (EO)

Em relação aos desafios na área de divulgação e participação da comunidade, afirmam que a tradição está enfraquecida e a existe muita falta de interesse. Conforme foi citado:

“Que a tradição está mais fraca, pois a maioria das pessoas que participavam já faleceram e as pessoas de hoje não querem participar”. (HC)

“Falta de interesse por todos, principalmente pelos mis novos da comunidade”. (AV)

“Os jovens ou os [...] já na comunidade as pessoas mais velhas né aquelas pessoas mais velhas eu percebo o que eles num tem muito assim desafios eles é aceito o pessoal gosta é e convida até convida eles né, mas já tô dando continuidade, mas ainda os jovens não tão acompanhados eles não acompanha que eles gosta que as pessoas acompanha eles de uma casa pra outra né pra eles fazerem suas danças seus reisados mas já na parte dos jovens ainda eu ainda eu sinto que eles ainda tão desinteressados”. (EO)

Os mesmos afirmam que a existência do reisado traz benefícios as famílias dos participantes, não deixando a cultura morrer. Conforme depoimento abaixo:

“Comunidade coletiva onde todos ficam sabendo da cultura”. (HC)

“É não deixar a cultura se acabar”. (AV)

“Traz benefícios de pena que o jovem tão muito envolvido ao nessa tecnologia e num tão valorizado, mas traz benefício principalmente nas rezas como é que eu posso falar são rezas né. Que ela é que ela é muito bonita. As rezas têm as letras bonitas elas têm muitas partes bíblicos mesmo que você pode encontrar na bíblia né como eu lhe falei que ela tem o sentido religioso mas falta sempre eu boto na tecla falta os nossos jovens um pouquinho de prestar um pouquinho de atenção na festa bonita”. (EO)

O significado do reisado dentro da comunidade, eles afirmam que é uma cultura, uma tradição com resgate de uma origem.

“Uma cultura muito importante, que começou com uma brincadeira entre amigos, e depois passou a ser a tradição de S. T.”. (HC)

“Uma cultura afro brasileira e que significa resgate de uma origem própria”. (AV)

“É quase a mesma resposta que eu respondi o reisado como eu lhe falei além dela ser uma festa né que ela é assim a nossa cultura que vem já dos meus tataravôs aqui, ela tem o mesmo sentido que eu terminei de falar além de ser uma festa bonita ela é, anima a comunidade ela tem o sentido religioso”. (EO)

5.4.1 Síntese do diálogo com os moradores

Ao conversar com os moradores pude observar o conhecimento de EO em relação a cultura do povoado, assim como os demais entrevistados também demonstraram, mas não tão minucioso como a que me referi. Uma mulher de 60 anos que estampa em seu rosto o prazer de falar da cultura de seu povoado de forma clara e objetiva. Os demais entrevistados também me chamaram atenção com a paciência e tranquilidade ao expressarem conhecimento e admiração pelo samba de reis. Todos são guerreiros que lutam pelo sustento do lar, lavradores, feirantes, faxineiros e apreciadores do samba que é referência na cidade e nos povoados circunvizinhos.

Iniciamos a nossa conversa sobre o conhecimento sobre o reisado do povoado quilombola onde uma das entrevistadas afirma não ter conhecimento, mas os demais conseguem expressar que é uma tradição, e que a comunidade tem dois reis: sendo o masculino e o feminino, com mulheres sempre bonitas e que se vestem com roupas que as mesmas produzem. Os reis dos homens como costumam dizer tem o mesmo significado, mas traz uma diferença, pois se mistura com um samba raiz, introduzindo um pouco do quilombo. Começo logo a perceber um pouco de conhecimento que eles trazem sendo que não se

limitam apenas ao reisado da comunidade, ao expressarem sobre a estrela, o pastor e os reis magos.

Falam da importância da cultura e da contribuição que ela traz para a comunidade, muito embora EO afirme que os jovens estão mais envolvidos com a tecnologia, mas asseguram que as letras das músicas são baseadas nos textos bíblicos, apesar de acharem que os jovens precisem se atentar para a riqueza desta festa. Entendem que o reisado iniciou na comunidade como uma brincadeira entre amigos e hoje é a cultura do povoado e também, é uma festa bonita com sentido religioso. Os mesmos acreditam que o samba é um elo, conseguindo fazer uma mistura entre o passado e o presente, sendo uma forma de manter viva a presença de seus avós e tataravós como afirmam em suas falas.

Através dos encontros eles acreditam trazer um pouco do mundo para a comunidade e vice-versa, se levando a existir como indivíduo cultural, com ele se aprende, por ele se faz, e por ele está presente tanto dentro como fora da comunidade.

5.5 Dialogando com Professores que atuam no povoado quilombola

As entrevistas foram realizadas nos meses de abril e maio no corrente ano no CMDC. A pesquisa foi feita com 4 professores, sendo duas do sexo feminino do quadro efetivo, dois do sexo masculino sendo professores contratados e moradores do povoado, aqui os mesmos serão identificados por letra, pois explica a ética da pesquisa e determina como serão chamados os autores sociais. Aqui serão chamados de SR, FA, AV e DS. Durante as entrevistas todos os professores relatam conhecer o reisado, três deles por serem da comunidade e vivenciam desde a infância, como pode se observar logo a seguir.

Os professores afirmam que os alunos são afros descendentes, são pessoas simples com baixo poder aquisitivo e alguns são alunos que não tem sonhos e apresentam desinteresse em relação a escola. Assim como podemos observar no conteúdo discursivo abaixo:

“Origem no caso humilde, na grande maioria eu creio que 95% são todos afro descendentes, eu caracterizo como humildes e afro né descendentes”.
(SR)

“Olhe, são alunos dos pequenos povoados circunvizinhos, são alunos também que advém das famílias da sede do povoado, são pessoas carentes né, financeiramente falando são carentes, é na sua grande maioria

dependentes de políticas públicas como bolsa família, e que os mais capacitados os que têm melhor desenvolvimento são filhos de funcionários públicos, né, filhos de professores, mas todos são pessoas do povoado”. (FA)

“Características de cada um deles? É bem dividido, tem... Tem uma boa minoria que estuda mesmo e a grande maioria só vem por obrigação por parte dos pais. E a escola tá muito como é que posso dizer? Tá muito diferente do ano passado mesmo, esse ano a gente perdeu muitos alunos que realmente queria estudar. A característica esse ano é que eles tão bem devagar mesmo só vêm brincar na sala de aula”. (AV)

“São de classe média baixa né, são alunos assim que apresentam certas dificuldades de ensino de aprendizagem na verdade e é assim como é que posso falar? Eu tou sem sentido pra falar”. (DS)

Ao serem perguntados sobre o trabalho pedagógico em relação ao resgate da cultura, os educadores afirmam que poderia ser melhor, pois a cultura é envolvente e bonita, mas não há um trabalho voltado para o reisado. Sendo que um dos professores afirma que os autores sociais já estão idosos e o reisado está parando. Conforme declaram abaixo:

“Deixa a desejar, na realidade o que a gente faz voltado à questão do reisado, é quase nada, até porque eu me lembro muito bem do reisado, eu era criança. Eu via assim eles de porta em porta confeccionava o material do reisado, até me lembro que confeccionava com arame e com as tampinhas de garrafas de refrigerante, aquelas tampinhas que o material era metálico né, amassava ali e fazia um furo no meio, amassava ali e fazia como se fosse um chocalho.com aquilo. Mas assim, na escola mesmo, não é realizado nenhum trabalho voltado ao reisado”. (SR).

“É, eu acho falho, de uma forma geral não só da escola como também da população, da comunidade, porque o que tenho visto, o que tenho presenciado é a cultura do reisado, é a cultura dos penitentes e outras culturas que só acontecem em determinadas épocas do ano em tempos determinados e, poderia se ter trabalhado nas escolas mais intensamente, poderia fazer parte do projeto pedagógico dos professores, porque pra se acontecer não depende de secretaria de educação, depende das pessoas que estão inseridas no processo. Exemplo: se a comunidade vem e cobra da escola que esteja trabalhando a sua cultura, [...] é claro que a escola vai se sentir pressionada e vai fazer esse trabalho. E quando isso não acontece fica assim, em épocas determinadas chama a cultura de reis, o samba de reis, aí fazem a apresentação, é teve por sinal o Mais Educação, em que a antiga gestora, a gestora que ficou entre 2009 – 2014, salvo engano, ela colocou no Mais Educação tinha essa questão né, do resgate como opção e ela colocou seu João Reis fazendo esse trabalho, mas só a vontade dela e do João Reis não levou a frente, essa proposta. Por quê? Porque nem os pais colocavam os alunos para irem para escola e nem os demais professores trabalhavam a importância do resgate dessa cultura para o povoado”. (FA)

“No caso pra ter ainda? Existe só que tá apagando. Seria bem interessante se tivesse mesmo se pegasse pelo menos uma vez na semana tivesse essa

cultura que a gente tá vendo que o povo do reisado tá velho, tá parando seria bem interessante pra manter essa tradição”. (AV)

“É de uma certa forma a gente pode abranger em tudo, um sistema não é tão trabalhado quanto deveria ser né? Se tratar de uma comunidade quilombola deveria se ter mais um certo foco pra voltar pra a realidade da nossa comunidade que é pouco NE”. (DS)

Em relação a cultura voltada a educação formal e com vistas a autonomia do aluno acreditam na importância para a juventude, pois levariam os mesmos a outros lugares, conheceriam e perpetuariam a cultura além de conhecerem o passado. Assim como podemos perceber a seguir:

“Não temos nada. Não tem influência nenhuma. Até o pessoal que sempre participou nunca houve essa preocupação assim por parte da comunidade de estar assim passando de geração em geração, eu via assim que as pessoas que participavam , participavam por vontade própria queriam entrar iam lá assistiam, uns iam lá outros participavam, mas não tinha aquele trabalho para trazer a geração para dentro do reisado para que ele permaneça vivo dentro da comunidade não existe”. (SR)

“Olhe, seria a questão do empoderamento juvenil o reisado para a comunidade, para os jovens, na comunidade nós temos problemas de... o desemprego é muito grande a falta de lazer é grande, então eles têm um tempo ocioso que dava pra ser aproveitado fazendo o que? Fazendo samba de reis, criando música, eles estando eles mesmos produzindo em cima do que já teve e fazendo atualizando para os dias atuais. Já que eles são remanescentes de quilombo a comunidade remanescente de quilombo reconhecida pela Fundação Palmares. Significa que eles estão no mapa, e eles tem possibilidades até mesmo de receber incentivos do governo federal pra... pra divulgação dessa cultura eles têm essa possibilidade. Só que eles não têm consciência desses empoderamento, desses direitos que eles têm. É um desinteresse muito grande. As pessoas eles são chamados e eles não participam aí eu penso que quando eu digo tá falhando em todos os lados eles poderiam está sendo mostrado. Oh! se você fizer o trabalho direitinho nós vamos está saindo da comunidade vindo pra outros povoados, até mesmo outros estados representar a Bahia Salvador e outros lugares. Porém, eles não têm condição pra isso, quando é chamado quem vai é J. R., dona E. como sempre, poucas pessoas porque na hora de fazer os ensaios, na hora de fazer as músicas né, que o J. R. cria repentes eles não participam, eles não têm interesse”. (FA)

“Vistas a autonomia do aluno? Seria interessante que ele teria participando de uma coisa para comunidade que é uma tradição né como a gente falou, assim ele podia se engajar mais na comunidade criar vínculo maior com as pessoas da comunidade”. (AV)

“Então é importante essa visão de trabalho desenvolvido porque se trata da nossa realidade né? E é sempre bom a gente conhecer os nossos antepassados e os movimentos culturais que fazem presentes na nossa comunidade”. (DS)

Ao serem perguntados sobre como ocorrem às manifestações da cultura, os professores desconhecem esse trabalho na escola e discordam dos critérios de escolha, vindo afirmar que tais manifestações acontecem em tempos pontuais. Assim como demonstram nos relatos abaixo:

“Desconheço desse trabalho na escola do município, nunca fiquei sabendo, dentro das escolas não”. (SR)

“Olhe, eu já comentei ela acontece em tempos pontuais, qualquer festa, qualquer comemoração na escola principalmente que vá ter visitas de Secretaria de Educação, seja municipal, estadual ou, qualquer pessoa diferente ao ambiente aí se chama pra fazer. Eu não concordo com esse critério. Por quê? Eu acho que deveria ser melhor aproveitado em finais de semana né? Chamar o pessoal pra fazer rodas de samba na praça, finais de semana que os meninos ficam nos bares. Então botava seu J. R. que ele tem o costume de ficar na porta da casa dele cantando. Então chamava ele, no início estaria uma... Duas... Três... Pessoas, depois iriam com o tempo virariam um momento histórico. Então esse critério eu não concordo de tempos pontuais não. Acho que deveria ter, como tem a questão de cantar o hino uma vez por semana na escola, teria uma vez por semana tirar um horário pra que eles pudessem ouvirem o terno de reis e eles também dizerem como eles podem contribuir para essa cultura para a perpetuação dessa cultura”. (FA)

“Atualmente? Atualmente não tá tendo, que eu lembre nunca presenciei nem um movimento assim a favor de manter essa tradição do reisado não”. (AV)

“De certa forma a gente só trabalha em datas comemorativas né! E por se tratar de uma comunidade quilombola, eu acho que deveria ser bem mais trabalhada, deveria ter mais um enfoque como é que se diz, um aparamento, um certo aparamento desses movimentos que fazem parte da comunidade”. (DS)

Em relação à inovação adotada na prática pedagógica em relação as manifestações da cultura, eles se diferem um pouco. Dois acham que não e preferem não argumentar os outros dois vem e fazem seus argumentos, conforme discorrem abaixo:

“Não”. (SR)

“Da maneira que eu vejo? Olhe, se inovação é da oportunidade ao outro, da autonomia de produzir um repente existe. Porque ele dá liberdade pra que as pessoas na hora do de que tá acontecendo à manifestação, ele dá oportunidade de outras pessoas participarem. O que não acontece é de as pessoas se sentirem motivados a participar. Então se ele parar a coisa não anda. Sinceramente, se ele parar a coisa não anda. Mas ele dá. As pessoas chamam pra roda, a pessoa samba, a pessoa dança e cada um a seu jeito.

Agora na hora do repente a questão é essa... É quem quer participar quem é que vai querer tirar o repente na hora”. (FA)

“Não”. (AV)

“Então, existir existe, mas a gente sempre buscar o... Como essas práticas são tradicionais, então a gente pouco se pode alterá-la a gente sempre busca voltar mais para o tradicional sempre o tradicional”. (DS)

5.5.1 Síntese do diálogo com os professores

Conversando com a SR ela diz conhecer a cultura do reisado, pois nasceu na comunidade e lembra-se de como eram confeccionadas as roupas quando ainda criança, nessa mesma fala avisa que não conhece suas origens. A mesma, nunca participou e discorda dos líderes quando os mesmos ao cantarem nas casas esperam por um valor financeiro, não vê participação da escola no reisado e afirma que o mesmo é ausente na proposta de trabalho, não apresentando contato com os líderes. A professora FA não é da comunidade a mesma sai de Campo Formoso semanalmente há 15 anos para trabalhar na localidade. A professora afirma que os alunos se empoderaram por serem negros e são pessoas carentes. Segundo a professora os jovens têm uma vida ociosa e deveriam ocupar o tempo conhecendo o reisado, aprendendo as músicas, na escola o reisado acontece em tempos pontuais, ou seja, apenas quando recebe a visita da secretaria da educação e eventos da escola, vê no pandeiro a espécie de um chamamento para ela, ou seja, o leva a participar. A professora FA, afirma que em um dos momentos já se emocionou quando o senhor J. R. afirma, se considerar cego por não saber ler, e para tanto o mesmo gostaria de registrar seus repentes, ou seja, suas criações.

O Programa Mais Educação segundo a professora ajudou no desenvolvimento do reisado, mas o mesmo foi interrompido nas escolas do povoado, a comunidade não participa da cultura e os alunos sempre se posicionam como assistente vindo afirmar que o reisado é informal.

O professor AV nasceu no povoado quilombola é professor contratado. Afirma que os alunos são desinteressados, cobram, mas não se doam a escola. Segundo o mesmo na escola não tem o reisado, ele participa quando os tios veem de fora, fala de forma duvidosa que acha que uma professora trouxe em 2018 em novembro por ser o mês da consciência negra, vê o desinteresse como maior desafio, vendo o reisado totalmente ausente na escola. O professor

DS que também tem residência fixa na comunidade é professor contratado gosta da cultura, mas espera que as práticas sejam envolvidas na escola.

Percebo que a forma como se concebe a aprendizagem, fica evidente que os professores não têm expectativas em envolverem essa cultura em suas práticas pedagógicas, como se pode observar não existe uma educação voltada as práticas culturais, conforme feita as abordagens por profissionais da entidade.

Entretanto, em uma sociedade que exige cada vez mais indivíduos, criativos, críticos, versáteis, geradores de ideias, capazes de criar e executar trabalhos coletivos com a marca de individualidade se faz necessário manter um olhar mais aprimorado para os meios utilizados na busca de construir tais profissionais. Assim esta Unidade de Ensino precisa como diz o brasileiro Paulo Freire (1996), de práticas voltadas para a autonomia, liberdade, cidadania e transformação.

5.6 dialogando com os alunos

Conversei com 04 alunos do CMDC, sendo um do 6º ano, um do 7º ano, um do 8º ano e outro do 9º. Todos os alunos tem a faixa etária de 14 anos, residem no povoado lugar em que nasceu. Em respeito ao direito do sigilo e não divulgação de identidades, cada aluno terá uma sigla, como: AC, FV, MF, LE.

Fale sobre o seu em o seu conhecimento em relação a manifestação da cultura do reisado nas escolas públicas municipais do povoado.

“Como assim? Conheço mais... não sei explicar como é”. (AC)

“Professora não sei não. Não conheço”. (MF)

“Não conheço nada não professora”. (FV)

“Às vezes tinha, antigamente alguns eventos né, faziam que era o J. R. e também o seu R. né que ele já até faleceu também né, eles faziam antigamente”. (LE)

Contudo quando questionando se sabia algo sobre o reisado um dos alunos afirma saber algo, no entanto não consegue verbalizar esse saber, conforme se observa na fala abaixo:

“Conheço e passam aqui direto falando, e já fizeram apresentações aqui, e fazem direto é da consciência negra falam sobre isso e nas ruas também falam, em janeiro parece, se eu não me engano é um negócio assim”. (FV)

Durante a entrevista os alunos afirmam que ao longo da sua vida, não participaram de manifestações da cultura do reisado nas escolas públicas municipais do povoado, participam quando a escola faz algo para participar. Conforme os discursos abaixo:

“Acho que já. Não”. (AC)

“Não”. (MF)

“Só acompanhando mesmo. É, ou então quando tipo a escola faz alguma coisa pra os alunos apresentar eu participo.: É como eu já falei só observando assim, eles fazendo e algumas músicas assim a gente já decora quando eles começam a cantar a gente já sabe pra acompanhar”. (FV)

“Não”. (LE)

Em relação ao contato com os líderes das manifestações da cultura do reisado nas escolas públicas municipais do povoado, os alunos afirmam em ter um contato normal, não buscam conhecer o assunto.

“Normal”. (AC)

“Qunqun. Converso às vezes, mas não tenho contato com isso aí não”. (MF)

“Eu converso com todos, falo brinco com todos, conheço, e tenho intimidade com todos eles”. (FV)

“Normal”. (LE)

Quando falamos sobre o material usado para a divulgação das manifestações da cultura do reisado, dois acham adequados e dois não. Não quiseram explorar o assunto.

“Acha”. (AC)

“Sim”. (MF)

“Não, porque só esse povo só demonstra em papeis não tem nada assim é tipo como é que pode falar é que nem eles têm as roupas deles, num boto as roupas assim deles, só bota em forma de papel essas coisas”. (FV)

“Sim, pois é uma cultura muito, muito interessante né, pra ficar sabendo”.
(LE)

Em relação às atividades apenas um aluno falou da importância sobre o entendimento da cultura. Veja abaixo:

“Não sei oia”. (AC)

“Não”. (MF)

“Importante, eu acho muito importante pra os alunos entenderem mais sobre isso, a cultura do povoado”. (FV)

“Eu não tenho muita lembrança sabe”. (LE)

Em se tratando de orientar sobre as atividades, afirmam que os professores explicam, trazem os líderes e assim ajudam a desenvolver as atividades.

“Explicando. Não” (AC)

“Desenvolve. D. né. Sei lá”. (MF)

“É eles trazem, é que nem na pergunta ai de acima, eles trazem os lideres aqui pra explicar pra nós. Que nem o J. R. já veio aqui explicar sobre isso eles trazem isso aí”. (FV)

“Eu não tenho muita lembrança sabe”. (LE)

Os alunos afirmam que a cultura do reisado ajuda e incentiva a pessoas na comunidade a viverem uma vida melhor, buscando mais sobre a cultura e incentivando a fazerem o que é correto.

“Sim. Não sei. Só sei que auxilia”. (AC)

“Orienta”. (MF)

“Não só a tipo as músicas deles que fala é como é que as pessoas fazem ou tipo os mais velhos fazem as coisas certas. Aí incentiva né a gente fazer sempre”. (FV)

“Auxiliando a buscar a aprender mais coisa sobre a cultura né, é bastante interessante”. (LE)

Em relação a incentivo dos colegas de um para com o outro, os mesmos afirmam não existir, e respondem com risos apontando o desinteresse.

“Não. Eles nunca falam nada disso”. (AC)

“Não”. (MF)

“Alguns, alguns auxiliam outros é desinteressado”. (FV)

“Eles não são muito interessados sabe”. (LE)

Os alunos afirmam não encontrarem dificuldades no processo de conhecimento das manifestações da cultura do reisado nas escolas públicas municipais do povoado.

“Não”. (AC)

“Sim. Como assim. Eu nunca perguntei essas atividades. Só isso”. (MF)

“Não”. (FV)

“Não muito”. (LE)

Quando perguntados como desenvolvem atividades que apresentam dificuldades em serem resolvidas que tenham relação com a cultura do reisado, eles afirmam procurar os professores e os líderes.

“Sim”. (AC)

“Sei lá, acho que não professora”. (MF)

“É procuro os líderes para melhores informações”. (FV)

“Eu vou buscar uma ajuda com quem conhece né. Sobre a cultura”. (LE)

Em relação a interação e o que eles gostam, falam de forma segura que gostam dos cânticos por serem mais tranquilos.

“Nada gosto assim. Acho legal”. (AC)

“Gosto das músicas. É mais ou menos da dança”. (MF)

“É, quando tem as danças eu não só muito de tá dançando, cantar assim até vai, mais tá tipo eles têm ali na roda tá um [...] Porque eu não sou muito assim chegado à dança essas coisas, num gosto muito não”. (FV)

“Gosto dos cânticos Porque eu sou uma pessoa mais calma” (LE)

Afirmam que o reisado contribui para uma vida melhor mostrando o que deve se fazer para uma vida melhor em comunidade.

“Contribui”. (AC)

“Qunqun”. (MF):

“Não, assim, e pode contri... é que nem aquela lá que a senhora perguntou sobre tomar as melhores decisões né, o que é certo o que é errado. É essas músicas assim sempre fala sobre isso e eles também fala, é, nas entrevistas que fazem com eles pra fazer as atividades eles fala sobre isso também, o que a pessoa deve ou não fazer”. (FV)

“Eu acho que não”. (LE)

5.6.1 Síntese do diálogo com os alunos

A conversa com os alunos de início foi uma conversa um tanto difícil, os mesmos não queriam externar nada em relação ao reisado. Com a continuação os mesmos foram se envolvendo, porém, dava para perceber a falta de envolvimento deles com o reisado e também a falta de interesse em relação à pesquisa.

Os alunos relatam que conhecem o reisado, mas não sabem explicar e falam da ausência do mesmo na escola e também dizem que a escola se envolve com essa tradição. Demonstram que gostam da música e quando a escola traz em épocas pontuais assistem e cantam com os mesmos. Os alunos são unânimes em afirmar a falta de interesse dos colegas em relação à cultura local, todos conhecem seu J. R., mas em momento nenhum sentaram com o mesmo para conversarem sobre algo relacionado ao reisado.

Nesta perspectiva, busca-se compreender como as práticas pedagógicas criadas e recriadas possibilitam uma mudança de paradigma frente às invenções reinventadas por meio novos achados, de interpretações novas, sendo comunicadas através das gerações para os diversos grupos mediante outras criações. É necessário que o aluno ensaie, busque, troque, discuta e confronte, partindo desse ponto é preciso colocar em pauta o que se sabe e

transformar seu saber, na interação com os objetos de conhecimento com os colegas e professores. Os alunos constroem significados de múltiplas e complexas interações.

Dessa maneira, as manifestações culturais facilitam a convivência entre o novo e o tradicional, a criação e a transmissão e, as representações simbólicas numa realização de permutas e trocas, onde a cultura passa de geração a geração, observando o comportamento dos indivíduos das gerações que antecederam para as vindouras embora sendo encaminhada nos padrões atuais.

Assim, a cultura escolar tem a função não só de promover uma incorporação dos objetivos escolares e valores, mas para a assimilação de valores ela se torne uma ferramenta, e assim, junto com as práticas pedagógicas voltadas para o desenvolvimento do estudante como um cidadão.

5.7. Dialogando com os atores sociais do reisado

Escolhi conversar com três representantes do reisado, todos têm acima de 60 anos, e residem na comunidade quilombola. Para fins de citação do sujeito, será usado um código para serem identificados. Sendo (JR), (EB), (AM). Pedi de início que falassem sobre a trajetória pessoal na participação da cultura do reisado no povoado quilombola e os mesmos expuseram suas ideias conforme citadas a baixo:

“Minha participação pessoal quando tinha aqueles povo mais velhos, da minha idade e mais velho que eu, nós cantava o Santo Reis aqui o mês todo. Hoje, a cultura de S. T. tá morrendo, porque tenho pejejado pra botar essas crianças nova pra gente regatar a cultura, mas eu não tenho achado. Eles não querem, eles só querem essas coisas nova do mundo, mas o Santo Reis aqui tá acabando o reisado tá acabando a penitência que a gente fazia diariamente na semana santa ainda tem a penitencia. O reisado no dia que completei 75 anos, eu peguei a viola chorei porque não achei com quem cantar o reis, mais adepois as mulher foro pra igreja aí me fizeram uma surpresa, cantaram um dia, 1 hora sozinha na minha casa onde nós cantava o mês todo, e é por isso que eu lhe digo que tá acabando a cultura”. (JR)

“Olha minha trajetória na cultura do reisado aqui em S. T. começou talvez de 10 anos pra cá, depois da influência das mulheres do conviver né, das mulheres da terceira idade, porque com a juventude nunca foi possível, a juventude nunca aceitaram a trajetória de reis, o fazer esse reisado né, eu comecei junto com as outras senhoras daqui a gente começou cantando, porque o reisado pra quem não sabe ele é só no mês de janeiro e ele tem o mês todo que pode cantar, mais o certo mesmo é do dia 01 até o dia 06 de

janeiro, então eu junto com minhas colegas e J. R., a gente sempre cantando esses reis aqui finalizava no dia 06 na casa de J. R., né pra cantar o parabéns do aniversário dele porque ele é do dia 06 de janeiro”. (EB)

“Só assistindo”. (AM)

Ao serem perguntados como se dá a convocação da comunidade para participar da manifestação, afirmam que é através da conversa e visitas nas casas. Como são descritas abaixo.

“Eu faço assim: eu combino, quando tia, os caras que andava e cantava junto comigo, nós fazia o terno do reisado. Aqui antigamente nós tia o mulinha, tinha o caboco, tia a berimbau, que a gente participava dentro do reisado, era uma coisa mais linda do mundo. Mais hoje acabou tudo isso, não tem nada. Agora eu só tenho dois restos que aqui comigo que compiti comigo é eu e meu irmão o Nel, e aqui não tenho mais ninguém. Vou em casa, em casa. Eu mesmo vou em casa, convidando o povo rumbora ...até nós faz um terno. Nós tia um terno aqui de 20, 30 pessoa uns cantava outros respondia, mais hoje acabou tudo isso. Não tem. Pelejo”. (JR)

“Olha a participação do povoado aqui é até boa, eu não tenho nada contra, eles participam até bem, os senhores nos acompanham, cantam com a gente a dificuldade que a gente encontra hoje é na geração mais nova porque nós já estamos chegando no final, então nós tinha que deixar uma nova geração, pra não acabar essa cultura e essa cultura a gente tá vendo se acabando, porque a juventude elas não querem”. (EB)

“Faço por S. T. eu faço tudo num sabe eu sempre tento ajudar né. Aqui no reisado eles fazem assim a gente faz o convite pra casa da gente né por noite ou até aquelas que nos oferece vamos passar lá e aí vem e a gente paga num sabe. Paga um total assim oferecendo o pão reis o reisado num sabe no terno e a gente paga dá qualquer quantia em dinheiro”. (AM)

Após a convocação as pessoas que aceitaram o convite eles podem participar cantando, dançando e até tocando caso tenham interesse. Conforme declaram:

“Participa cantando junto comigo e dançando. Cantando e dançando junto comigo. Nós cantava o reisado, cantava a chula. Nonde eu fiz ua chula de diminuir. Que foi muito importante, eles acharam muito interessante. A chula é essa: Eu vou embora seu Moisés, amanhã muito cedinho seu Moisés 8 e 2 10.O cavalo da viagem seu Moisés tá no mato celadinho seu Moisés 8 e 2 10.10 – 19 eu cantando minha chula não tem homem que retrove. 9 – 18 eu tando na padaria só tomo café com biscoito.8 – 17 quando eu faço meu cigarro aponto meu canivete.7 – 16 se a galinha e franga nova não tira pinto pedrez.6 – 15 eu tando na minha farra tanto vadeio como brinco.5 – 14 diga a moça desta casa que venha lavar os pratos.4 – 13 a moçadada Bahia não sabe falar francês. 3 – 12 a fartura da menhã mas é a falta de adepois.2 – 11 a igreja da Matriz foi feita do pau de aricum.8 e 2 10 -9 1 (rsrs)” (JR)

“Eles cantam, eles dançam, porque tem também no reisado no reisado da cigana não tem samba, mais como a gente canta com o João Reis que ele já fazia parte dos reis dos homens, que eles faziam samba, então hoje tem o samba de roda né, e a gente canta o reis e depois eles vão cantar aqueles cânticos dá de samba e a participação da comunidade é essa que entra todos aqueles que querem participar aí entra no samba, sambando e cantando, batendo palma todos eles ajudam”. (EB)

“O povo acompanha quem é fã eles acompanham a onde eles entra eles entram. É entendeu agora, os proprietários pagam a visita deles na casa”. (AM)

Enquanto líderes das manifestações os mesmos afirmam terem bom relacionamento com as escolas públicas no povoado. Vejam as declarações:

“Nas escolas é o seguinte: eu na escola comecei ir pra escola depois de véio que eu não sabia nada graças a Deus. Eu hoje tô agradecido que já sei pelo menos assinar meu nome, sei pegar um carro ou que vá pra Juazeiro ou que vá pra Salvador, tá escrito e eu não sabia, mas hoje eu tou sabendo graças a Deus. E meu relacionamento mais esse povo graças a Deus o que eu quero pra mim não desejo pro zoutro. O que eu tenho o outro tem que ter junto comigo. Graças a Deus”. (JR)

“Pra me são ótima né, todos que me convida e eu posso e eu tô lá eles acho que tem assim uma consideração a mim que sempre me convida e todos as vezes que já me convidaram se eu faltei alguma foi por motivo que não estava mais eu estando eu sempre fui presente e agradeço até por eles me convidarem pra me é uma, é uma satisfação né poder tá resgatando uma coisa que é de tantos anos ficou pra trás”. (EB)

“Bom eu no meu caso se eles se eu convidar eles vêm se eles passa na minha casa eu pago se eles fala que vai passar na minha casa eu pago a eles num sabe, e me dou muito bem com eles apesar de que eu tudo aqui por S. T. eu faço uma força pra que cada quem se der bem né”. (AM)

Quando foram perguntados em relação ao material usado para a divulgação das manifestações da cultura do reisado nas escolas, um dos entrevistados desconhece o material que é usado. Afirmando a seguir:

“Não. Não pra mim. Eu não sei não tou apaiz desse negócio aí não”. (JR)

“Eu acredito assim que poderia ser melhor porque a gente hoje eles o pessoal querem fazer tudo de tecido mais no meu tempo no tempo de ciganos que cantava reisado aquilo que a gente chama de capus que bota aqui é a bolsa com eles chamam hoje, no meu tempo era chamada capanga né e a coroa era tudo de papel aquele papel laminado quando você entrava dentro de casa

chega brilhava na luz. Hoje eles querem tudo diferente querem fazer de TNT então eu acho assim que a gente precisava de mais de uma mão melhor pela parte dos governantes nesse sentido né de mais um incentivo eu não posso nem dizer nada porque também eu minha pessoa nunca pedi uma ajuda nesse sentido né, mas”. (EB)

“Financeira né, porque tem muitas pessoas que diz: há eu não posso comprar minha saia. Naquele tempo nós fazia saia de lençol de cama, hoje ninguém quer, que fazer a saia de tecido pra já ficar pra o ano que vem, então no tempo que eu cantei reis aqueles lençol florido a gente fazia nossa saia pra cantar, terminava o reisado desmanchava e era o mesmo lençol. É melhor ainda bem né ainda bem que nunca teve isso tá vindo agora melhor pra eles pra todas. Não nunca foi falar eu foi lá ajudar por umas duas vezes o J. R. né que é isso ai que vocês tão focando é isso ai porque já me virão lá fazendo parte ajudando né”. (EB)

“Eu foi porque ele tava sozinho e pra você ver que eu faço quero tanto que tinha uma alguma coisa aqui pra S. T. que eu me comprometo e vou fazer qualquer coisa lá pra ajudar”. (AM)

Ao serem perguntados sobre as atividades relevantes na sala de aula voltadas à manifestação da cultura externaram suas propostas e um dos entrevistados defendeu o Programa Federal o Mais Educação.

“Eu achava interessante a mais educação, pa porque tem muita gente, porque nois aqui só Deus sabe como a gente vive...mais amais educação trazia uma grojeta pra uma pessoa pra assim pra tá insinando aquele pessoal, mais filizmente começou mais terminou foi logo terminou. Botaram uma capoeira aí pra ajudar o povo brigar. É purque capoeira não é só pra bater, pra defender? Nóis não sabe disso. Não... não eu ... eu a mais educação pra regatar mia cultura é que nós precisava aqui dentro de S. T.. Eu quando era criança, migue pesado tinha ua viola que foi comprado por sete mireis, e eu pelejava. Oh seu migue me dê essa viola, - oh nego abusado!- Me dê essa viola aí seu migue! Até um dia quando tava com muitos janero eu ...me dê seu migue essa viola aí pelo amor de Deus!- E ele toma nego sigura aí! Aí eu fui para o pescoço da viola, segura o pandero minino que eu nunca tinha pegado em viola. E graças a Deus até hoje, foi Deus que me deu o dom. Não eu não passei”. (JR)

“Eu acho assim que tem que ter um incentivo né pra que essa juventude nova eles tenha isso em mente porque hoje a maioria da juventude só quer saber das músicas pornográficas essas coisas tudo e nosso tempo foi ensinando coisas boas músicas com palavras com letras que você cantava e não tinha vergonha de cantar em lugar nenhum né então eu acho que hoje o que falta pra nossos filhos que eu não tenho mais filho pequeno, mais tenho netos, eu sempre digo pra ele oiá Luan, eu não estudei, não tive essa possibilidade que você tá tendo mais eu queria muito que você fosse uma pessoa de não se envergonhar com as coisas que eu aprendi naquele tempo né”. (EB)

“Eu acho importante a participação né que eu acho que essa cultura deles tá diminuindo e é um grande incentivo pra ela permanecer né”. (AM)

Em relação à contribuição do reisado processos de educação formal, eles afirmam a importância do mesmo, elencando os pontos essenciais para a educação. Conforme depoimento abaixo:

“Ajuda. O reisado ajuda sim. Oi na educação o reisado ele ajuda venerar as pessoa, ajuda respeitar. É ua amizade sarada nu é ua amizade falsa. Ali a gente tá ali comua irmandade dentro do reis é por isso que digo que ajuda na educação. Porque eu agora dia e noite tôinterando150 ano, agora eu tô virando minino, mais se eu votasse meus tempo, eu ia fazer, uaiscola dos reisado de santo reis, do divino santo reis aqui dentro de meu povoado de São Tomé, pra insinar os jovem, mais eu não teio condiçoe. Não siora, nunca pedir. Mais eu vou”. (JR)

“Vejo assim no sentido porque assim pelo menos quase todos os anos sempre tem trabalho tem alguma coisa que eles vêm aqui me procurar a questão do reisado agora mesmo esse ano já veio uns 2 grupos aqui me procurar até filmaram todo gravaram filmaram não que eles queriam filmar e eu digo Deus o livre, só falo”. (EB)

“Então assim o que eu entendo eu acho que sempre vem se manifestando essa cultura na escola né”. (EB)

“Contribui não entendi, desculpe ai, não contribui é claro que é uma coisa ajudando a outra né. É uma união muito importante isso ai né?” (AM)

Em relação à vida cotidiana eles afirmam que o reisado incentiva na interação coletiva. Vindo a afirmar que Deus tem preparado tudo. Conforme dizeres a seguir:

“Oh sim. Oi dona Delcir aqui, todo mundo graças a Deus todo mundo trabaia no dia a dia, nois recebe o que Deus prepara... nois recebe o que Deus prepara, a gente quando cantava os reis nas casa, um dava um quilo de alimento, outo dava ua coisa e outo da outo e era assim que nois passava. Nossa cultura era assim”. (JR)

“É eu acho assim que quando a gente quando a gente parte nesse sentido D. é como que seja um grupo de irmãos. É uns ajudando os outros aqueles mais fracos a gente vai ajudando muitas vezes vai entrando alguém na roda pra cantar alguma coisa e num tá se desenvolvendo a gente que tá do lado já vai ajudando já vai ajudando pra que ele não se decepcione e não saia da roda então é uma coisa assim que tem grande. Que tem grande valia, eu acho assim”. (EB)

“Ajuda, porque até aqui a comunidade essas associação tem uma coisa dos quilombolas e o reisado faz parte dos quilombolas é uma velha tradição né”. (AM)

Pedir para que os mesmos relatassem como são tomadas as decisões internas. Percebi que existe uma equipe já com suas determinadas funções, cada um sabe sua ocupação e faz sem precisar que ser chamado. E também manifestam suas inquietações em relação a ausência dos jovens. E um dos entrevistados referência aos ensaios.

“Não. Nosso reisado o equipe todo é certo, oi nois ajunta... Aqui antigamente era o reisado dos zome, os zome se acabou, agora tem o reisado dar mulher, que graças a Deus tem dona E. e tombém se ela afastar, ou que Deus chamar, nois tamo acabado o reisado, porque não tem mais quem cante. Só tem ela aqui. E o zoto que acumpaia, não querem. Dona E. tá naquela situação. Eu cheio de dor e de astrose, também cheio de astrose. Da parte dos zome só tem eu e o nel e eu e dona E. que canta o divino santo Reis das mulher porque dos zome já se acabou”. (JR)

“Nós toma as decisões através de reunião a gente se reúne antes porque pra que esse reis aconteça a gente tem ter um ensaio vários ensaios né, pra aprender não sei se a palavra ensaio tá certo mais a gente tem que se reunir pra aprender pra lembrar porque se canta ele só de ano em ano e é a gente se combina como pode ser se alguém não tá podendo comprar o seu traje a gente vai ajudar e assim como um grupo mesmo de irmãos a gente se.... Muitas vezes pra poder cantar. Não é porque eu mesmo não carecia ensaiar mais as meninas sentem dificuldades... Aí eu vou com elas oi eu já tô essa veia de 64 anos, mas elas me ligam de noite ei amanhã tu pode vim. Eu falo posso tenho marido graças a Deus que foi Deus que me deu ele não abusa com isso se eu quero ir se ser longe ele vai até me levar de carro volta graças a Deus pra isso não tenho dificuldade e é uma coisa também que eu gosto á sou veia mais pra mim meu espirito é novo quando fala que é pra cantar reis eu gosto”. (EB)

“No caso aí tem que reunir né porque o reisado ele com certeza tá no folclore da música entendeu? E então a gente faz uma reunião pra vê se não deixa cair só que ele tá caindo porque alguém tá abandonando né tá ficando poucas pessoas que incentiva né e aí no caso da educação passou a incentivar e ficou muito melhor pra essa cultura aí”. (AM)

No tocante ao assunto de dificuldades em relação no processo de divulgação das manifestações da cultura do reisado nas escolas públicas municipais do povoado, são unanimes em dizer que tais não existem.

“Não. Não siora. Aí eu sou ricibido, quando ela quere qualquer coisa comigo eu tou junto lá mais elas, mais os professores, nunca disse a boca que não ia que não. Sempre tou mais elas lá ajudando”.(JR)

“Não”. (EB)

“Não encontra assim porque no caso da cultura ela tá ficando um pouco abandonado e tem dificuldade né”. (AM)

Em termos de benefícios eles dizem que a comunidade vislumbra com a existência do reisado, demonstram um grande brilho e entusiasmo ao falar sobre o assunto.

“Ah não... todo ano essa festa do reisado é de obrigação é ua devoção que nois tem de todo ano. Mais é como eu tô dizendo a siora ...aqueles povo sério que cantava junto cumigo e cum a comunidade toda esse povo Jesus já levou, já chamou é como eu dizia agora tá acabando a cultura nossa tá acabando, tou li dizendo que tou aqui sem saber o que é que eu faça. Porque só tem eu e o Nel e dona E. a muié de noite. Afastando esse povo daí aí pronto aqui em São Tomé não tem nada da cultura tá acabado”. (JR)

“Oia os benefícios é o seguinte nosso reis é a gente trabalhar a gente brincar sem fins lucrativos mais o reisado ele a gente canta pedi esmola no sentido que é a tarefa do reis e esse pouco dinheiro que a gente ganha no reisado a gente dá pra nossa igreja do povoado e muitas vezes a gente também dá um agrado ao sanfoneiro o J. R. né que é quem toca e aqueles dois homens que acompanham porque, porque o reis das ciganas se não tiver eles pra tocar e bater aquelas aquela coisa lá não fica tão bonito”. (EB)

“Homens que acompanham. Que sempre acompanha J. R.? Acompanha J. R. sempre Ag. as vezes não é direto e um senhor ali de cima que chamava Ajenor, parece que ele não tá mais nem morando aqui, mas ele já ando muito mais nois né e os meninos de calho”. (EB)

“Primeiramente a juventude né a juventude que eles ignoram a tradição entendeu e esse pessoal mais velho vão diminuindo entendeu e a cultura vai caindo por causa do pessoal mais velho”. (AM)

Ao se falar em dificuldades enfrentadas pelos líderes, enumeram algumas, e conseqüentemente tem receio até mesmo que o reisado venha acabar.

“A dificuldade quinois temo é faltando os cumpaieiro, sem os cumpaieiro nois não somo ninguém. Nel e dona E. B. os pacheiro forte que tem porque eles tão... e é quem sabe tirar os reis. Os zoto só acumpaia mais aí eles são de má vontade, de lundu vai outos não... Então acabo”. (JR)

“Oia, dificuldades sempre surge, sendo pra cantar só aqui no S. T., é mais fácil mas se nois quiser cantar no Almeida que é um povoado vizinho e que o povo nos chama nós senti dificuldade de de fretar carros pra ir nois sente dificuldades porque nem todos tem o dinheiro então assim quando se canta reis não canta só onde a gente mora eu posso nois pode cantar aqui pode ir pro Brejão da Caatinga pode ir pra Lagoa pode ir pra Teixeira nois tamo resgatando a cultura do povo mais também tamos alegrando as pessoas que já conheceram quando mais novo o reisado”. (EB)

“Enfrenta porque quando faz um evento a juventude não comparece pra ufc incentivar e aí sentam tudo perto de 2 ou 3 né que são pessoal de idade né, eles vão faltando e num vai colocando o pessoal jovem no lugar alguém

jovem no lugar né, até da mesma família eles não querem acompanhar são essas as dificuldades”. (AM)

Em se tratando de o que é o reisado e o que significa para a comunidade, eles definem com muita autenticidade a importância do mesmo para a comunidade.

“O divino santo reis? Rapaiz pra mim eu não sei bem explicar a siora, porque quando nasci já foi ispiando e cantando o divino santo reis nas porta, eu já sair me diz mamãe que eu já sair movimentando, mais pra mim é ua devoção que eu teio de obrigação de fazer. Pra mim eu teio isso na mia mente... Do reisado, porque pra mim é ua coisa muito importante o divino santo reis, o divino santo reis e a pinitencia em nossa cultura. Mais agora tá acabando tudo”. (JR)

“O reisado o pouco que eu sei ele é uma... pera ai como é que eu quero dizer uma cultura assim que vem desde desde do começo dos tempos né porque a letra do reis se você olha ela vem dizendo do início dela ela vem dizendo da gravidez de Maria quando foi pra ter Jesus então fala tudo isso então é uma cultura e também um ato de fé que a gente conta ele mais também a gente respeita o sentido que é que fala do nosso Deus de Jesus e de Maria então a gente num é como é que eu quero dizer é uma coisa que eu já conheci pelos meus avós e também foi um reis que eu aprendi muito com o pessoal do Olho D’Água ali do Almeida a finada O. que já faleceu com meninos delas que ainda tão viva ai F. e P. dona A. de D. aqui tudo era cantador de reis que nois cantava junto né então reis é se torna isso se torna uma coisa que é do início dos tempos que a gente que os antepassados conta né”. (EB)

“O reisado foi ...Veio do nascimento de Jesus né, dos reis magos né, o reisado foi tirado por isso a né então ele é bíblico né. lembrança do natal, a comunidade pra o reisado é isso que é uma velha tradição né, antiga né, e ai o povo jovem eles muda muita coisa tão mudando muita coisa e o incentivo deles já é diferente né”. (AM)

O Srº J. R. foi perguntado sobre seu apelido. E ele respondeu, os outros entrevistados justificaram sua formação de linguagem e as dificuldades para obter uma educação formal.

“O meu nome? É. É J. R. apilidi, eu nasci meu nome é J. A. do S. mais apilidi é J. R. eu nasci no dia do santo Reis”. (JR)

“Amém, minha filha eu tô aqui se precisar outra vez se eu não falei o que você precisava me desculpe que é como eu tô dizendo eu não tenho uma boa leitura o que eu tenho eu tô lhe dizendo o que eu entendo o que eu não entendo eu tô lhe perguntando e tô aqui”. (EB)

“Mais era naquele tempo que um professor formado era a coisa mais difícil de se aparecer nos lugar que nem esses por sinal nesse lugar aqui eu não ensinei eu ensinei no Almeida eu fiz a 4ª série pra você vê que professora foi essa que eu ensinei eu fiz a 4ª serie foi meu estudo até hoje só foi esse mais naquele tempo os pais me pagavam pra me ensinar as crianças um meno aprender a fazer o nome pelo menos isso depois uma pessoa que eu devo

muito seu N. da cana brava ele era vereador ele me levou lá no prefeito de Mirangaba e contou toda a situação e ele perguntou se eu era formada e tudo e eu disse que não, mais ele pediu pra que eu ficasse ensinando e quando tivesse os cursos eu participasse ai eu fiquei e trabalhei 26 anos eu sai de lá chegou professora formada chegou tudo mais eles nunca me botavam pra fora e eu me aposentei por esse meu trabalho eu me aposentei em 98 por esse trabalho que eu prestei sem ser professora só ajudando”. (AM)

5.7.1 Síntese do diálogo com os atores sociais do reisado

Esta entrevista com os representantes abordou em uma rápida pincelada sobre a trajetória do reisado, revelada através de detalhes verbalizados pelas próprias personagens da folia. A referida entrevista com estes atores sociais, versaram conceitos, dificuldades, desafios, o que propiciou oportunidade de compreensão sobre esta cultura local e suas práticas pedagógicas.

Observei que os mesmos tentaram deixar clara como procede a proposta de trabalho, com suas singularidades e características, nos diversos espaços externos e internos. Dessa forma, neste mesmo viés, busquei adentrar nos bastidores do reisado, analisar de perto através da fala dos atores sociais como se dá a convocação para as apresentações e pude concluir que a mesma é feita de casa em casa. Os ensaios segundo (EB) aguarda que as colegas convidem e, ressalta com tom de orgulho que seu esposo não impede que saia para ensaiar com as colegas, já o (JR), está sempre ao entardecer em sua porta cantando e alegrando a vizinhança. Para tanto, o mesmo se sente preparado para os eventos a todo em que venha ser convocado.

Em se falando de questões internas em relação a conflitos, comportamentos e ainda seus silêncios, diante de tais situações que surgem em meio aos diversos atores tudo se resolve de maneira possível. O que se contemplou foi a inquietação dos mesmos em relação à inserção dos jovens na atuação do evento, em sua totalidade e / ou parcialidade, trazendo jovens para fazer a divulgação do reisado, aprenderem as músicas, a dança e manuseio dos instrumentos. A preocupação e a vontade de perpetuar a cultura pelos atores são grandes, mas os mesmos não vêm nos jovens tais vontades, infelizmente deixando para trás uma cultura que acontece sempre num festival de cores, movimentos, sons, mediante um processo criativo e de aprendizagem.

Por vislumbrarem a importância e os benefícios que o reisado traz para a comunidade e que demonstram quão enriquecedores é para os jovens o reisado, podendo buscar compreender essa cultura possibilitando verificar com a participação de cada um, o

evidenciar, o desabrochar, de jovens aprendizes frente à arte, à dança, à criação do movimento, à profissão, às metas.

5.8. Dialogando com a Diretora

A diretora será chamada VS, em respeito ao direito de sigilo e não divulgação de identidade. A entrevistada está atualmente assumindo o cargo na instituição há pouco tempo, a mesma não pertence a essa comunidade e sim a uma comunidade vizinha. Para início de conversa a diretora diz que está ainda conhecendo os alunos, pois a mesma é recém-chegada no colégio. Portanto, não tem ainda subsídios suficientes para caracteriza-los. Conforme cita abaixo:

“Quem são? Estão na fase ainda de conhecendo cada um, olhando os rostinhos e fazendo a chamada e dizendo quem são e olhando porque eu não conheço nenhum aluno nem de nome só que olho as fisionomias e vejo agora nome mesmo não conheço”. (VS)

Mas na sequência da conversa ela consegue enumerar características que considera marcante.

“Sim, uma característica marcante que tá me deixando aqui no Davino é a questão dos jovens desses adolescentes das meninas que se envolvem muito com os meninos de está em cima dos meninos de estarem beliscando, recebi ligação de uma mãe assim que um tava beliscando a menina aquilo me chocou essa característica assim dos jovens lidarem com a sexualidade muito aflorada é o que tá me deixando assim meio preocupada”. (VS)

Em se falando de motivação, a mesma diz que nada os motivou a trabalhar no povoado de S. T., e que veio para a comunidade por questão de oportunidade. Veja a seguir:

“Nada me motivou a trabalhar no povoado de S. T. tô aqui sendo uma questão de oportunista, foi uma oportunidade mais nada me levou de interesse morar aqui pelo contrário tive pânico”. (VS)

Em relação ao trabalho pedagógico desenvolvido no povoado quilombola voltado ao resgate da cultura de Reisado, a mesma afirma ter visto uma diferença em relação a comunidade que estava. Afirmando a mesma que a comunidade por ser quilombola quer continuar com a cultura.

“Eu achei um diferencial, assim até um ponto em relação a comunidade que eu venho, aqui por ser quilombola tem certas pessoas que ainda querem continuar essa cultura. Tem a questão de meu vizinho o J. R. que as vezes

ele tira as tardes dele mais uns três e cantam e gosto bastante e gostam muito, algumas pessoas eu vejo ainda fazendo isso, os mais velhos, em relação aos jovens ainda não vi”. (VS)

A diretora tem uma visão em relação ao papel da cultura do Reisado, na educação formal com vistas à autonomia do aluno, que se os mesmos se voltassem para essa cultura, tanto o acrescentaria na parte pedagógica, humana, na interação e na arte.

“Ah seria muito bom, se eles voltassem pra isso, o aluno. Essa questão do reisado da interação, da arte, e deles se envolverem com a arte seria um hábito e só acrescentaria na parte pedagógica desses meninos e também, na parte humana deles”. (VS)

No decorrer da conversa a diretora diz que a escola ainda está fechada para as manifestações da cultura do reisado, afirmando que a mesma deveria ter mais abertura.

“Eu acho que a escola ainda está fechada a isso, deveria ter mais abertura para animar essas manifestações folclóricas não só do reisado outras também a escola se fechou pra isso”. (VS)

Em relação a experiência nas manifestações da cultura do reisado no povoado quilombola, a diretora não tem. Mas externou a sua vivência em relação a sua comunidade de origem, conforme cita a baixa:

“Eu não tenho muita experiência na minha comunidade a gente levava sempre, nós tínhamos um professor que era o H., e ele gostava muito do reisado e ele levou muito o reisado para dentro da escola ele era cantador também, ele gostou. Ele gostava porque o pai dele passou isso pra ele, mais aqui ainda não vi essa manifestação na escola não”. (VS)

Segundo a diretora, o período do ano letivo os alunos têm acesso à experiência com manifestações da cultura do reisado nas escolas públicas é no mês de agosto, por ser o dia o dia folclore.

“02 de agosto dia do folclore, é o único dia que eu ainda vejo trazendo essas experiências folclóricas para a escola, porque está se acabando”. (VS)

Em sua opinião, se falando das contribuições na formação do aluno ela assegura que seria interessante que eles se envolvessem e tivessem como alvo aprender a tocar e cantar e não deixar a tradição morrer.

“Seria bem interessante se eles se envolvessem, ficassem mais dentro, prestassem mais atenção, seguissem o exemplo dos mais velhos, tivessem

um alvo. Eu quero seguir aquela tradição, eu não vou deixar aquela tradição morrer, eu quero entrar nesse grupo para eu aprender a cantar, a tocar, para no futuro eu ver meus filhos também fazendo isso. Acho que falta mais envolvimento nesse sentido deles”. (VS)

A diretora afirma que existem muitos desafios que são enfrentados em relação as manifestações da cultura do reisado, o desejo deveria partir da escola e a mesma está focada no livro que prioriza a região Sul.

“Os desafios são muitos. Primeiro tem que partir da escola essa questão de conscientizar e de querer, tá deixando isso a desejar. De tanto a gente tá focado no livro, nosso livro é mais voltado as questões do Sul. Acho que a gente deveria tirar um tempo, para que a gente pudesse valorizar a nossa cultura local. A escola tem que trazer chamar essas pessoas aqui pra dentro”. (VS)

Em relação a garantia de acesso às manifestações da cultura do reisado, ela afirma que seria necessário que a valorização partisse da escola, que assim os atores os teriam como referência. Veja a fala a seguir:

“Sim. Eu acho que a valorização seria muito bom, que aí era uma garantia que a escola tinha. Contar com aquelas pessoas que fazem isso voluntariamente. Se a escola passasse a valorizar mais eles teriam a escola como referência. Trariam oh...tal data que a escola costuma chamar, os meninos gostam, eu acho que a escola deveria valorizar mais”. (VS)

As expectativas em relação a aprendizagem dos alunos nas manifestações da cultura do reisado ela enumera com muito entusiasmo. Vejam quais são:

“Ah são muitas aprendizagem! Tanto na parte corporal, eles aprendem a dançar a se movimentar, a questão da linguagem, uma comunicação boa, a questão das letras, daquelas músicas, a entonação das vozes, eu acho uma aprendizagem muito boa”. (VS)

Diante das suas experiências vivenciadas, a diretora afirma que os jovens estão focando na tecnologia e estão deixando a cultura do povoado morrer.

“Triste tão querendo acabar também, os meninos não querem mais... Pelo contrário tão deixando morrer essas tradições porque estão focando muito nas questões tecnológicas. E, essas tradições aí que é passadas de pai para filho, eles não estão se envolvendo não”. (VS)

Em se falando dos agentes internos e externos no processo de aprendizagem, a diretora faz um diferencial conseguindo enumerar as dificuldades enfrentadas, conforme descritas a baixo:

“Os agentes internos tentam convidar, chamar, fazem é... Divulgam. A questão dentro da escola para que eles possam se envolver, que eles possam valorizar. E os agentes externos as vezes deixam a desejar, você às vezes contam com as pessoas, mas por algum motivo, não vem, algumas dificuldades problemas de saúde, transporte, coisas externas as vezes, faz com que essas manifestações não cheguem até a escola”. (VS)

Quando se fala da atual sociedade, se tem correspondido o seu papel dentro do processo da cultura do reisado, ela é clara.

“Tão deixando morrer, tão deixando morrer as tradições”. (VS)

Em relação a participação dos alunos nas manifestações da cultura do reisado, a professora afirma que os alunos da EJA são mais participativos em relação aos do dia. Afirmando que a questão do amadurecimento faz a diferença.

“Quando são alunos do noturno a gente vê mais alguma interação, porque já são alunos mais maduros, mais velhos, pais, famílias, mães, a gente sente que eles gostam mais. Mais essa juventude aí eles acham estranho, alguns chegam até a zombar”. (VS)

Em se falando de materiais para serem utilizados para conhecimento dos adultos nas aulas em relação à cultura do povoado, a diretora menciona que deveria trazer os materiais ou instrumentos que são usados na roda de samba. E, em seguida fazer relatório, pesquisa etc.

“Eu acho que.... Não sei.... Eu acho assim que deveriam trazer as partes assim que eles usam. Quais instrumentos? Mostrar é no caso botar para tocar, crianças, para vê se eles se identificam com isso. Fazer painéis relacionados aos instrumentos, fazer uma pesquisa, fazer um relatório, o que eles acharam, colocar para que eles se expressassem, aquele momento o que foi que eles sentiram, o que ele achou”. (VS)

Quando falamos sobre interação nas manifestações da cultura do reisado, a diretora afirma a importância do professor como mediador para convocar e trazer os atores até a escola.

“Acho o professor um mediador aí, ele é quem tem a iniciativa de trazer, ele como um mediador ele é a pessoa mais envolvida nesse caso aí é ele, ele convida, ele traz, muitos participam, cantam, dançam para interagir na sala”. (VS)

A diretora afirma que o professor nem sempre usa o cotidiano na vida escolar do aluno. Quando dialogamos sobre inovação na prática pedagógica adotada nas manifestações

da cultura do reisado nas escolas públicas municipais do povoado, ele afirma que alguns professores até que inovam. Pois a partir eles podem criar e recriar.

“Sim. Alguns professores até que inovam algumas práticas. Um exemplo, aquele reisado dali eles pedem para eles fazerem uma paródia, aqueles ritmos eles podem fazer uma paródia, eles podem criar uma letra de uma música voltada para aquele tema, a história do local da cidade em termos de reisado”. (VS)

Quando falamos sobre as atividades realizadas pelos alunos nas manifestações da cultura do reisado, ela reafirma sobre textos, paródias e cordel. Veja a seguir:

“Já foi falado aí né paródias, textos, cordel tudo isso pode ser usado”. (VS)

Em relação ao acompanhamento das atividades pedagógicas a diretora cita a importância do coordenador, pois tal atividade é de sua competência, ficando assim para o gestor ato de convidar e juntar ao grupo.

“Eu acho que sim, principalmente na parte pedagógica, no caso da gestão é mais de convidar e junto ao grupo, agora essa parte pedagógica aí é a coordenação. Como vai ser usado aí em relatório, texto aí a coordenação junto com o professor é quem vai coordenar aí”. (VS)

Quando surge a oportunidade de falar sobre as manifestações da cultura do reisado nas escolas municipais do povoado, ela acredita em ser uma alternativa de escolarização para alunos com déficit de aprendizagem.

“Ah sim, eu acho que se trouxessem mais vezes é um tipo de motivação, eles usariam a coordenação motora, até a questão da timidez na hora de dançar, não tem aquele momento que chama para dançar? Não sei se ainda tem esse, pra dançar e entra na roda e dança. Ali é até um motivo para aquela criança que tem... é tímido, ela deixar um pouco a timidez naquele momento e extravasar um pouquinho dançar e soltar e cantar”. (VS)

Em quesito de acompanhamento o processo de desenvolvimento dos estudantes nas manifestações da cultura do reisado nas escolas públicas municipais do povoado, a diretora não soube responder. Por ser novata na comunidade. A diretora não soube citar nem um autor que discute sobre manifestações culturais locais no Brasil, segundo a mesma disse que era leiga no assunto. As manifestações da cultura do reisado nas escolas públicas municipais do povoado, não são contempladas pelo projeto político pedagógico da escola conforme a diretora.

5.8.1 Síntese do diálogo com a diretora

Conversar com a diretora da escola foi um momento ímpar, a professora tinha 28 dias que estava na comunidade e com 25 anos de profissão, mas foi uma pessoa que demonstrou que ama a cultura, sugestionou e mostrou que a escola precisa se abrir para as manifestações da cultura do reisado na comunidade. Não foi difícil a conversa, pois essa tradição existe em sua comunidade e enfrenta as mesmas dificuldades em relação à participação dos jovens.

A entrevistada me deu muitas informações. Relatou a importância do reisado na interação social, a valorização que as turmas da EJA têm por essa cultura enquanto os alunos diurnos não se identificam e muitas vezes chegam a zombar. Fala da importância do professor, que é ele que tem que ter a iniciativa de trazer essa manifestação para a escola.

CAPITULO 6 – ANÁLISE DO CONTEÚDO ENCONTRADO NO *LOCUS* DE PESQUISA

Neste capítulo estaremos respondendo as questões que inquietaram e permitiu à realização dessa pesquisa, o estudo consiste em conhecer a cultura popular, especificamente o Reisado do povoado quilombola, presente na comunidade do Município de Campo Formoso-BA. Tendo como característica principal a etnografia que permite uma abordagem naturalista dos fatos, dando condições para interpretação ao redor do objeto estudado. Para isto, as investigações deram início no lócus em janeiro de 2016 de forma contínua. É pertinente informar que a pesquisadora já estava no lócus de pesquisa para averiguar a existência ou não de indícios de inovação pedagógica desde 2014. A observação participante do reisado na comunidade permitiu a compreensão de como o processo de aprendizagem são desenvolvidas na comunidade.

Para a realização do estudo utilizou-se a abordagem qualitativa de natureza etnográfica, e, concedeu o entendimento dos fenômenos e suas conclusões, com o intuito de realizar a triangulação de dados, para que interpretações ocorram de uma forma precisa utilizou-se como recurso a observação participante, imagens, entrevista e análise de documentos. O objetivo de uma pesquisa é demonstrar o que foi observado da forma mais

clara e verdadeira, para isso, o pesquisador precisa estar sempre atento à forma como são coletados os dados e a forma de como são avaliados e abordados.

O processo de organização sistematizado do material e das informações constitui a análise dos dados que foi recolhido, visualizando a interpretação e compreensão, percebendo informações e outros pontos significativos que facilitou a junção com aspectos da cultura local e com a dinâmica social vindo do encontro das fronteiras sociais, educacionais e étnicas da comunidade que está sendo analisada.

A interpretação e análise dos dados não podem ser afastadas da investigação, a partir do momento em que o investigador adentra no campo da pesquisa ela é efetivada, analisa tudo do contexto cultural em que está mergulhado. Woods (1999) afirma que a teorização se inicia no primeiro momento de trabalho desenvolvido em campo quando o investigador detecta tudo que é proveitoso e significativo.

Para tanto, após concluir a coleta dos dados investigativos, de observar a pesquisa dentro do contexto, e de o objeto de estudo está estreitado, chegou a hora de analisar os dados que estão mais ligados com a investigação. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p. 205):

“A análise de dados é o processo de busca e de organização sistemático de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 205).

O planejamento e a organização dos dados recolhidos reúnem uma etapa essencial para um minucioso estudo dos mesmos, sendo que permitido a representação dos mesmos, em um local visual diminuto para um mais vasto, assegurando a efetivação da análise etnográfica, auxiliando e confrontando a triangulação entre tipos de dados diferentes que foram coletados de maneira que assegure a utilização dos mesmos, de forma fértil, em uma descrição significativa e densa sobre tudo que tenha sido contemplado em campo, confirmando as palavras de Macedo (2010, p. 142), quando comenta que o registro na “etnopesquisa requer rigor, disciplina (...)”.

Sendo assim, a pesquisa buscou explorar os atributos das informações e explorar a natureza de tudo que foi obtido. Para tanto, é necessário utilizar instrumentos etnográfico como diário de campo, entrevista aberta, imagens para compreender o locus de pesquisa que estava sendo estudando, logo após, procurou analisar atentamente os materiais que foram

coletados em campo. Moraes (1999) revela que na evolução das análises dos conteúdos é necessário oscilar entre a objetividade e a subjetividade, para que sejam valorizadas as abordagens qualitativas.

Contudo, quando transferimos para um olhar voltado para inovação pedagógica, nos conduz ao princípio para que ocorra inovação o educador precisa assumir a posição de mediador e, contribuindo para que o aprendiz construção seu próprio conhecimento. Diante disso, Fino afirma que:

“As práticas pedagógicas ocorrem onde se reúnem pessoas, das quais algumas têm o propósito de aprender alguma coisa e, outras, o propósito de facilitar ou mediar nessa aprendizagem. Ou quando todas têm o mesmíssimo propósito de aprender alguma coisa em conjunto” (FINO s/d, p.3).

Diante das observações feitas na comunidade quilombola, percebe-se que não existe mediação do conhecimento nas práticas do reisado, a comunidade sabe da existência do reisado, aguarda por este dia, mas interpretando apenas como aniversário do Srº J. R. E assim sendo, observa-se que se utilizam vários recursos para a elaboração das atividades, mecanismos e regularidades que são essenciais na condução e construção dessa cultura, mas diante do exposto fica todo esse conjunto de articulação que constituem essa riqueza escondido entre eles deixando assim, de ser explorado pelos demais.

Vygotsky (1984) nos assegura que mediação é o conceito central para a concepção. Portanto, tal tarefa pode e deve ser exercida não apenas pelo professor, sendo assim, um adulto que tenha mais experiência ou conhecimento na área que “puxem” os jovens ou a comunidade, e que façam os mesmos avançarem. A comunidade quilombola, apresenta dificuldades em leitura e escrita e para deixá-los engajados, podemos substituir o material escrito pelo incentivo e encorajamento induzindo dessa maneira, cada um a realizar escolhas entre o canto, a dança e o manuseio do instrumento, e assim, conseguir avanços dentro da folia.

Para tanto, é correto afirmar que os encontros promovem uma formação de novos espaços e de interação, onde a problematização, as próprias produções dos educandos e o diálogo se constituem como uma maneira, uma forma de construção da aprendizagem. Em relação a isso Papert (2008, p. 135) diz que ‘(...) as crianças farão melhor descobrindo (“pescando) por si mesmo o conhecimento que precisam (...) que os ajudará a obter mais conhecimento”. O professor, nesse contexto, assume o papel de mediador na construção da

aprendizagem, tendo como um dos objetivos encaixa-se para deflagrar mudanças nos processos tradicionais que cruzam o ensino.

6.1. Compreender como ocorre a realização do Samba de Reis dentro da comunidade

Durante a pesquisa observa-se que a comunidade tem alguns representantes do samba de reis que trazem conhecimentos e experiências. Essas informações possibilitaram fazer o cruzamento dos dados advindos dos atores nas ocasiões da pesquisa. A busca de informações contíguas, no período e após a conclusão dessa investigação, intencionando compreender como ocorre a realização do samba de reis dentro da comunidade quilombola.

É algo fascinante ver a agilidade, o sentimento que é expresso no rosto de cada um que acompanha ou participa do samba, quando estão juntos até parecem que nasceram com o samba no pé; de uma vez que não existem oficinas nem cursos para ensinar o samba na comunidade e, mesmo assim, todos sabem sambar e os que não sabem se arriscam superando a timidez. Isso não significa que essa espontaneidade que as pessoas do povoado quilombola se arriscam e muitas vezes aprendem sejam seja o dispositivo da inovação pedagógica do samba, entretanto as escolas, que ainda vivem agarradas aos currículos, deixaram de ter a leveza da aprendizagem espontânea. Neste sentido Fino (2011) refere que temos que:

“Romper com os contextos do passado e criar os contextos de que o futuro necessita, o que implica uma redefinição do papel dos aprendizes e dos professores, é, no essencial, função da inovação pedagógica, constituída por práticas qualitativamente novas, que bem poderiam ser facilitadas ou estimuladas por mudanças curriculares e organizacionais deliberadas, embora esse seja outra questão” (FINO, 2011, p.7).

As atitudes, os conceitos, e os conhecimentos surgem dentro informalidade enquanto o indivíduo se apossa naquilo que antes era apenas palavra e passa a inserir no sua cotidiana como prática, dessa maneira, de início reconhecer no fazer pedagógico assegurado pelo samba de reis do povoado quilombola o estabelecer de uma aprendizagem expandida no próprio samba, se baseando especialmente na experimentação, onde o portal para dois mundos se torna o samba, o mais antigo que torna o povoado quilombola e suas ações um espaço de resistência da cultura afro mas inserido em um mundo informatizado, atual e globalizado, sendo que o fazer das rodas corresponde ao resultado e a ação de um processo formação, além do samba de reis, na formação de um sujeito que se agarra a conhecimentos que foram

constituídos ao longo de sua vida na contribuição local, histórica entre idas e vindas deste samba pelas localidades vizinhas e algumas longe de sua localidade. É nessa continuidade do fazer o samba, muitas vezes de forma crua ou raiz, ou em caráter espetacular que o ser vai congrega novos conhecimentos.

Contemplou-se um universo muito particular nessa dimensão de práticas pedagógicas do reisado de São Tomé é, um panorama cheio de movimentos e sons, onde se pode experimentar, pelo ato de aclarar a familiaridade dos tais com a prática pedagógica dançante, até então inesperado. Assim, é possível compreender, por meio a vivência interna, cotidiana, ‘como’ a folia de reis é importante, ‘como’ os aprendizes convivem com as diversas atividades e ‘como’ vivenciam suas dificuldades.

Para tanto, considerou-se a dimensão temática como eixo central da proposta pedagógica sugerida nas partículas agrupantes e agrupadas, onde se pode compreender o aspecto do samba de reis do povoado quilombola no período de estudo.

A temática que foi apresentada como questionamento de situações que atabularam com o contexto aqui apresentado, não como objetivo, mas como interlocutor da prática educativa corrente. Neste panorama do reisado, em que ficou incluído, evidenciar-se que a preferência do contexto do samba, que não ficou apenas no desejo de despertar, mas também, na condição de apresentar para argumentar os significados existentes no currículo do samba de reis do povoado conduzidos a dinamismo pela corporeidade por meio de práticas pedagógicas rimadas e dançantes. Dentro desse contexto, insurge a prática pedagógica como instrumento necessário para a adaptação, ou seja, formar cidadãos conscientes éticos, com criatividade que preencha as expectativas da atualidade e comprometidos com a criticidade valorativa. Sem sombra de dúvidas isto é: criar meios para que se tenham condições para que se propiciem novas criações dentro do samba.

Assim, a ideia de cidadania determinar “o meio ecológico em que o sujeito é criado, cresce e atua como agente social e não só como individuo agregado a outros” (GIMENO SACRISTÁN, 2002, p. 155), para então transformar-se um real cidadão. Tais características proporciona um conhecimento melhor sobre a vida social, diante de costumes validos, confirmando sentimentos e comportamentos no sujeito para que o mesmo consiga aprender e se envolver com a sociedade. É uma das funções que a educação provoca é a eventualidade para que o discípulo leve uma vida cidadã, ou seja, espaço para trabalhar e criar.

As visitas feitas a comunidade proporcionaram à pesquisadora escutar depoimentos como o que segue ‘Oi na educação o reisado ele ajuda venerar as pessoas, ajuda respeitar (...)’. Estas e outras afirmações demonstram o quanto essas atividades mudam as muitas vidas dos moradores da comunidade que, não tinham significados e, de repente, descobriram o samba de reis, e, aprenderam suas músicas, aprenderam a técnica e realizaram trabalhos singulares, perceberam táticas, ensaiaram, viajaram, levaram o nome dos reis do povoado quilombola a outros povoados e a cidade de Campo Formoso. Foi como bem disse Barreto (2008, p. 146); “ver nos corpos o que cada um pode expressar dançadamente e, apenas assim, as diretrizes da ação pedagógica efêmera, única e expressiva (...) que pode tornar-se realidade, também dançante”.

A importância do samba de reis para a sociedade é realmente um limite com poder de decidir, um princípio, e para alguns uma mudança de hábitos, um recomeço, ser um sambista apto a fazer apresentações em escolas, praças e eventos, é uma realização do integrante do samba, que sempre embala o sonho de ver os jovens se envolverem nessa roda e perpetuarem essa cultura. Esta comunidade quilombola, pequena, modesta e quilombola abrigam grandes sonhos sonhados. Como esta metáfora: ‘Viver da arte, pela arte e para arte’.

6.2 Investigar se o reisado da comunidade quilombola contribui para a construção de contextos que promovam o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras.

As estratégias e as dinâmicas de ensino e aprendizagem no Brasil possuem uma criação histórica, originário da data pós-descoberta, possuindo como ponto de partida o processo de cunho religioso, muito comum na história. A educação e a Arte foram temas constantes nas inúmeras diretrizes que tratavam do ensino obrigatório, diretrizes que ressaltassem o caráter da promoção cultural dos educandos. A proporção em que os educandos têm uma educação pela cultura, adquirem a autonomia e possibilidade para construir por si próprios. Um educando que vivencia o lúdico desde seus primeiros anos escolares, está apto a refletir acerca dos seus afazeres, e, constantemente, sobre si. Dessa maneira ele tem autonomia plena para traçar discussão em suas vivências, ilustrar, fazer leituras prazerosas, montar personagens, encenar e, por que não afirmar, resolver seus conflitos ao passo que acompanha os conflitos da história.

A inovação pedagógica é uma experiência que vem de dentro para fora – do ser – não pode ser importada. É encontrada na essência de coisas inerentes a todos, a saber: chão, natureza viva, corpo, sons, ar. O que nos serve de base é que a melhor forma de aprender é vivenciar e sentir a prática do fazer, um espaço em que haja a liberdade de escolha e os educandos dão a “nota e o tom” das aulas, a cultura é a representação da realidade de maneira educativa e divertida, tornando a aula produtiva e prazerosa. As escolas não podem isentar do capital simbólico e cultural dos seus educandos e nunca devem descuidar suas posições identitárias diante de seu contexto social. E assim, as representações da vida e do mundo são ricos instrumentos e não podem deixar de ser privilegiadas pela inovação pedagógica.

Os resultados obtidos por meio da pesquisa levaram a constatar a realidade dos grupos inseridos no processo de investigação, sendo o grupo dos participantes dos reis e reisados e o grupo do CMDC, do Ensino Fundamental II, que de acordo com as análises realizadas nos permitem apresentar algumas conclusões. Um dos temas mais comentados é de suma importância para a escola da atualidade que é inovação pedagógica. É possível desenvolver um processo educativo por meio destas práticas que supere as limitações da escola tradicional e assim serão úteis na formação dos alunos no perfil de exigência da atual sociedade contribuindo para o desenvolvimento futuro. No ensino atual, inovação pedagógica é de relevância, mas no decorrer da pesquisa observou-se que reconhecer práticas que envolvam adoção de inovação pedagógica e estudar não é uma tarefa fácil, por se tratar de um assunto que exige um número de elementos diversificados e participantes que em conjunto vivenciam aos projetos pedagógicos adota os resultados diversificados.

Portanto, o pensamento pedagógico que vai além da construção de uma identidade profissional para o aluno vai substituindo a escola tradicional, buscando desenvolver uma identidade social. Parra (2008, p. 190) considera:

“O desenvolvimento de novas ideias pedagógicas, particularmente as vinculadas à escola ativa, começou a colocar em evidência, ao menos no discurso educativo, determinadas práticas qualificadas de rotineiras e passivas. A memória se desvaloriza ao enfrentar o problema que começou a ser crucial: a compreensão. Estes dois aspectos aparecem como antagônicos” (Parra, 2008, p. 190).

Para tanto, a extensão entre a nova pedagogia e a escola tradicional são adversários por terem percepções contrárias para o aprendizado, na qual a primeira se observa a

necessidade de não decorar, mas sim de aprender o que está sendo ensinado e compreender, já a segunda coloca a memorização e formação estática como prioridade. Para que os alunos não sejam formados apenas para o mercado do trabalho, mas alunos que possam por meio dos seus conhecimentos ajudarem a desenvolver a sociedade de forma sustentável, respeito aos seus direitos e deveres e com efetivação, é necessário substituir o modelo tradicional, ou seja, baseado na formação para atuação no campo de trabalho por um modelo pedagógico.

Para Machado e Formosinho (2007, p. 105) a escola da atualidade possui a “missão educadora”, a qual deve ir além da aprendizagem de conhecimentos teóricos, mas perpassa a formação cidadã. Assim, os autores afirmam que a escola deve estar preparada para formar cidadãos em todos os aspectos, referente às questões sociais, econômicas, políticas, culturais, entre outras variáveis que integram a vida da sociedade. Ao ponto de vista citado, os autores acrescentam que:

“A escola deve possuir um currículo, onde se entrecruzam, por um lado, concepções e valores e, por outro, os saberes científicos relativos aos diferentes ramos específicos do conhecimento e a representação social e psicopedagógica que se faz do aluno, criança ou adolescente” (MACHADO E FORMOSINHO, 2007, p. 105).

E assim, a sociedade atual precisa de uma escola não deve apenas formar pessoas com conhecimentos e habilidades sobre as disciplinas aplicadas, ação educacional realizada por muitos anos, mas ir de encontro a uma formação completa. Para isso, são necessários instrumentos pedagógicos eficazes, que condizem com as necessidades de formação que a sociedade precisa, é a através dessas novas formas pedagógicas que ajudará a escola a romper o modelo tradicional de ensino.

A escola baseada em teorias e conceitos precisa abrir espaço para uma nova escola, só assim, surgem inovações pedagógicas influenciadas pelo desenvolvimento da sociedade da informação, que tem como objetivo a formação do aluno que a atual sociedade exige e precisa e para tal conquista carece renovar as práticas educacionais, tendo assim uma formação holística e não delimitada.

Fino (2010, p. 277), descreve que “A inovação pedagógica implica mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas e essas mudanças envolvem sempre um posicionamento crítico, explícito ou implícito, face às práticas pedagógicas tradicionais”. É através das práticas inovadoras que surgem à necessidade de reflexões críticas no espaço escolar,

passando a observar os acontecimentos e baseando no planejamento adequado, uma avaliação contínua e um desenvolvimento efetivo, permitindo visualizar erros, desafios e potencialidades, transformando a escola em um espaço aberto.

Diante disto, é preciso que todos os envolvidos com o espaço escolar atuem em conjunto, reconhecendo as formas e as práticas de alcançar uma educação significativa para que estas inovações pedagógicas sejam realmente eficazes. A incapacidade ou a ausência de um dos seus membros pode conduzir para resultados negativos, nos deixando claro que o sucesso da educação depende de todos. A educação é um instrumento dinâmico, e é preciso que todos os envolvidos no âmbito escolar assimilem isso, e que deve assim ser reconduzido frequentemente às necessidades sociais.

Sobre o assunto, Fino (2003) acrescenta que:

“Chegamos ao momento, portanto, em que o velho paradigma, exausto deve dar lugar a um outro, capaz de ir ao encontro de novas e indeterminadas necessidades de uma nova ordem pós-industrial emergente...as tecnologias emergentes que invadiram as nossas vidas fazem-nos perceber que há, agora, meios e possibilidades com as quais nem sonharíamos há apenas poucos anos. E eis o ponto crucial: devido ao avanço exponencial da ciência sobre o conhecimento a ameaça permanente da instabilidade. O que sabemos desatualiza-se dramaticamente depressa. As escolas já não preparam mais para a vida. Então servem para que?” (FINO, 2003, p. 4-5).

Assim, neste panorama observa-se que a educação da atualidade deve entender e participar deste processo de mudança, atuando no ínterim das novas tendências educacionais. O samba que discorri não existe apenas no imaginário da comunidade, mas que ultrapassou o município e a cidade de Campo Formoso, e através de parentes e conterrâneos que saíram do povoado pode ultrapassar cidades baianas e outros estados. E mesmo que ele não esteja presente nas salas de aulas regulares, da educação formal, ele se mostra como um colaborador educacional, o qual tem como objetivo principal transmitir da maneira mais simples e lúdica possível, a forma de vida de um povo e sua resistência cultural, e ao mesmo tempo trazer para esse núcleo o conhecimento de outras localidades e a modernidade por aonde ele vai.

O terno de reis do povoado quilombola é uma educação que se dá em um espaço não formal de aprendizagem, e o mesmo poderia ser utilizado/aproveitado em um espaço formal desde quando sistematizado em práticas pedagógicas. Para tanto o mesmo poderia da oportunidade aos envolvidos a construção coletiva de saberes. Dessa forma, com os resultados obtidos, que o Samba de Reis do povoado quilombola não é uma resposta de cunho inovador

a problemática da educação; pois o mesmo não rompe com conceitos tradicionais de métodos utilizados, em geral as escolas precisam de maneira urgente de uma revolução pragmática, em que seja radical na ruptura de qualquer anseio de concepção tradicionalista. Entretanto precisamos nutrir e formar sujeitos capazes de tomar decisões visando o hoje e capaz de tomar medidas prospectivas para o futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa apresentou como problemática: Existe alguma coisa de inovador dentro dos processos pedagógicos do samba de reis? Será se com a ausência do professor, esse ato de dançar, fazer ritmo, tirar os batuques, a construção de rimas e versos dentro de um enredo é capaz de portar alguma inovação pedagógica?

Durante as observações realizadas e registradas no diário de campo, pode-se perceber que o reisado na comunidade quilombola, permitiu compreender como ocorre o processo de aprendizagem na comunidade. Percebe-se que os líderes da comunidade responsável para ensinar o Samba de Reis, se colocam na posição de reprodutor da cultura do reisado. Contrapondo-se ao olhar do conceito de inovação pedagógica, que parte do princípio que inovação o educador precisa se colocar em uma posição de mediador entre o conhecimento e os aprendizes, busca fazer com que o aluno tenha autonomia sobre seu próprio conhecimento e trabalhar com pares.

Dessa forma, observa-se que dentro da cultura do reisado na comunidade quilombola, pode-se perceber que não existe a mediação do conhecimento, a comunidade aguarda por este dia como uma comemoração do aniversário do senhor J. R., e assim sendo, as atividades exercidas, os variados recursos, mecanismos e regularidades indispensáveis à construção de um conjunto e articulação que constituem a riqueza dessa cultura, mas que fica escondida entre eles e infelizmente com poucos adeptos, correndo o risco de desaparecer.

Diante desse contexto sugiro que a escola e os próprios educadores busquem resgatar e trazer para dentro do ambiente a educação através da transversalidade à experiência e conhecimentos dos líderes do Samba de Reis para que esse não desapareça, podendo assim, mostrar para os educandos a riqueza cultural que existe nessa prática. Além disso, podendo utilizar o Samba de Reis não apenas como reprodução cultural, mais como forma de inovar o contexto educacional tradicional. Pois se trata de prática lúdica e diferenciada que pode contribuir para aumentar autonomia e o olhar crítico do aluno, além da valorização cultural do Povoado muitas vezes esquecida pelo poder público.

Para tal possibilidade, é preciso que desenvolva uma técnica de representação tridimensional, identificando as diferentes culturas com ligação estreita no mundo escolar,

como de refazer, recriar a escola, sobre novos ambientes e novas bases dentro da própria escola.

A escola tem como função, dentre outros pontos, é preparar o sujeito para uma vivência e convívio sadio em sociedade. Essa extensão social que visualiza o desenvolvimento de conteúdos específicos, que procuram garantir uma determinada bagagem de ideias, habilidades, competência, sentimentos e atitudes fornecendo um conjunto de elementos construtores para tornar o jovem apto ao exercício da cidadania.

Ocorrem nesse período muitas dificuldades ao longo do estudo, pois percebeu que os educadores não apresentam conhecimento da prática do reisado, nem mesmo aqueles que tiveram uma vida ativa no povoado desde a infância, além disso, as rodas só ocorriam no início do ano, mesmo o reisado do povoado quilombola sendo referência para o município, existe pouco interesse dos jovens da comunidade, não existe uma valorização da comunidade a essa prática riquíssima de conhecimento cultural.

Ocorreram momentos positivos durante a pesquisa, momentos de convivência social, no qual se observa o reconhecimento da comunidade da figura do senhor J. R., um clima harmonioso, companheirismo e de valorização da cultura com todos que participam da folia de reis. Apesar de ser apenas reprodução cultural é notório o esforço do líder da folia de reis para manter a cultura viva no povoado.

Por fim, essa pesquisa não busca encerrar as discussões referentes à temática, mas consiste no início de novas investigações que busquem refletir, descobrir, (re)descobrir, investigar, conceitos arraigados na educação e dessa forma buscar a quebra de paradigmas fabril e contribuir com a junção da cultura regional com a visão educacional como prega as diretrizes de base da educação.

REFERÊNCIAS

ARRIGHI, Giovanni. **O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo**. Rio de Janeiro: Contraponto-São Paulo: Editora UNESP, 1996

BARRETO, D. **Dança: ensino, sentido, possibilidade na Escola de Frevo**. Campinas: Autores associados, 2008.

BRANDÃO, C. R. **O que é Folclore**. Editora Brasiliense, 4ª edição, 1984.

_____. **O que é educação**. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Apresentação dos temas transversais, ética**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BYINGTON, C. E. B. **Emocionar para ensinar**. Revista Viver Psicologia, n. 134 – Ano XII – p. 8 – 11 Março 2004.

CARRANO, P. C. R. **Juventudes e Cidades. Educadoras**. – Petrópolis, Vozes, 2003.

CASCUDO, L. da C. **Dicionário do folclore brasileiro**. Vol. 5. 1980

CHARBONNER, G. **Arte, linguagem e etnologia: entrevista com Claude Lévi-Strauss**. Campinas: Papyrus, 1989.

CHIAVENATO, I. **Introdução à teoria geral da administração**. Rio de Janeiro: Elsevier 2000.

ESTEBAN, M. P. S. **Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições**; Tradução Miguel Cabrera. Porto Alegre: AMGH, 2010.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre a alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1996.

FINO, C. N. **FAQs, Etnografia e Observação Participante**. In SEE – Revista Europeia de Etnografia da Educação, 3. p. 95-105, 2003. Disponível em: <http://www3.uma.pt/carlosfino/2007>. Acesso em: 30 junho 2015.

_____. **O Futuro da Escola do Passado**. In: Sousa M. J.; FINO C. N. et al. (orgs.). *A Escola Sob Suspeita*. Porto: ASA, 2007

_____. **Inovação Pedagógica: Significado e Campo (de investigação)**. In Alice Mendonça; António V. Bento (org). *Educação em tempo de Mudança*. Funchal: Grafimadeira, PP 277-287, 2008.

_____. *A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais*". In Christine Escallier e Nelson Veríssimo (Org.) **Educação e Cultura** (pp. 43-53). Funchal: DCE – Universidade da Madeira, 2008.

_____. **Convergência entre a Teoria de Vygotsky e o Construtivismo/Construcionismo**. Funchal: Universidade Madeira, p. 1-6, 2004.

_____. **O lugar das tecnologias na formação inicial dos professores: o caso da Universidade da Madeira:** In Albano Estrela e Júlia Ferreira (Editores), *A Formação dos Professores à Luz da Investigação*, Actas, 2003a.

FINO, C. N. **V Colóquio DCE Uma; Pesquisar para mudar (A educação); Investigação e inovação** (em educação) 2011.

GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade.** Oeiras: Celta Editora, 1998.

GOHN, M. G. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LAPASSADE, G. **As Microsociologias.** Brasília: Liber Livros Editora, 2005.

LARAIA, R. B. **Cultura: Um conceito Antropológico.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

LAZARTE, L. **Ecologia cognitiva na sociedade da informação.** *Ciência da Informação*, Brasília: v. 29, n. 2, maio/ago. pp. 43-51, 2000.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e Pedagogos. Para quê.** São Paulo, Cortez, 2005.

MACEDO, R. S. **Etnopesquisa Crítica, Etnopesquisa-Formação.** Brasília: Liber livros editora, 2006.

_____, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa – formação.** Brasília: Liber Livro, 2. ed., 2010.

_____. **A etnopesquisa implicada: pertencimento, criação de saberes e afirmação.** Brasília: Liber livros, 2012.

MACHADO, J.; FORMOSINHO, J. **Modernidade, burocracia e pedagogia.** In: FINO, C.; SOUSA, J. M. **A Escola sob Suspeita.** Editora Asa, 2007

MARQUES, M. H. D. **Iniciação à semântica.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

MORAES, R. **Análise de conteúdo.** *Revista Educação.* Porto Alegre: v. 22, n. 37, pp. 7-32, 1999.

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M.. **Currículo, conhecimento e cultura.** In: BEAUCHAMP, Janete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro, **Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura:** Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. – 2. ed. – São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000.

NERY, M. L. **A evolução da indumentária: subsídios para criação de figurinos.** Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2003.

NÓBREGA, M. M. O. **“O samba é fogo”**: Fluxos corporais e a noção de existência na Ilha do Massangano. Niterói, PPGA-UFF, 2010.

ROSA, S. S. **Construtivismo e mudança**. São Paulo: Cortez, 1997.

OLIVEIRA, M. K. de **Aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1995.

PAPERT, S. **A máquina das crianças**: repensando a escola na era da informática. Ed. Ver. Porto Alegre: Artmed, 2008.

Parâmetros Curriculares Nacionais; **Arte** / Ministério da Educação Secretaria da Educação Fundamental. – 3. ed. – Brasília: A Secretaria, 2001.

PARRA, Cecília. **Calculo mental na escola primária**. IN: SAIZ, Cecilia Parra Irma et al. **Didática da Matemática: reflexões psicopedagógicas**. Porto Alegre: Artmed, 2008

PERGO, V. L. – **Os Rituais Na Folia De Reis: Uma Das Festas Populares Brasileiras**. 2011.

<http://dhi.uem.br/gtreligiao/pdfs1/Pergo,%20Vera%20Lucia.pdf> acesso em 20 de junho de 2015.

PIAGET, J. **A Epistemologia Genética**. Petrópolis: Vozes, 1972.

SACRISTÁN, J. G. **Consciência e Ação sobre a Prática com Libertação Profissional dos Professores**. In: NÓVOA, Antônio (org.). **Profissão Professor**. Porto: Porto Editora, p.63-92, 1995.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. São Paulo: Autores Associados, 1986.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. **GT Currículo**, 20ª Reunião Anual da ANPEd, 1997 disponível em: <http://WWW.urfgs.br/faced/gtcurric/tr978.html> acesso em 22 de abril 2015.

_____. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais / Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 14. ed. – Petrópolis, Vozes, 2014.

SOUSA, J.M. **O professor: uma profissão? O papel da instituição formadora**. Tribuna da Madeira, p. 13 – 16,6 julhos 2001.

_____. **A etnografia ao serviço do currículo**. In Actas do VII Colóquio sobre Questões curriculares (III Colóquio Luso-Brasileiro sobre Questões Curriculares) “Globalização e (des) igualdade: os desafios curriculares”. Braga: Universidade do Minho, 2007.

_____. **Educação: Textos de Interação**, Ed. O Liberal S. L. 2004.

SOUSA, J. M.; FINO, Carlos N. **As TIC Abrindo Caminho a um Novo Paradigma Educacional**. In Revista Educação & Cultura Contemporânea. Rio de Janeiro: Universidade

Estácio de Sá, p. 11-28, 2008. Disponível em: <<http://3.uma.pt/carlosfino/2007>>. Acesso 28 de abril 2015.

TOFFLER, A. **Choque do futuro**. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1973.

_____. **A Terceira Onda**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1980.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: M. Fontes. 1984

_____. **Linguagem e desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone/Edusp. 1988.

_____. **Pensamentos e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

WILDER, G. S. **Inclusão Social e Cultural** – Arte Contemporânea e Educação em Museus. Editora Unesp, 2009, disponível em: <http://books.google.com.br/books>> acesso em 18/05/2015.

XIMENES, S. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Ediouro, 2002.

APÊNDICE - DIÁRIO ETNOGRÁFICO

A observação foi realizada nos meses de janeiro de 2016 a janeiro de 2018, em uma quantidade de 30 visitas, incluindo as apresentações extraclasses, somando uma média de 8 horas cada intervenção, num total de 240 horas de campo. Nos meses de março de 2016 a julho de 2018, meu olhar continuava voltado para a pesquisa, porém de forma mais discreta. Por trabalhar na comunidade acrescento que nem todos os eventos sazonais, como festejos de páscoa, mães, juninos, natalinos e outros observados e anotados compuseram a minha dissertação, em virtude de se tornarem repetitivas, portanto, houve uma seleção das que mais representam.

Então, ao chegar à comunidade no dia 04 de janeiro de 2016 às 15h e 40m, iniciei as visitas em 05 de janeiro de 2016, de maneira informal e de modo exploratório, entretanto vale a pena salientar que esse tempo de evolução, foi um tempo preciso e necessário para o entendimento do todo.

No campo, as observações ajudaram a coletar dados que iriam, posteriormente, financiar o apoio que o relatório precisaria e que daria origem e suporte ao contexto da dissertação. Iniciei as visitas no turno matutino, que me possibilitou observar o início da prática, com essa observação matutina conclui que o foco do trabalho se dá no período vespertino e noturno, por se tratar de jovens e adultos que trabalham nas roças de sisal, tomate e cebola.

Todas as anotações feitas no diário de campo foram colhimentos de informações que se mostravam simples, resumindo em um texto descritivo, em cima do que foi observado durante a permanência no espaço da pesquisa. Pude fazer diversas anotações, observações, tudo que me chamava atenção, ainda que aos meus olhos fosse irrelevante. No entanto, pude entender que todos os registros dos fatos ocorridos nesse contexto, tornou-se uma fonte de informação muito preciosa.

O primeiro contato aconteceu no dia 05/01/2016, (terça-feira) se deu a primeira observação, o meu acesso à pesquisa aconteceu de modo permissivo, ou seja, já conhecia a equipe e a comunidade. Objetivando estabelecer os primeiros contatos com a realidade do samba de reis, lá estava eu na Rua do Alecrim onde mora o senhor J. R. Ao sair a porta o seu enteado D., me cumprimentou, e, em seguida perguntei por seu J. R. e tomei conhecimento que o mesmo já tinha saído para buscar um carro de água na Várzea de Dentro um povoado que é município de Umburanas. A água do povoado quilombola é salinizada, portanto, não é própria para o consumo, e o mesmo vende um balde de 20l no valor de R\$ 2,00, como seu J. não estava permaneci naquela rua até às 12h.

Na mesma terça-feira retornei às 13h e 30m, e continuava tudo calmo apenas as crianças transitavam na rua, mas sem nenhum compromisso com o reisado. A casa fica de frente para o sol e só às 16h o senhor J. R. colocou uma cadeira na porta e sentou-se. Ao se passar acerca de uns 30m. chegou um vizinho e começam a conversar, logo em seguida o senhor P. A. pega sua cadeira pois o mesmo possui uma pequena mercearia em frente e vai para a roda de conversa. Tudo muito calmo, mas às 18 horas o senhor J. R. pega sua viola e começa a cantarolar alguns de seus versos e também algumas músicas sertanejas de raiz. O senhor P. A. se retira da roda e vai fechar a sua mercearia, permaneci ali. Logo chegou dona D. com seu esposo e dona Dar. que é a esposa de seu P. A.. Já dona Mar. que é a esposa de seu J. R. levou um tempo para aparecer, ao chegar, ofereceu um café e todos aceitaram. Ao me aproximar da roda onde apenas eles cantavam todos me cumprimentaram e me perguntavam a razão da minha presença no período das férias, e eu lhes respondia. Acredito que alguns não entendiam, pois diziam “*ah*” e se afastavam e outros saíam. Como já era noite, o céu estava nublado e já pude perceber que alguns já externavam a preocupação se o dia seguinte seria chuvoso. A roda foi desfeita às 21h e 30m.

Ninguém apareceu, mas o senhor J. R. já se mostrava inquieto, ele saiu e eu o acompanhei, o mesmo foi até a casa de seu irmão O., popularmente conhecido como seu Peixe, ao chegar, foi recebido com um abraço e lhe parabenizou pelos seus 73 anos. Os irmãos sentaram, conversaram, percebi muita alegria no rosto de seu “Peixe”, e seu J. R. voltou para sua casa. No percurso o senhor J. R. conversa com muita gente, e todas as pessoas demonstravam muito carinho por ele.

À tarde, o movimento continuava lento, não chegou até agora nem uma pessoa na rua onde sai o reisado. As 14h e 30min, seu J. R. vai como de costume para a casa do senhor P. A. e começam a comentar sobre o evento, mas de forma diferente apenas perguntavam se haveria bolo na casa do aniversariante, o mesmo se mostrava muito feliz e ansioso pelo cair da noite. Já se aproximava das 16 horas, os carros que fazem linha para Campo Formoso começam a chegar. Com a chegada dos mesmos, a festa começa a ganhar um brilho diferente, as pessoas começam a se movimentar e fazerem os preparativos. Enquanto isso dona Mar. já começou a preparar o arroz doce, e já comprou balas e guloseimas para as crianças.

Ao cair da noite, permaneci observando, e, D. S., D. Nem e D. Baiana mandaram algumas crianças chamarem o senhor J. R., o mesmo saiu às 18h e 30 minutos com sua viola, um chapéu de couro, e lá as pessoas citadas os receberam e desta feita saíram da Rua do Campo em direção a casa de dona E. B., lá já tinha um número de pessoas que o esperavam.

Figura 7 – Srº J. R. (Casa de d. Nem)



Os mesmos se juntaram e seguiram em direção a casa de seu Neu e cada encontro nas casas só aumentava o número de pessoas. A cada parada demorava em torno de 50 a 55 minutos. Com um grupo considerável de 48 pessoas seguiram para a casa do senhor J. R. onde sua esposa lhe aguardava com um bolo surpresa para comemorar seu aniversário.

Figura 8– Encontro dos irmãos J. R. e Neu



A frente da casa já às 21h e 50 min, todos se posicionaram e começaram o samba de reis, todos muito animados, sorridentes, procuravam embelezar a noite que era tão esperada. Durante aquele encontro percebi a desenvoltura das mulheres e também dos jovens, ao som da viola, do pandeiro e do triângulo. Verifiquei e constatei uma consonância entre os foliões, que sobre seus próprios comportamentos atitudinais (vontade/querer) levou a construir sua própria aprendizagem dentro do samba de reis e atitudes comportamentais, ou seja, motivação que faz se sentirem melhor em seu ambiente. Todos os presentes se envolvem. Isso me levou a perceber que a mudança de interesse e de hábitos pode mudar o comportamento de um aprendiz. Todos se mostravam satisfeitos com a manifestação, e também admirados, pois, a perseverança para aprender os passos do samba de reis, surgia depois da ação fazer/aprender, e logo se podia notar resultado do trabalho.

Figura 9 – Casa de J. R.



E assim, já era a meia noite e já se despontava um novo dia, e todos já começavam a se despedir e aguardarem ansiosamente o novo reisado que seria no próximo ano.

Cheguei à comunidade no dia 4 de janeiro de 2017 em uma quarta-feira, ao entardecer. Tudo normal e tranquilo. Sair as 08h00min e comecei o trabalho de observação. Nas ruas estavam tudo normal, me dirigir até a Praça João Gonzaga onde reside dona E. B. e o senhor M. A. dos S. “seu Neu”, observei um pequeno movimento na casa de dona E. B., procurei ao srº Ev. que é vizinho da mesma, que entra e sai era aquele? E ele me respondeu de forma tranquila e educada, que a mesma faz parte do reisado e naquele dia estava aguardando alguns parentes que moram em São Paulo, viriam passar o mês de agosto e iriam prestigiar o evento. As 11h30min retornei para casa.

Turno vespertino – Às 13h, já estava na Rua do Alecrim, e estava tudo tranquilo, a tarde estava nublada e não havia ninguém nas ruas. Fui a praça da igreja onde mora d. Nem e dona Baiana, percebi que as mesmas estavam arrumando as roupas para o evento, não confeccionavam roupas novas elas, arrumavam as que já tinham. As coroas elas passavam um pano, as saias elas primeiro sacudiam e colocavam em cima da mesa. Percebi que ao fazerem esse trabalho elas não reclamavam, elas demonstravam responsabilidade e interesse em fazer bem feito que nem reclamavam da ausência das outras. Voltei para a Rua do Alecrim e de longe já percebi que o senhor J. R. estava na porta com o senhor P. A. e se aproximou deles a professora Nat. Jat. e o senhor Josi B.. Eles conversaram por um bom tempo, porém, não sentaram, ouviram e em seguida saíram. Aproximei-me dos senhores e fiquei por um tempo sentada com eles. Os mesmos falavam das mudanças de tempo e das dificuldades que o homem do sertão enfrenta, mas ressaltavam a coragem e a bravura de um sertanejo.

Turno noturno – Chegou um dos comerciantes do povoado, o mesmo veio no posto de gasolina que fica vizinho a casa do senhor J. R. e lá ficou conversando onde começou a aumentar o número de pessoas. Convidaram-me para sentar e lá fiquei. A conversa era interessante, pois falavam da política do município, onde se predomina dois grupos rivais o grupo boca branca e o grupo boca preta. Mostravam-se alegres, pois o grupo de boca preta que não vence as eleições há muitos anos tinha sido eleito e muitos da roda de conversa acreditavam em um futuro promissor. A partir das 21h e 30m a roda aos poucos vai se desfazendo, apenas o senhor Elibahia disse em sua saída: ‘rapaziada vamos dormir que

amanhã tem festa de reis.’ O senhor J. R. apenas sorriu e estava de pernas cruzadas recitou um verso com o nome do Elibahia: “Aqui é J. R. falado, que mora em São Tomé, sentado na igreja, vamos ver Deus por quem é, o rapaz muito educado o amigo Eliezer”. E assim, se desfez a roda.

É chegado o dia do reisado, é sexta-feira dia 06 de janeiro. Pela manhã não se tinha movimento, a mercearia estava fechada até ao meio dia, dona Mar. começou a varrer a porta, quando me viu me cumprimentou e disse: “gosto de varrer meu terreiro mais cedo professora, mas esse diabete está me matando”. Fiquei por ali e me dirigir até a Praça em que dona E. B. mora. A casa dela estava fechada, pois as visitas tinham chegado e foram todos para o povoado de Almeida que fica afastado do povoado quilombola 2 km, os mesmos tinham ido rever amigos e convidar a comunidade para participar da festa.

Turno vespertino – A mercearia abriu as 14h, e o senhor P. A. estava ao lado de sua esposa dona Dar., com um bom tempo começa a chegar à vizinhança e já se fala na festa de reis, porém, de maneira muito sutil pude perceber uma insatisfação entre uma conversa e outra. Logo entendi, o grupo do reisado tinha que sair da Rua do Alecrim e não da Praça João Gonzaga. Entre uma fala e outra, surgiu uma criança de bicicleta, o mesmo era portador de um recado que todos estariam na casa do senhor J. R., de onde saíam pelas principais ruas do povoado. De imediato o semblante de todos mudou, pois, as ideias voltaram a entrar em pleno acordo.

Chegou a noite, já percebemos algo no ar, uma alegria contagiante no rosto das pessoas que começam a chegar, o senhor J. R. já está com sua viola e começa a aquecer seus dedos e o céu com a sua beleza infinita, parece que as estrelas brilham mais fortes. Enfim, começa mais uma noite de reis, chegam do povoado de Almeida 08 mulheres que já cantam reis e vieram acompanhadas de algumas pessoas da comunidade que atenderam ao convite que receberam durante o dia. Já com tudo organizado, dona E. B. faz a abertura cumprimentando a todos com um boa noite e faz uma alusão a presença dos visitantes de São Paulo e a comunidade de Almeida.

Saem em desfile, seguem em direção à Rua do Capão que vão até o final da mesma, sendo que, a rua possui mão dupla, e fazem a primeira parada na casa do senhor M. D., dali o grupo segue em rumo a casa do senhor Jura que é no final da rua. Retornam pela outra avenida, por essa outra via seguem e param na casa de seu Manezinho, que é um senhor já falecido, e que também deixou o seu legado, pois animava as noites com sua sanfona mesmo

que não tivesse ninguém sentado ao seu lado. Seu filho Ger., permanece na mesma casa até a atual data, e o mesmo aprecia o evento e espera todos os anos o grupo com algumas guloseimas (balas, pirulitos e salgadinhos). Próxima parada, já na Praça João Gonzaga, se dá na casa de dona Nena que é uma professora aposentada da comunidade, muito embora, a mesma esteja com a saúde abalada, sempre participa de tudo que se refere a cultura no tocante a comunidade, e a mesma foi responsável pela penitência durante 50 anos. Ao seguir fez-se uma parada na casa de dona E. B., que durante toda essa caminhada e nessas paradas sempre alguém acompanha, e vai sempre somando em relação a quantidade de pessoas, faz-se a última parada na casa de seu Neu, lá já se encontra um número de pessoas que se juntando ao que chega soma um número de aproximadamente 118 pessoas.

Figura 10 – Praça João Gonzaga



O grupo permanece até às 22h e 10min, e em seguida segue para a casa do senhor J. R. onde fazem o encerramento do evento, evento esse que podemos observar muita interação, entusiasmo e sentimento. E às 23h e 40 min, encerra em grande estilo a festa de 2017, sendo que cada um já sai se autoanalisando e dizendo que poderão fazer melhor no ano seguinte. Tudo isso, pude ver com o olhar de pesquisador, que com esse olhar pude concluir que não

devo apenas copiar, anotar, observar e o essencial e necessário, mas também estabelecer uma interação, me levando a crer que eles são realmente atores sociais que trazem a cultura impregnada, e expressam através de ações, realizações e sentimentos.

Ceguei à comunidade no dia 4 de janeiro em uma quinta-feira, ao entardecer. Chovia muito nesse dia e não havia pessoas nas ruas.

Observação n.º 05

Data: 05/01/2018

HORÁRIO: 07:00 às 11:30h/13:00 às 17:00/19:30 às 21:00h

Sexta-feira, ao amanhecer logo às 7h fiquei na porta da senhora Eli, a rua estava aparentemente normal, fui até a Praça da Sisaleira e nenhum movimento. Saí até a Praça João Gonzaga e também não tinha movimento. As 11h30min retornei para a Rua do Alecrim e dona Dar. estava à frente de sua residência, cumprimentei com um bom dia e a mesma me falou sobre a tranquilidade que sente em morar no povoado quilombola, e externou o prazer que sente em viver na roça que é seu lugar preferido.

Turno vespertino – Sair às 13h desta feita fui a Rua do Capão e todos estavam em suas devidas ocupações, ou seja, em suas roças. Apenas duas senhoras estavam em pé em sua porta. Retornei pela Avenida João Regis, tinha alguns jovens na porta de um supermercado, os mesmos bebiam e ouviam música em alto som, continuei nessa Avenida, pois é ai que fica situado o CMDIC. Retornei até a Rua do Alecrim e já tinha algumas pessoas na porta do senhor J. R., ali fiquei a observar, os mesmos estavam a conversar apenas sobre a rotina diária.

Turno noturno – Fiquei na porta do senhor J. R. junto com sua esposa, e logo, logo o mesmo veio para a porta, percebi que ele estava um pouco pensativo. Sua esposa disse: “professora esta noite meu velho não dorme”. Indaguei, por quê? Ela me disse, na véspera do aniversário ela não costuma dormir de tanta ansiedade. Ele disse “Ah dona Deci, fico preocupado, esse povo novo de hoje não quer aprender nada, nem nossa cultura?” Em seguida pediu licença e se dirigiu até a casa do vizinho, o senhor Geni. Permaneci ainda por algum tempo e as 21h00min saímos cada um para sua casa.

Às 08h30min min. chega à sobrinha do senhor J. R., a mesma lhe traz um recado de seu pai o senhor O., conhecido como peixe que toca pandeiro. Pediu a benção a seu tio e lhe disse que seu pai o chamava. Fui convidada para acompanhá-lo, seguir com os mesmos. Ao chegarmos fomos recebidos por sua esposa e mandou que nos dirigíssemos ao quarto, presenciei seu O. muito doente com CA na próstata, e o mesmo disse que tinha mandado chamar senhor J. R. porque queria cantar com ele uma “moda”. Senhor J. R. perguntou: “você aguenta?” ele respondeu “sim”. Pediu o pandeiro e começaram a cantar. O senhor O. estava muito debilitado, vindo a falecer no mês de abril, causando muita comoção e tristeza na comunidade.

Figura 11– Sr. Peixe



Turno vespertino – São 13h30min fiquei na porta da mercearia, e em seguida dona Mar. apareceu e lamentou sobre a situação do senhor O., quando o senhor J. R. chegou lamentou que já tivesse perdido dois irmãos e infelizmente via mais um se acabando. O mesmo foi confortado pelos vizinhos e se dirigiu para sua casa. Sua esposa permaneceu e disse que o médico havia lhe dado poucos dias de vida, a mesma se retirou, pois, se mostrava preocupada com seu esposo.

Turno noturno – É chegada a noite, e às 19h. iniciou o reisado, um número bem reduzido de pessoas vieram até a casa de seu J. R. O mesmo se mostrava triste com a situação de seu irmão. Chega à professora Juli que demonstra domínio com a dança e a música, dona Nem, dona Baiana e dona Alze. O senhor J. R. fez a abertura: “Menino nós vamo hoje, cantar nosso divino Santo Reis, para Jesus abrir as portas e nos abençoar,” elas iniciam cantando ‘o reis’ das mulheres, ele prossegue com mais três músicas, e não fazem a caminhada pela comunidade. O senhor J. R. faz o encerramento dizendo: “O Divino Santo Reis que nos dê a paz e nos proteja”. Esse foi mais um dia de vivência, e no rosto do senhor J. R. todos observavam muita tristeza, e mesmo assim ele se apresentou com uma fluidez marcante, diante de tudo ele consegue transmitir calma levando os presentes a participarem o movimento de modo particular.

O primeiro contato aconteceu no dia 05/10/2016, (terça-feira) se deu a primeira observação, o meu acesso à pesquisa aconteceu de modo permissivo, ou seja, já conhecia a equipe e a comunidade. Objetivando estabelecer os primeiros contatos com a realidade do Samba de Reis, lá estava eu na Rua do Alecrim onde mora o senhor João Reis. Ao sair a porta o seu enteado Diego, me cumprimentou, e, em seguida perguntei por seu João e tomei conhecimento que o mesmo já tinha saído para buscar um balde de água na várzea de Dentro um povoado que é município de Umburanas. A água de São Tomé é salinizada, portanto, não é própria para o consumo, e o mesmo vende um balde de 20l. no valor de 2,00, como seu João não estava por aqui naquela rua até às 12h.

Na mesma terça - feira retornei às 13 e 30 m, e continuava tudo calmo apenas as crianças transitavam na rua, mas sem nenhum compromisso com o reusado. A casa fica em frente para o sol e só às 16h o senhor João Reis colocou uma cadeira na porta e sentou-se. Ao se passar acerca de uns 30 m. chegou e um vizinho e começaram a conversar, logo em seguida o senhor Pedro Alcântara pega sua cadeira pois, o mesmo possui uma pequena mercearia em frente e vai para a roda de conversa. Tudo muito calmo, mas às 18 h o senhor João Reis pega sua viola e começa a cantarolando alguns de seus versos e também algumas músicas sertanejas de raiz. O senhor Pedro Alcântara se retira da roda e vai fechar a sua mercearia, permaneci ali. Logo chegou dona Dalva com seu esposo e, dona Dalci que é a esposa de seu Pedro. Já dona Marizete que é a esposa de seu João levou um tempo para aparecer, ao chegar, ofereceu um café e todos aceitaram. Ao me aproximar da roda onde apenas eles cantavam todos me cumprimentaram e me perguntavam a razão da minha presença

no período das férias, e eu lhes respondia. Acredito que alguns não entendiam, pois diziam "ah" e se afastavam e outros saíam. Como já era noite, o céu estava nublado e já pude perceber que alguns ~~que~~ alguns já externavam a preocupação se o dia seguinte seria chuvoso. A roda foi desfeita às 21h e 30m.

Observação nº 2

Ninguém apareceu, mais o senhor João já se mostrava inquieto, ele saiu e eu o acompanhei, o mesmo foi até a casa de seu irmão Osvaldo, popularmente conhecido como seu Peixe, ao chegar, foi recebido com um abraço e lhe parabenizou pelos seus 73 anos. Os irmãos ~~parabenizaram~~ ~~conversaram~~ conversam... percebi muita alegria no resto de seu "Peixe", e seu João voltou para sua casa, No percurso o senhor João conversa com muita gente e todas as pessoas demonstram muito carinho por ele.

Já tarde, o movimento continuava lento, não chegou nem uma pessoa na rua onde sai o reisado. Às 14 h. e 30 m. seu João vai como de costume para a casa do senhor Pedro Alcântara e começa a comentar sobre o evento, mas de forma diferente, apenas perguntavam se haveria bolo na casa do aniversariante, o mesmo se mostrava muito feliz e ansioso pelo cair da noite. Já se aproximava das 16h. ~~o~~ os carros que fazem linha para Campo Formoso começam a chegar. Com a chegada dos mesmos, a festa começa a ganhar um brilho diferente, as pessoas começam a se movimentar e fazerem os preparativos. Enquanto isso, dona Marizete já começou a preparar o arroz doce, e já comprou balas e guloseimas para as crianças. Ao cair da noite, permaneci observando, e, D. Selma, D. Nem e D. Baiana mandaram algumas crianças chamar o senhor João Reis, o mesmo saiu às 18h. e 30 m. com sua viola, ~~de~~ um chapéu de couro, e lá as pessoas citadas os rece-

beram e desta feita saíram da Rua do Campo em direção a casa de dona Euníldes, e lá já tinha um número de pessoas que o esperavam.

Os mesmos se juntaram e seguiram em direção a casa de seu Nei e ~~em~~ cada encontro nas casas só aumentava o número de pessoas. A cada parada demorava em torno de 50 a 55 minutos. Com um grupo considerável de 48 pessoas, seguiram para a casa do senhor João Reis onde sua esposa lhe aguardava com um bolo surpresa para comemorar seu aniversário.

A frente da casa já às 21 e 50 m. todos se posicionaram e começaram o samba de reis, todos muito animados, sorridentes, procuravam embelezar a noite que era tão esperada. Durante aquele encontro percebi a desenvoltura das mulheres e também dos jovens ao som da viola, do pandeiro e do triângulo. Verifiquei e constatei uma consonância entre os policiais, que sobre seus próprios comportamentos atitudinais (vontade / querer) levou a construir sua própria aprendizagem dentro do samba de reis e atitudes comportamentais, ou seja, motivação que faz se sentirem melhor em seu ambiente. Todos os pre-

sentes se envolvem. Isso me levou a perceber que a mudança de interesse e de hábitos pode mudar o comportamento de um aprendiz. Todos se mostraram satisfeitos com a manifestação, e ~~foram~~ também admirados, pois, a persistência para ~~prender~~ prender os passos do samba de reis, surgia depois da ação fazer/aprender, e logo se podia notar o resultado do trabalho.

E assim, já era a meia noite e já se despontava um novo dia, e todos já começavam a se despedir e aguardavam ansiosamente o novo leilão que seria no próximo ano.

Observação 3

Cheguei à comunidade no dia 4 de Janeiro de 2017 em uma quarta-feira, ao entardecer. Tudo normal e tranquilo. Saí às 08h e comecei o trabalho de observação. Nas ruas estava tudo normal, me dirigi até a Praça João Gonzaga onde reside dona Euníldes Borges e Sr. Manoel Alves dos Santos "sumpu", observei um pequeno movimento na casa de dona Euníldes, procurei ao Sr. que é vizinho da mesma, que entra e sai era aquele? E ele me respondeu de forma tranquila e educada, que a mesma faz parte do resado e que estava aguardando alguns parentes que moram em São Paulo, viriam passar o mês de ~~agosto~~ Janeiro e iriam prestigiar o evento. Às 11h 30m. retornei para casa.

Turno Vespertino -

Às 13h já estava na Rua do Alexim, e estava tudo tranquilo, a tarde estava movimentada e não havia ninguém nas ruas.

Fui a praça da igreja onde mora d. Nem e dona Baiana, percebi que as mesmas estavam arrumando as roupas para o evento, não estavam confeccionando roupas novas, elas arrumavam as que já tinham. As coroas elas passavam um pano, as saias elas primeiro sacudiam e colocavam em cima da mesa. Percebi que ao fazerem esse trabalho elas não reclamavam, elas demonstraram responsabilidade e interesse em fazer bem feito que nem se reclamavam da ausência das outras. Voltei para a Rua do Slerim e de longe já percebi que o sr. João Reis estava na porta com o sr. Pedro Alcântara e se aproximou deles a professora Natália Fatobá e o sr. Josival Borges. Eles conversam por um bom tempo, porém, não sentaram, ouviram e em seguida saíram. Aproximei-me dos senhores e fiquei por um tempo sentada com eles. Os mesmos falam das mudanças de tempo e das dificuldades que o homem do sertão enfrenta, mas ressaltaram a coragem e a bravura de um sertanejo.

Turno noturno.

Chegou um dos comerciantes do povoado, e mesmo veio no posto de gasolina que fica vizinho a casa do sr. João Reis e lá ficou conversando onde começou a comentar o número de pessoas. Convidaram-me a sentar e lá fiquei. A conversa era interessante, pois falavam da política do município, onde se predomina dos grupos rivais o grupo boca branca e o grupo boca preta. Mostraram-se alegres, pois o grupo de boca preta que não vence as eleições há muitos anos tinha sido eleito e muitos da roda de conversa acreditam em um futuro promissor. A partir das 21h e 30m a roda de conversa aos poucos vai se desfazendo, apenas o sr. Eliezer disse em sua saída: "rapaziada vamos dormir que amanhã tem festa de reis." O sr. João Reis apenas sorriu e estava de pernas cruzadas recitou um verso com o nome do Eliezer:

"Aqui é o João Reis Galado, que mora em São Tomé, pentado na igreja, vamos ver Deus por quem é, o rapaz muito educado e amigo Eliezer". E assim, se desfez a roda.

Observação
4

É chegado o dia doreisado, a sexta-feira dia 06 de Janeiro! Pela manhã não ~~o~~ tinha movimento, a mercearia estava fechada até meio dia, dona Marizete começou a rouver a porta, quando me viu me cumprimentou e disse: "gosto de rouver meu terreiro mais cedo pro festora, mas esse diabete está me matando." Foi aqui por ali e me dirigir até a Praça em que dona Eunildes Borges mora. A casa dela estava fechada, pois as visitas tinham chegado e foram todos para o povoado de Amélia que fica afastado de São Tomé 2 Km, os mesmos tinham ido rouver amigos e convidar a comunidade para participar da festa.

Turno Vespertino

A mercearia abriu as 14 h, e o Sr. Pedro Afântara estava ao lado de sua esposa Dona Darcy, com um bom tempo começa a chegar à ~~vizinhana~~ vizinhança e já se fala na festa de reis, porém, de maneira muito sutil pude perceber uma insatisfação entre uma conversa e outra. Logo entendi, o grupo do reisado tinha que sair da Rua do Flechim e não da Praça São Gonzaga. Entre uma fala e outra, surgiu uma criança de bicicleta, o mesmo era portador de um recado que todos estariam na casa do Sr. João Reis, de onde sairiam pelas principais ruas do povoado. De imediato o semblante de todos mudou, pois, as ideias voltaram a entrar em pleno acordo.

Chegou a noite, já percebemos algo no ar, uma alegria contagiante no rosto das pessoas que começam a chegar, O Sr. João Reis está com sua viola e começa a aquecer seus dedos e o céu com a sua beleza infinita

parece que as estrelas brilham mais forte. En-
fim, começa mais uma noite de reis, chegam do
povoado de Almeida 08 mulheres que já cantam
reis e vieram acompanhadas de algumas pes-
soas da comunidade que atenderam ao convite
que receberam durante o dia. Já com tudo or-
ganizado, dona Eunildes Borges faz a abe-
tura cumprimentando a todos com uma boa
noite e faz uma alusão a presença dos vi-
sitantes de São Paulo e a comunidade de
Almeida.

Saem em desfile, seguem em direção à
Rua do Oiapão que vão até o final da
mesma, sendo que, a rua possui mão dupla
e fazem a primeira parada na casa do
srº Manoel Delgado, dali o grupo segue
em direção a casa do srº Jurandir que
é no final da rua. Retornaram pela outra
avenida, por essa outra via seguem e param
na casa do srº Manzinho, que é um senhor
que já é falecido, e que também, deixou
seu legado, pois animava as noites com

sua sanzona mesmo que não fizesse ninguém sentado ao seu lado. Seu filho Gerson, permanece até a atual data, e o mesmo aprecia o evento e espera todos os anos o grupo com ~~peças~~ guloseimas (balas, pirulitos e salgadinhos) algumas

Próxima parada, faz na praça João Gonzaga, se dá na casa de dona Nena que é uma professora aposentada da comunidade, muito embora, a mesma esteja com a saúde abalada, sempre participa de tudo que se refere a cultura no tocante a comunidade, e mesma foi responsável pela penitência durante 50 anos. Não se faz uma parada na casa de dona Eunildes Borges, que durante toda essa caminhada e nessas paradas sempre alguém acompanha, e vai sempre comandando em relação a quantidade de pessoas, faz-se a última parada na casa de seu Ney, lá faz-se encontro um número de pessoas que se juntando ao que chega soma um número de aproximadamente 118 pessoas.

O grupo permanece até 22h. e 10 min, e em seguida segue para a casa do Sr. João Reis onde fazem o encerramento do evento, evento esse que podemos observar muita interação, entusiasmo e sentimento. É às 23h. e 40 min. encerra em grande estilo a festa de 2017, sendo que cada um já sai se autoanalizando e dizendo que poderão fazer melhor no ano seguinte. Tudo isso, pude ver com o olhar de pesquisador, que com esse olhar pude concluir que não devo apenas copiar, anotar, observar e o essencial e necessário, mas também estabelecer uma interação, me levando a crer que eles são realmente atores sociais que trazem a cultura impregnada, e a expressam através de ações, realizações e sentimentos.

Cheguei à comunidade no dia 04 de fevereiro em uma quinta-feira a entardecer. Chovia muito nesse dia e não havia pessoas nas ruas.

Observação 5

Sexta-Feira, ao amanhecer logo às 7:00h, fiquei na porta da senhora Ofiene, a sua estava aparentemente normal, fui até a praça Sisaleira e nenhum movimento. Sai até a Praça João Gonzaga e também não tinha movimento. Às 11h.30 min. retornei para a Rua do Alcium e dona Darcy estava à frente da sua residência, cumprimentei com um bom dia e a mesma me falou sobre a tranquilidade que sente em morar em São Tomé, e externou o prazer que sente em viver na loja que é seu lugar preferido.

Turno vespertino - Saí às 13h desta feita fui a Rua do Papão e todos estavam em suas devidas ocupações, ou seja, em suas lojas. Apenas duas senhoras estavam em pé ^{em} sua porta. Refornei pela Avenida João Regis, tinha alguns jovens na porta de um supermercado, os mesmos bebiam e curriam

música em alto som, continuei nessa
avenida, pois ~~na mesma~~ é aí que fica
situado o CMDC. Retornei até a Rua
do Alcorim e lá tinha algumas pes-
soas na porta do sr. João Reis,
ali fiquei a observar, mesmos es-
tavam a conversar apenas sobre a
rotina diária.

Turno noturno - Fiquei na porta
do sr. João junto com sua esposa,
e logo, logo o mesmo veio para a
porta, percebi que ele estava um pouco
pensativo. Sua esposa disse: "preocu-
pou esta noite meu velho não dorme."
Indaguei, porquê? Ela me disse, na
véspera do aniversário ele não costu-
ma dormir de tanta ansiedade. Ele
disse: "Ah dona Ceci, fico preocupa-
do, esse povo novo de hoje não quer
aprender nada, nem nossa cultura!"

Em seguida pediu licença e se dirigiu até a casa do vizinho, o srº Almiraldo. Permaneci ainda por algum tempo e as 21h 00 min. Saímos cada um para suas casas.

Observação 06

Às 08h30 min chega a sobrinha do srº João Reis, a mesma ~~me~~ traz um recado do seu pai o srº Osvaldo, conhecido como flize que toca pandeiro. Pediu a bênção a seu tio e lhe disse que seu pai o chamara. Foi convidada para acompanhá-lo, seguir com os mesmos. Ao chegarmos fomos recebidos por sua esposa e mandou que nos dirigíssemos ao quarto, já presenciava seu Osvaldo muito doente com CA na próstata, e o mesmo disse que tinha mandado chamar o srº João Reis porque queria cantar com "ele" uma "moda". O srº João perguntou: Você aguenta? Este respondeu sim. Pediu o pandeiro e começaram a cantar. O srº Osvaldo estava muito debilitado, vindo a falecer no mês de abril, causando muita comoção e tristeza na comunidade.

Turno vespertino - São 13h30 min. Fiquei na porta da mercearia, e em seguida dona Marizete apareceu e lamentou sobre a situação do sr. Osvaldo, quando o sr. João Reis chegou lamentou que já tinha perdido dois irmãos e infelizmente via mais ~~um~~ um se acabando. O mesmo foi confortado pelos vizinhos e se dirigiu para sua casa. Sua esposa permaneceu e disse que o médico havia lhe dado poucos dias de vida, a mesma se retirou, pois, se mostrara preocupada com seu esposo.

Turno noturno - É chegada à noite, e às 19h iniciou o reizado, ~~um~~ tinha um número bem reduzido de pessoas que vieram até a casa do sr. João. O mesmo se mostrava triste com a situação de seu irmão. Chega à

professora Julieta que demonstra domínio com a dança e a música, dona Ném, dona Baiana e dona Alzimir. O sr^o João Reis fez a abertura: "Menino nós vamos hoje, cantar nosso divino Santo Reis, para Jesus abrir as portas e nos abençoar," elas iniciam cantando "o reis" das mulheres, ele prossegue com mais três músicas, e não fazem a caminhada pela comunidade. O sr^o João Reis faz o encerramento dizendo: "O Divino Santo Reis que nos dê a paz e nos proteja." Esse foi mais um dia de vivência, e no rosto do sr^o João Reis todos observaram muita tristeza, e mesmo assim ele se apresenta com uma fluidez marcante, diante de tudo ele consegue transmitir calma levando os parentes a participarem do momento de modo particular.

